

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E SOCIEDADE**

**LITERATURA E DISCURSO:
PRÁTICAS DE LEITORES DO FINAL DO SÉCULO XIX NO
BRASIL PELO OLHAR DE MACHADO DE ASSIS**

Pedro Ivo Silveira Andretta

**SÃO CARLOS – SP
2015**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA,
TECNOLOGIA E SOCIEDADE**

PEDRO IVO SILVEIRA ANDRETTA

**LITERATURA E DISCURSO:
PRÁTICAS DE LEITORES DO FINAL DO SÉCULO XIX NO
BRASIL PELO OLHAR DE MACHADO DE ASSIS**

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade, do Centro de Educação e Ciências Humanas, da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Nádea Regina Gaspar

São Carlos – SP
2015

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

A561Ld

Andretta, Pedro Ivo Silveira.

Literatura e discurso : práticas de leitores do final do século XIX no Brasil pelo olhar de Machado de Assis / Pedro Ivo Silveira Andretta. -- São Carlos : UFSCar, 2015.
98 f.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São Carlos, 2015.

1. Leitura. 2. Leitores. 3. Literatura. 4. Arqueologia. 5. Análise do discurso. 6. Assis, Joaquim Maria Machado de, 1839-1908. I. Título.

CDD: 418.4 (20ª)

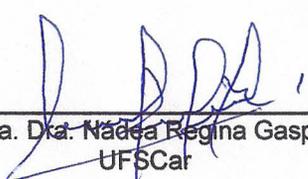


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Sociedade

Folha de Aprovação

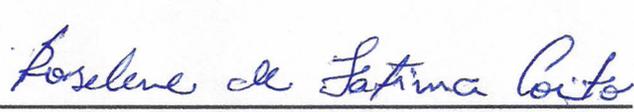
Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado do candidato Pedro Ivo Silveira Andretta, realizada em 26/02/2015:



Profa. Dra. Nádea Regina Gaspar
UFSCar



Profa. Dra. Debora Cristina Ferreira Garcia
UFSCar



Profa. Dra. Roselene de Fatima Coito
UEM

O que esta escrito aqui, vô?

Deixa que eu leio, vô!

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Profa. Dra. Nádea Regina Gaspar, pela paciência e generosidade nas orientações acadêmicas, profissionais e pessoais, nesses tantos anos de convivência.

À banca examinadora, Profa. Dra. Roselene de Fatima Coito e à Dra. Débora Cristina Ferreira, pela leitura atenta e cuidadosa desta dissertação e por suas contribuições valorosas.

À Profa. Dra. Luzmara Curcino, pela acolhida junto ao LIRE e incentivo com os estudos sobre a leitura e os leitores.

Aos companheiros do LIRE Simone Varella, Pâmela Rosin e Clarissa Conti, pelas risadas e companhia nas leituras.

Aos amigos, Eduardo Silva, Renan Ramos, Felipe Mussarelli, Hélio Pajeú e João Silveira, pelas aprendizagens e trocas de saberes.

Aos amigos, Abner Santos, Marcel Berbert e Diego Saqui, vizinhos-irmãos.

Aos amigos Priscila Motta, Huri Ferreira, Andressa França, Mayara Bernardino e Vivianne Sobral, que fizeram valer as aulas no PPGCTS,

Aos professores do PPGCTS e ao secretário Paulo Lazaretti, pelo empenho e atenção,

Aos amigos Wanderson Araújo, Marcos Hubner e Larina Rosa pela ajuda e companhia na chegada a Porto Velho,

À CAPES pelo apoio financeiro para o desenvolvimento dessa pesquisa

À minha família, e em especial aos meus pais José Carlos e Rosângela, e aos meus avós Roque e Anna (*In memoriam*), pelo amor, presença e incentivo ao longo da minha vida.

À Deus, por guiar os meus caminhos, fazendo sempre o melhor por mim.

**LITERATURA E DISCURSO:
PRÁTICAS DE LEITORES DO FINAL DO SÉCULO XIX NO BRASIL PELO
OLHAR DE MACHADO DE ASSIS**

RESUMO:

O objetivo desta pesquisa é compreender o modo como Machado de Assis enunciou os leitores e algumas práticas de leitura no Brasil, no final do século XIX. Desse modo, selecionamos três obras machadianas, a saber, “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881), “Quincas Borba” (1891) e “Dom Casmurro” (1899). No decorrer do trabalho teórico empreendemos uma historicização do interesse de Foucault acerca da temática da Literatura, distinguindo cinco posicionamentos do filósofo em relação a essa. Assim, analisamos as obras machadianas à luz do aporte teórico-metodológico de Michel Foucault tendo em vista suas noções de “simulacro” e “transgressão”, para a compreensão desses textos literários. Posteriormente, abordamos a perspectiva arqueológica foucaultiana no âmbito dos estudos do discurso em seus conceitos de “enunciado”, “série”, “sujeito”, “materialidade”, “campo associado”, “discurso” e “arquivo”, com a finalidade de identificar e descrever conjuntos de “enunciados” e “formações discursivas”. Já em nossas análises descrevemos três “formações discursivas”, quais sejam: “Os sujeitos leitores do final do XIX segundo Machado de Assis”, “As características dos sujeitos leitores do final do século XIX segundo Machado de Assis” e “Os modos de ler do final do século XIX segundo Machado de Assis”. Consideramos, ao final, que as formações e enunciados discursivos caracterizam um arquivo discursivo: “As práticas de leitores do final do século XIX segundo Machado de Assis”. Esse arquivo discursivo demonstra a importância de Machado de Assis, dentre as muitas que ele possui também como formador de condutas de leitores, já que esses estavam principiando no Brasil, no final do século XIX. Assim, o autor constrói enunciados “de verdades”, materializando nas suas obras condições sócio-histórico-culturais do espaço em que viveu e as práticas dos leitores com os quais conviveu. Por fim pontuamos que o objetivo de nossa dissertação foi alcançado de modo que o aporte teórico e metodológico mobilizado foi suficiente e produtivo para nossas análises, sem, entretanto, esgotar as possibilidades do *corpus*, tendo em vista nossas futuras análises dos textos literários pela ótica foucaultiana.

Palavras-chave: Leitura; Leitores; Literatura; Arqueologia; Análise do Discurso; Assis, Joaquim Maria Machado de, 1839-1908; Foucault, Paul-Michel, 1926-1984

**LITERATURE AND DISCOURSE:
READERS' PRACTICES IN LATE 19TH CENTURY BRAZIL FROM MACHADO DE
ASSIS' STANDPOINT**

RESUMO:

The objective of this research is to understand how Machado de Assis, in his literary works, represented and enunciated readers and some reading practices in late 19th century Brazil. To that end, we selected three of Machado's works: "The Posthumous Memoirs of Bras Cubas" (1881), "Quincas Borba - Philosopher or Dog" (1891) and "Dom Casmurro - Lord Taciturn" (1899). To build our theoretical basis we took to historicizing Foucault's interest in the theme of Literature, distinguishing five of the philosopher's positions regarding that field. Therefore, we analyzed Machado's works in light of the theoretical and methodological support of Michel Foucault's considerations taking into account his notions of "simulacrum" and "transgression" to read those literary texts. Subsequently, we approach Foucaultian archaeological perspective in the field of discourse studies in its concepts of "statement", "series", "subject", "materiality", "associated field", "discourse" and "archive" with the purpose of identifying and describing sets of "statements" and "discursive formations". Our analyzes, in their turn, describe three "discursive formations", namely: "Late 19th century readers, according to Machado de Assis", "Characteristics of readers at the end of the 19th century, according to Machado de Assis" and "Late 19th century ways to read, according to Machado de Assis." We reach the conclusion that such discursive formations and statements characterize a discursive archive, that is: "Late 19th century readers' practices, according to Machado de Assis." This discursive archive demonstrably proves the importance of Machado de Assis, among many others he has proved to have, as a tutor for reading conduct, as readers were beginning to multiply in Brazil at the end of the 19th century. Thus, Machado weaves statements "of truths", materializing in his works the social, historical and cultural conditions of the space in which he lived and practices of readers with whom he interacted. Lastly, we highlight that the purpose of our thesis was achieved and that the theoretical and methodological contributions mobilized were sufficient and productive for our analyzes without, admittedly, exhausting the possibilities of the corpus with a view to our future analyzes of literary texts from a Foucaultian perspective.

Keywords: Reading. Readers. Literature. Archaeology. Discourse analysis. Assis, Joaquim Maria Machado de, 1839-1908. Foucault, Paul-Michel, 1926-1984

No íntimo da prática científica há um discurso que diz: “Tudo não é verdade; mas em todo ponto, e a todo momento, há uma verdade a dizer e a ver, uma verdade que dormita, talvez, mas que não espera senão nosso olhar para aparecer, nossa mão para desvelar-se; cabe a nós encontrar a boa perspectiva, o ângulo conveniente, os instrumentos necessários, pois, de qualquer forma, ela está ali e está ali por toda parte.” Mas encontramos também, profundamente ancorada em nossa civilização, esta ideia que a ciência repugna e, com ela, a filosofia: a verdade, como o raio, não nos espera por toda parte onde temos a paciência de espreitá-la e a habilidade de surpreendê-la; mas ela tem instantes propícios, lugares privilegiados não somente para sair da sombra, mas, sem sombra de dúvida, para produzir-se; se há uma geografia da verdade, é aquela dos sítios onde ela reside (e não apenas dos lugares onde nos colocamos para melhor observá-la); sua cronologia é a das conjunções que lhe permitem chegar como um acontecimento (e não aquela dos momentos dos quais se deve aproveitar para apercebê-la, como entre duas nuvens). Poder-se-ia encontrar em nossa história toda uma “tecnologia” dessa verdade: ponto de referência de suas localidades, calendário de suas ocasiões, saber dos rituais no meio dos quais ela se produz

(FOUCAULT, M. **A Casa dos Loucos**. Ditos e Escritos I, p. 309).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. FOUCAULT E A LITERATURA	15
1.1 A Literatura no Discurso de Michel Foucault	16
2. ARQUEOLOGIA E DISCURSO: UMA COMPREENSÃO	40
2.1 A Perspectiva Arqueológica de Michel Foucault	41
2.2 Princípios Arqueológicos para a Análise dos Saberes	45
3. A LEITURA ENUNCIADA DISCURSIVAMENTE NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS	55
3.1 Algumas Considerações Iniciais	57
3.2 Os sujeitos leitores do final do século XIX segundo Machado de Assis	62
3.3 As características dos sujeitos leitores do final do século XIX segundo Machado de Assis	70
3.4 Os modos de ler do final do século XIX segundo Machado de Assis	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	92

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é compreender o modo como Machado de Assis enunciou os leitores e algumas práticas de leitura no Brasil, no final do século XIX. Para tanto, recorreremos à teoria arqueológica de Michel Foucault (2008, 2008a), no que diz respeito aos conceitos de “enunciado”, “série”, “sujeito”, “materialidade”, “campo associado”, “discurso”, “arquivo” e “práticas discursivas”, aplicando-os em três obras machadianas: “Memórias Póstumas de Brás Cubas (1881)”, “Quincas Borba (1891)” e “Dom Casmurro (1899)”.

Desenvolver um estudo hoje sobre Literatura, relacionado a alguma das teorias da Análise do Discurso francesa é um desafio. Isso porque, é recorrente no domínio literário, as pesquisas conceberem orientações teóricas próprias. Nos últimos anos, porém, diversos estudos literários vinculam em sua gênese as teorias da Análise do Discurso de orientação francesa, as quais surgem no cenário nacional brasileiro como campos férteis para novos olhares na pesquisa científica, revelando posições de sujeitos, preocupados, também, com posturas interdisciplinares. Nesse horizonte, por exemplo, no âmbito dos entremeios dos Estudos Literários e do Discurso temos diferentes pesquisas no Brasil¹ que tomam a análise do texto literário sobre diferentes perspectivas teóricas discursivas.

Nesta perspectiva por nós mobilizada há teóricos que já se estabilizaram no terreno literário, por exemplo, o filólogo russo Mikhail Bakhtin ou ainda, sob outra perspectiva, o linguista francês Dominique Maingueneau². Outros se encontram “em via de estabilização” no campo literário, se é que poderíamos assim chamar, como os filósofos franceses Michel Pêcheux e Michel Foucault, os quais desenvolveram conceitos sólidos para a Análise do Discurso, que vem sendo aplicados e adaptados, também, nos estudos do discurso literário.

Abordar a temática da leitura e dos leitores, do mesmo modo, é colocar-se em um espaço igualmente complexo de fronteiras ilimitáveis, onde se somam estudos de diferentes ordens. Neste percurso, por exemplo, o historiador francês Roger Chartier vem se preocupando com a história da leitura e dos leitores; Paulo Freire se consolidou no caminho para a leitura e educação escolar; Angela Kleiman acena para a história da

¹ A exemplo de Roselene de Fátima Coito (2003), Marisa Martins Gama Khalil (2001), Maria de Fátima Cruvinel (2002) entre tantos outros.

² Os quais desenvolveram instrumental analítico específico para a literatura.

formação dos leitores brasileiros; Marisa Lajolo e Regina Zilberman entremeiam a leitura e a literatura. Bem como uma série de correntes teóricas que procuram identificar e teorizar o lugar do sujeito leitor junto ao texto, como a Semiótica, a Estética da Recepção, etc.

No âmbito dos estudos em Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), mestrado ao qual esta pesquisa se vincula, pretendemos abordar o modo como Machado de Assis enunciou algumas práticas de leitura no Brasil, no final do século XIX.

A partir do aporte teórico da Análise do Discurso de filiação francesa, em particular a de Michel Foucault, e com nosso olhar atento a algumas das obras machadianas citadas acima, é que podemos caracterizar e compreender alguns dos sujeitos leitores e leitoras pressupostos ou, ainda, materializados e idealizados por Machado de Assis, e como foram enunciados por ele os modos de ler dos leitores, bem como as práticas de leitura no Brasil oitocentista. Isto é, pretendemos escavar a superfície do discurso literário procurando compreender como eram enunciados os sujeitos leitores em suas práticas de leituras, em particular, no período situado no final do século XIX, segundo o olhar do escritor carioca Machado de Assis, um representante do movimento realista na literatura brasileira de sua época, sendo hoje, um cânone e um dos principais literatos nacionais.

O estudo que segue, deste modo, marca, ao mesmo tempo, uma continuidade e uma descontinuidade em relação aos trabalhos que estivemos desenvolvendo nos últimos anos³, assim como a possibilidade de um novo olhar para o campo da Literatura vinculado ao CTS. Continuidade por retomar, em parte, uma temática e abordagem já presentes em nossos trabalhos anteriores, que tocaram a obra machadiana e sua leitura pela perspectiva foucautiana. Descontinuidade pelo novo foco, que é não mais olhar para as capas e conteúdos ou para as representações dos leitores que leram a obra machadiana, mas sim para o próprio legado de Machado de Assis.

Afirmamos anteriormente acerca de “um novo olhar para o campo da Literatura vinculado ao CTS”, pois frequentemente o que se observa nos estudos em CTS são os questionamentos e reflexões sobre os antecedentes sócio-históricos relacionados aos fenômenos científicos e tecnológicos, ou ainda, sobre os desafios tecnológicos e as estratégias e políticas para a promoção da Ciência, Tecnologia e Inovação. Embora os

³ Foi possível publicar, derivado das pesquisas dos últimos anos: Andretta (2012, 2013), Andretta; Gaspar (2012, 2013), Gaspar; Andretta (2012), Andretta; Curcino (2012).

estudos acima em CTS sejam de extrema relevância, nosso olhar buscou traçar relações entre o CTS e a Literatura.

O semiólogo francês Roland Barthes, em sua aula inaugural de Semiologia Literária no Collège de France, indica à posição e função da Literatura em relação às Ciências e a Sociedade quando diz:

A literatura assume muitos saberes. Num romance como Robinson Crusoé, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto numa, é a disciplina literária que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real (BARTHES, 2004, p. 18).

Não pressupomos, certamente, que tudo o que a Literatura diz é “a verdade”, tampouco que exista uma única verdade, mas que essa seja produzida em lugares e tempos propícios e chegam a nós, veiculada pelos diferentes meios midiáticos e por meio dos diferentes discursos.

De acordo com os pressupostos acima de Barthes (2004) é que nosso olhar orientou-se para a perspectiva de Michel Foucault (1996) quando esclarece que todos os discursos, e, por conseguinte, todos os textos produzidos em uma sociedade são controlados e ordenados por “vontades de verdade”. Sendo assim, concebemos que o texto literário guarda, encarna e materializa, condições de possibilidade comuns a toda uma sociedade e época que lhe permite emergência, e, por conseguinte, melhor se adere a essas quanto maior sua adesão aos regimes de verdades vigentes. Os discursos, assim, segundo Foucault (1996) inserem-se nos documentos, ou melhor, em diversas materialidades, e essas encontram-se, certamente, nos textos, nos documentos.

O historiador francês Jacques Le Goff (2008), embasado nos pressupostos foucaultianos, diz que os acontecimentos históricos, muitas vezes, são descritos por meio de relatos, de narrações daquele que pode dizer “eu vi, senti”. Sob essa perspectiva, os problemas da objetividade dos pesquisadores, da não inocência dos documentos, da construção do fato histórico como ocorrido mesmo, sempre foram de uma maneira ou de outra, questionados. Nesse embate, o historiador francês Michel de Certeau (1977) compreende que a história é também uma prática social, que conserva, preserva e guarda, mas também esconde, apaga e nega os materiais da memória, que podem ser apresentadas, grosso modo, tal como coloca Le Goff (2008), por dois tipos:

os “monumentos” que foram herdados do passado e os “documentos” que foram escolhidos pelo historiador para seu projeto de investigação. Sobre essa distinção Michel Foucault (2008) propõe o conceito, de “documento-monumento” quando afirma:

[...] a história, em sua forma tradicional, se dispunha a “memorizar” os monumentos do passado, transformá-los em documentos e fazer falarem estes rastros que, por si mesmos, raramente são verbais, ou que dizem em silêncio coisa diversa do que dizem; em nossos dias, a história é o que transforma os documentos em monumentos e que desdobra, onde se decifravam rastros deixados pelos homens, onde se tentava reconhecer em profundidade o que tinham sido uma massa de elementos que devem ser isolados, agrupados, tornados pertinentes, inter-relacionados, organizados em conjuntos (FOUCAULT, 2008, p. 8).

Le Goff (2008, p. 538) complementa sinalizando que o “documento-monumento” é um testemunho criado por ação de vários poderes e diferentes ordens como as: sociais, econômicas, culturais, jurídicas ou espirituais, para servir como um instrumento de poder, e, por isso, “no limite, não existe um documento-verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo”.

No limiar entre a veracidade da história encontrada na literatura, a pesquisadora do discurso literário Marisa Gama Khalil apresenta-nos que:

A literatura funciona assim, não como uma negação da história, mas com a revisão dela. Para que a revisão se concretize é preciso mostrar que não existe verdade, e dar um foco diferenciado aos fatos expostos ordenadamente pelas instituições, que tentam discipliná-los e arrumá-los. E é nesse sentido que se funda o espaço da diferença da literatura. Nela não há verdades. Nos outros espaços, fora da literatura, também não há verdade – as verdades são construções históricas (GAMA-KHALIL, 2010, p.190).

Se, como diz acima Khalil (2010) “as verdades são construções históricas” e, se as verdades encontram-se, como dito por Le Goff (2008) nos “documentos monumentos”, e ainda, se esses documentos, no nosso caso, estão contidos nos documentos literários, é aqui, portanto, que assentamos nossa pesquisa.

Para nós são nos “documentos-monumentos” literários, no caso, machadianos, que encontramos as produções de verdades de uma dada época, no caso, as verdades enunciadas em práticas de leitura e nos posicionamentos de leitores que se apresentaram no século XIX no discurso literário, na voz de Machado de Assis.

Como será possível comprovar na análise das obras de Machado, a veracidade histórica sobre aspectos da leitura e dos leitores no final do século XIX no Brasil, será

vista, então, em obras literárias desse autor. Com isso, buscar-se-á comprovar, por meio da análise de enunciados discursivos, que a Literatura revela aspectos de acontecimentos históricos e, portanto, História – no caso da leitura e dos leitores – e Literatura não se excluem ou se colocam em paralelo, mas antes se somam, imbricam e se colocam em relação, em constante cruzamento.

No contexto, ainda, o que se tentará provar, também, é que a história da leitura e dos leitores do final do século XIX no Brasil e a literatura são atravessadas, também, pelos regimes do discurso machadiano que, produzem e controlam suas verdades, circulando no espaço social. Deste modo, esta pesquisa tem seu espaço junto aos estudos interdisciplinares em Ciência, Tecnologia e Sociedade, tendo em vista a linha de pesquisa em Linguagens, Comunicação e Ciência. Nessa linha, assentamos nosso olhar, então, nos estudos do discurso de Michel Foucault em sua relação com a literatura, em especial, a machadiana.

Percorrido acima, embora sucintamente, os entremeios entre CTS, Literatura e a proposta teórica foucaultiana que domina o presente estudo, resta-nos apresentá-lo. Diante disso, nas próximas páginas o leitor encontrará uma proposta de dissertação dividida em três eixos:

No primeiro capítulo, intitulado “Foucault e a Literatura” é exposta a compreensão do texto literário sob a ótica do filósofo francês Michel Foucault. Para tanto, procuramos criar uma historicização do interesse do filósofo sobre a temática da literatura, destacando alguns textos como entrevistas, ensaios, conferências, artigos, etc. que, permeiam, principalmente, os diferentes volumes da Coleção “Ditos e Escritos”, buscando o entendimento de suas influências e conceitos sobre os quais refletiu.

No segundo capítulo, intitulado “Arqueologia e Discurso: uma compreensão” nos detivemos em estudar o que é, para Michel Foucault, a perspectiva arqueológica nos estudos do discurso. Desse modo, pontuamos brevemente a obra “A Arqueologia do Saber” e alguns dos conceitos desenvolvidos por Foucault para uma análise discursiva, os quais nos serão também válidos nas análises, que serão feitas a seguir.

No terceiro e último capítulo intitulado “A Leitura enunciada discursivamente na obra de Machado de Assis” trazemos os resultados de nossas análises empreendidas nos livros “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881), “Quincas Borba” (1891) e “Dom Casmurro” (1899). Nossas análises dividiram-se em três grandes formações discursivas “Os sujeitos leitores”, “As características dos leitores” e “Os modos de ler” no final do século XIX.

1. FOUCAULT E A LITERATURA

Ao olharmos para o legado da obra de Michel Foucault, entendemos que em sua trajetória o filósofo desenvolveu princípios teórico-metodológicos, aplicou-os em temáticas por ele escolhidas e aprofundou-as ao longo de sua trajetória de estudos. Sobre isso, o filósofo pontua logo no início de sua obra “A Arqueologia do Saber”:

Não me pergunte quem sou e não me diga para permanecer o mesmo: é uma moral de estado civil; ela rege nossos papéis. Que ela nos deixe livres quando se trata de escrever (FOUCAULT, 2008, p. 20).

Nessa liberdade de escrever foram várias as frentes de estudos levantadas por Foucault que , posteriormente foram sistematizadas também pelo filósofo francês Gilles Deleuze (1998), em três grandes dimensões daquilo que Foucault sempre se ateve: os estudos sobre “o homem” em suas relações com o saber⁴, o poder⁵ e o estudos da subjetivação, da ética, dos cuidados de si⁶.

Diante do vasto legado de Foucault, queremos acentuar que alguns temas passam quase despercebidos pelos próprios estudiosos, ou melhor, ainda foram pouco explorados pelos pesquisadores, tal como é o caso dos estudos de Foucault em torno da Literatura.

Neste capítulo vamos circundar a Literatura, enquanto objeto de análise desta pesquisa, averiguando a trajetória do interesse de Foucault pela temática literária e identificando como ele lança noções e trabalha os conceitos de diferentes estudiosos de seu tempo. Para tanto, recorreremos em grande medida as publicações de Foucault reunidas e distribuídas nos diferentes volumes da Coleção “Ditos e Escritos”, também em alguns outros textos, em especial “Raymond Roussel” e “Linguagem e Literatura”, bem como alguns de seus críticos contemporâneos, em especial Roberto Machado.

⁴ Obras de Michel Foucault que compreendem o período de 1961 até 1971.

⁵ Obras de Michel Foucault do período de 1971 a 1975.

⁶ Obras de Michel Foucault de 1976 até 1984.

1.1 A Literatura no Discurso de Michel Foucault

Foucault foi um leitor de diferentes pensadores alemães e sua formação inicial se deu, sobretudo, dentro do domínio da psicologia e da fenomenologia. Isso pode ser atestado verificando suas primeiras obras publicadas entre 1954 e 1957, como “Introdução a Binswanger”, “A Psicologia de 1850 a 1950”, “A Pesquisa Científica e a Psicologia” e “Doença Mental e Psicologia”. Vemos nestes títulos que a temática do homem já ocupava, de algum modo, um lugar importante em suas pesquisas.

Dessas obras, nesse primeiro momento das publicações de Foucault, e para tocar a questão da literatura, interessa-nos a “Introdução a Binswanger”⁷ redigida por Foucault para a tradução da obra “Le rêve et l'existence”⁸ de 1954, do psicólogo suíço Ludwig Binswanger. Publicada inicialmente em 1930, ela trata de uma então nova abordagem terapêutica, a chamada, *Daseinsanalyse*⁹, operada pelos pressupostos filosóficos da fenomenologia, tal como concebida pelo filósofo Martin Heidegger.

Nessa “Introdução”, podemos encontrar o posicionamento bastante marcado de Foucault influenciado pelas correntes teóricas e disciplinares que o cercava na época quando ele afirma:

Uma obra ulterior se esforçará em situar a análise existencial no desenvolvimento da reflexão contemporânea sobre o homem; nela, tentaremos mostrar, segundo a inflexão da fenomenologia para a antropologia, quais os fundamentos propostos à reflexão concreta sobre o homem (FOUCAULT, 2010, p. 71).

Além disso Foucault, no mesmo texto, declara seu conhecimento sobre a psicologia e expõe a posição crítica quanto ao postulado de Sigmund Freud sobre a interpretação do sonho. Nesses termos, o filósofo assume os ideais de Binswanger e compreende o sonho como uma condição de vivência que constitui originalmente uma linguagem revestida de sentido, e por isso dotada de uma “sintaxe e morfologia” próprias, que não podem ser reduzidas a linguagem da consciência. O sonho é entendido

⁷ Esse texto pode ser encontrado em:

FOUCAULT, M. **Problematização do Sujeito**: psicologia, psiquiatria, psicanálise. 3. edição. Organização de Manoel Barros da Motta; tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2010 (Ditos e Escritos I).

⁸ O título original em alemão é “Traum und Existenz”, em português “Sonho e Existência”.

⁹ A *Daseinsanalyse* foi desenvolvida como um método e tornou-se, em seguida, uma forma de intervenção terapêutica que procura compreender o mundo vivido dos pacientes psicóticos (MOREIRA; PITA, 2012).

por Foucault (2010, p. 88, 97, 103, 122) como “uma experiência imaginária”, “um indício antropológico de transcendência”, uma “luz originária da liberdade do homem” e de sua existência, a “condição primeira de possibilidade da imaginação”.

Nesse contexto, compreendemos duas noções caras para distinguir e delimitar, no pensamento de Foucault, a sua compreensão sobre literatura: a relação entre a imagem e a imaginação.

A imagem faz referência a um conteúdo objetivo do real, a alusão a uma realidade, a um conteúdo perceptivo, a um “como se”, a uma “fixação da quase presença” e, no limite, a exterioridade; já a imaginação esta relacionada ao delírio, a uma experiência de transcendência, a uma forma de conhecimento, o qual não acrescenta nada de novo ao já sabido mas ensina sobre si. De tal modo que, o teórico (FOUCAULT, 2010, p. 127 - 128) afirma: “ter uma imagem é renunciar a imaginar”, “a imagem constitui uma astúcia consciência para não mais imaginar; ela é o instante do desencorajamento no duro trabalho da imaginação”.

A expressão poética, ou ainda a Literatura, para Foucault (2010, p. 127-128), teria assim sua maior dimensão quanto menos descobrisse “substitutos da realidade”, recolhesse analogias e recriasse “desdobramentos” e “metáforas”, e tão mais, quando restituísse ao máximo a presença para si mesma. Acrescentando ainda:

Os inventores de imagens descobrem semelhanças e caçam as analogias; a imaginação, em sua verdadeira função poética, medita sobre a identidade [...] se é verdade que ela [a imaginação] circula através de um universo de imagens, não é na medida em que ela as promove e reúne, mas na medida em que ela as quebra, as destrói e as consome: ela é, por essência, iconoclasta¹⁰ (FOUCAULT, 2010, p. 129).

A literatura, assim, ou ainda a “expressão poética”, tal como evocada por Foucault nesse texto, é um movimento contínuo da imaginação e nesse âmbito, “a ‘arte poética’ só tem sentido se ensinar a romper a fascinação das imagens, para reabrir para a imaginação seu livre caminho, em direção ao sonho que lhe oferece, como verdade absoluta, seu ‘inquebrantável núcleo de noite’” (FOUCAULT, 2010, p. 131). Ou ainda:

O verdadeiro poeta recusa-se ao desejo realizado da imagem, porque a liberdade da imaginação impõe-se a ele como uma tarefa de recusa: “No decorrer de sua ação no meio dos terrenos roçados da universalidade do Verbo, o poeta íntegro, ávido, impressionável e temerário guardar-se-á de

¹⁰ Iconoclasta é o nome dado àquele que estraga ou destrói imagens religiosas, símbolos, monumentos artísticos etc.

simpatizar com as empreitadas que alienam o prodígio da liberdade em poesia.”¹¹ O valor de uma imaginação poética se mede pela potência de destruição interna da imagem (FOUCAULT, 2010, p. 127).

Entendemos, assimque, para Foucault, Literatura e Sonho nessa época, estariam no mesmo plano à medida que ambos permitiriam a vazão ao imaginário. Tanto o sonho como a linguagem poética, ou ainda se quisermos tomar aqui, a linguagem literária seria um meio, uma expressão da imaginação.

A compreensão de Foucault em relação a Literatura, contudo, não se esgotará nessa relação com o sonho, mas será tocada anos mais tarde ao elaborar sua tese de doutoramento intitulada “História da Loucura” e da publicação da “Introdução a Rousseau”, tal como segue abaixo.

Em “História da Loucura”, publicada em 1961, Foucault aborda as condições de possibilidade para a emergência de um saber sobre a loucura, a necessidade do ocidente e sua razão, de excluir a loucura, enfim a “arqueologia do silenciamento da linguagem da loucura”. Nessa obra já não há a busca da loucura pela sua essência, tal como Foucault tratou em seus escritos sobre psicologia da década de 1950, mas uma busca pelos diferentes discursos que indissociados a uma rede de práticas passam a ocupar-se do louco na cultura ocidental na Antiguidade, Idade Média e Renascimento.

No primeiro prefácio dessa obra¹², Foucault comenta sobre a possibilidade de uma “história dos limites”, das experiências-limites, dos gestos, esquecidos logo que concluídos, pelos quais uma cultura rejeita algo, tornando esse seu Exterior, seu “espaço do fora” e com isso criando um isolamento um “espaço branco”, um vazio, que por si designa tanto quanto seus valores. Temos assim, o primeiro passo de Foucault procurando sair do terreno da fenomenologia, da perspectiva do sujeito transcendental, que não se procura um sujeito ou presença essencial e fundante, mas a ausência e o silêncio igualmente fundamentais.

A Literatura em a “História da Loucura” não passa despercebida, de tal modo que Foucault recorre nessa obra a autores literários para ilustrar as diferentes mudanças de posição dos discursos e práticas no decorrer da história ou até mesmo sua proposta analítica. Essa influência da Literatura em “A História da Loucura” é confirmada por

¹¹ Do original, Nota do Editor, ver:

CHAR, Rene. Partage formel. Paris: Gallimard, 1983 (Bibliothèque de la Pléiade, 33). p.163.

¹² O prefácio escrito por Foucault para “História da Loucura”, intitulado “Folie et déraison” só aparece de modo integral na edição primeira e desaparece completamente nas reedições após 1972, mas podemos hoje encontrá-lo em “Ditos e Escritos I”, organizado por Manoel Barros da Motta. Desde 1972, a obra “História da Loucura” conta com um novo prefácio, também de Foucault.

Michel Foucault, quando ele concede uma entrevista ao jornalista Jean-Paul Weber do jornal francês “Le Monde”, também em 1961, cujo texto ficou conhecido como “A Loucura só existe em uma Sociedade”¹³. Segue excerto da entrevista:

- E como lhe veio a ideia de sua tese?
- Colette Duharnel, na época na Table Ronde, tinha me pedido uma história da psiquiatria. Propus, então, um livro sobre relações entre o médico e o louco. O eterno debate entre razão e desrazão.
- Influências?
- Sobretudo das obras literárias... Maurice Blanchot, Raymond Roussel. O que me interessou e guiou é uma certa forma de presença da loucura na literatura (FOUCAULT, 2010, p. 162).

Segundo o filósofo Caio A. T. Souto (2013, p. 34) Foucault em “História da Loucura”, privilegiou a literatura por situá-la “[...] numa espécie de lugar comum com a loucura, comungando com esta o caráter de ser uma experiência originalmente fundadora, no vazio que criam, e por um efeito contrário, da própria razão e do discurso racional”.

A ruptura de Foucault com o trabalho de relacionar Literatura e Sonho pode ser observada sob a forma de um ensaio que o filósofo dedica ao pensador Jean-Jacques Rousseau, publicado em 1962, cujo título é: “Introdução a Rousseau”¹⁴, para uma reedição da obra “Diálogos”. Nesse ensaio são comentadas as obras autobiográficas de Rousseau: “Confissões”, “Diálogos: Rousseau juiz de Jean-Jacques” e “Devaneios de um caminhante solitário”. Nestas autobiografias, Rousseau elabora uma experiência literária nova, na qual se confundem o narrador e o personagem, ou ainda, o autor e a própria pessoa da qual o texto fala, ou mais, o autor, o nome próprio, o nome Rousseau e Jean-Jacques e J.J., na expectativa de confundir aquele que fala e de quem se fala, criando o encontro, confuso, de todas essas pessoas em meio a devaneios, fragmentos de lembranças e sonhos.

Nesse jogo, Foucault refere-se as obras como um espaço onde sonho e literatura se imbricam, o sujeito desaparece, se dispersa e se multiplica:

¹³ Esse texto pode ser encontrado em:

FOUCAULT, M. **Problematização do Sujeito**: psicologia, psiquiatria, psicanálise. 3. edição. Organização de Manoel Barros da Mota; tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2010. (Ditos e Escritos I).

¹⁴ FOUCAULT, M. **Problematização do Sujeito**: psicologia, psiquiatria, psicanálise. 3. edição. Organização de Manoel Barros da Mota; tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2010. (Ditos e Escritos I).

[...] dolorosa dispersão daquele que é ao mesmo tempo seu "sujeito" e seu "objeto", o espaço escancarado de sua linguagem, o ansioso depósito de sua letra, sua solução, enfim, em uma palavra que rediz natural e originalmente o "eu", e que restitui depois de tantas obsessões a possibilidade de sonhar, depois de tantos procedimentos forçosos a abertura livre e ociosa do passeio (FOUCAULT, 2010, p. 173).

Advertindo, tal como entendemos, que as personagens que emergem dos “Diálogos” não são senão uma única, que sonha e fala.

Também nesse ensaio Foucault, ao concluir sua exposição, elabora um pequeno diálogo, bastante denso, no qual simula ser interrogado por um interlocutor que o questiona sobre a obra de Rousseau, inquerindo sobre a relação dela com a loucura, tal como vemos no trecho abaixo:

- Os Diálogos não são, então, a obra de um louco?
- Essa pergunta importaria se ela tivesse um sentido; mas a obra, por definição, é não loucura.
- A estrutura de uma obra pode deixar aparecer o desenho de uma doença.
- É decisivo que a recíproca não seja verdadeira.
- O senhor a impediu de ser verdadeira ao se obstinar a não falar nem de delírio, nem de perseguição, nem de crença mórbida etc.
- Eu inclusive fingi ignorar que a loucura estava presente em outros lugares, e antes dos Diálogos: nós a vemos nascer e podemos segui-la em toda a correspondência desde 1765.
- O senhor colocou a obra antes da possibilidade da loucura, como que para melhor apagar a loucura da obra; o senhor não mencionou os pontos nos quais o delírio irrompe. Quem poderia acreditar, se tiver bom-senso, que a Córsega foi anexada para irritar Rousseau?
- Que obra demanda que se lhe acrescente fé, caso ela seja uma obra?
- Em que ela é diminuída, se ela é delirante?
- É uma estranha liga de palavras, e bastante bárbara, esta, tão frequente (tão elogiosa em nossos dias) que associa obra e delírio; uma obra não pode ter seu lugar no delírio; pode ocorrer apenas que a linguagem, que do fundo de si mesma a torna possível, a abra, além disso, ao espaço empírico da loucura (como teria podido abri-la também àquele do exotismo ou do misticismo).
- Portanto, uma obra pode existir delirante, desde que ela não seja "delirada".
- Só a linguagem pode ser delirante. Delirante é, aqui, um participio presente (FOUCAULT, 2006, p. 182-183).

Entendemos, assim que, no início dos anos de 1960 Foucault revê seu posicionamento desenvolvido quando da publicação de sua “Introdução a obra de Binswanger”, ao notar que é possível a fusão da experiência dos sonhos com a linguagem do pensamento e, tão mais, sua tradução, vamos assim dizer, para a linguagem literária. A imagem do espaço onírico ao ser recriado por Rousseau rompe com a ideia de que o sonho é a condição primeira da possibilidade da imaginação. Isso posto, o filósofo irá tomar a Literatura em sua relação com a loucura, não no sentido que o texto literário é um produto da loucura, mas reconhecendo que ela também pode ser

ouvida neles. A Literatura teria a possibilidade de reproduzir a palavra do louco, seus delírios, seus desejos, seu silenciamento, enfim, a experiência da loucura e as mudanças de posição dos discursos e práticas que a cindiram na história.

Entretanto, em nossa leitura, compreendemos que Foucault deixará os questionamentos da “Literatura” da relação com o “Sonho”, ou ainda a “Loucura”, para fixar-se no terreno da “Linguagem”, refletindo conceitos de vários estudiosos da Literatura, como: “ficção”, “fictício”, “transgressão”, “simulacro” e “fábula”. Trabalhando, concomitantemente o conceito de “espaço” em sua estreita relação com a escrita literária.

Conforme expõe Manoel de Barros da Motta (2006), nos primeiros anos da década de 1960, Foucault passa a participar da revista francesa “Tel Quel” e, por conseguinte, insere-se nas discussões sobre Literatura. A revista “Tel Quel”, fundada pelos escritores e críticos franceses de literatura Philippe Sollers e Jean-Edern Hallier, tinha o intuito de dar visibilidade aos debates e ensaios sobre o tema de importantes literatos, pesquisadores e artistas em geral. Julia Kristeva, Gérard Genette, Roland Barthes, Maurice Blanchot, Georges Bataille entre outros, que de algum modo o influenciam:

É a leitura destes autores [Sollers, Guyotat e demais autores que publicavam na revista *Tel Quel*] que vai produzir em Foucault a ruptura com o marxismo, a fenomenologia e o existencialismo que fechavam o horizonte dos estudantes em sua época (MOTTA, 2006, p. VII).

Junto ao grupo de teóricos da “Tel Quel” Foucault participa de colóquios e publica alguns textos específicos sobre Literatura intitulados: “A Linguagem ao infinito”, “Distância, Aspecto, Origem”, “Debate sobre o Romance” e “Debate sobre a Poesia”.

O envolvimento do filósofo com a literatura cresce, mediante seu contato com o crítico e literato, Phillippe Sollers, que desenvolveu compreensões sobre a noção de “ficção”. Para Sollers, em seu ensaio “Lógica da ficção”, publicado em 1962, quando se está diante de um discurso, seja ele qual for, encontramos-nos diante de uma ficção.

Nesse sentido é que Foucault, em 1963, dedica parte do ensaio “Distância, Aspecto e Origem”¹⁵ para refletir sobre a compreensão do que é “ficção” e o “fictício”,

¹⁵ Esse texto pode ser encontrado em:

a partir dos escritos dos literatos Jean Thibaut, Jean Louis Baudry, Marcelin Pleynet e Sollers. Dessa discussão, destacamos a fala do autor:

E se me pedissem para definir, enfim, o fictício, eu diria, sem firulas: a nervura verbal do que não existe, tal como ele é. Apagarei, para remeter essa experiência ao que ela é (para tratá-la, portanto, como ficção, pois ela não existe, é sabido), apagarei todas as palavras contraditórias pelas quais facilmente se poderia dialetizá-la: nivelamento ou abolição do subjetivo e do objetivo, do interior e do exterior, da realidade e do imaginário. Seria necessário substituir todo esse léxico da mistura pelo vocabulário da distância, e mostrar então que o fictício é um afastamento próprio da linguagem - um afastamento que tem nela seu lugar, mas que também a expõe, dispersa, reparte, abre. Não há ficção porque a linguagem está distante das coisas; mas a linguagem é sua distância, a luz onde elas estão e sua inacessibilidade, o simulacro em que se dá somente sua presença; e qualquer linguagem que, em vez de esquecer essa distância, se mantém nela e a mantém nela, qualquer linguagem que fale dessa distância avançando nela é uma linguagem de ficção. É possível então atravessar qualquer prosa e qualquer poesia, qualquer romance e qualquer reflexão, indiferentemente (FOUCAULT, 2006, p. 69).

A “ficção” é aqui compreendida como uma atividade de pensamento que não é exclusiva das artes em geral, mas que pode atravessar qualquer discurso desde que se coloque a distância e fale dessa distância. Ainda sobre a linguagem da “ficção” o filósofo expõe:

Há, entretanto, nessa linguagem da ficção um instante de origem pura: é o da escrita, o momento das próprias palavras, da tinta mal seca, o momento em que se esboça aquilo que por definição e em seu ser mais material só pode ser traço (signo, em uma distância, para o anterior e o posterior (FOUCAULT, 2006, p. 70).

Mas não será apenas as movimentações na “Tel Quel” que balançaram Foucault para o domínio da literatura. Nessa mesma época, o filósofo, ao visitar uma livraria, esbarra-se com a obra de Raymond Roussel; um escritor francês, que influenciou o movimento surrealista e *nouveau roman*¹⁶. O fascínio de Foucault pelo escritor é imediato; é tão maior quando se depara com “Comment j’ai écrit certains de mes livres”¹⁷, obra póstuma de Roussel, na qual explica os procedimentos adotados por ele para escrever seus livros e propõe uma chave de leitura à sua obra. Desse encontro

FOUCAULT, M. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2 edição. Organização de Manoel Barros da Motta, tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos, III).

¹⁶ Em português, “Novo romance”.

¹⁷ A tradução em português chegou recentemente ao Brasil pela editora Cultura e Barbárie com o título “Como escrevi alguns de meus livros”.

Foucault escreverá em 1962, "Dizer e ver em Raymond Roussel"¹⁸ para a revista "Lettre ouverte", que futuramente se tornará, com alguns ajustes, o primeiro capítulo do livro "Raymond Roussel".

Também em 1963 Foucault publica dois livros, o "Nascimento da Clínica" e "Raymond Roussel". Desses, deteremo-nos no último.

"Raymond Roussel" é o único livro de Foucault dedicado exclusivamente a Literatura e a análise e crítica literária. É nele que o filósofo fixa-se na relação da literatura, loucura, morte e espaço, descobrindo, nas alterações de sentido, frases, inversões de palavras, trocas de letras e encontros fonéticos tão próprios da obra de Roussel, uma nova ressignificação para sua compreensão sobre literatura e linguagem.

A linguagem literária é entendida aqui como uma nova experiência de linguagem, que só é possível no domínio da literatura, na condição da "pobreza" que atinge a linguagem. A linguagem é vista como finita ao lado da infinidade de coisas que se pode dizer por meio dela. Mas a "pobreza" da linguagem é necessária:

Se a linguagem fosse tão rica quanto o ser, ela não seria mais que o duplo inútil e mudo das coisas; ela não existiria, e no entanto, sem nome para nomeá-las, as coisas permaneceriam dentro da noite. [...]. Em todo caso, seria necessário formas bem singulares de experiências (bem "desviantes", quer dizer, desconcertantes) para tornar visível esse fato linguístico nu: que a linguagem só fala a partir de uma falta que lhe é essencial (FOUCAULT, 1976, p. 186-187, tradução nossa¹⁹).

Diante disso, Foucault reconhece que o discurso literário, tal como se vê na poesia de Roussel, emerge da fissura aberta pela repetição da linguagem e não somente da imaginação e do sonho, da loucura, como teria concluído até então em seus estudos. Do redizer, da repetição da linguagem, do já dito, da duplicação, surge o jamais dito, o canto singular, isso é "do eco fiel nasce a pura invenção do canto" (FOUCAULT, 1976, p. 72, tradução nossa²⁰).

¹⁸ Esse texto pode ser encontrado em:

FOUCAULT, M. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2 edição. Organização de Manoel Barros da Motta, tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos, III).

¹⁹ Da versão em espanhol:

Si el lenguaje fuera tan rico como el ser, no sería más que el doble inútil y mudo de las cosas: no existiría y, sin que el doble inútil y mudo de las cosas: no existiría y, sin embargo, sin nombres para nombrarlas, las cosas quedarían en la noche. [...] En todo caso, hacían falta formas muy singulares de experiencias (muy "desviadas", es decir desconcertantes) para iluminar ese hecho lingüístico desnudo: el lenguaje sólo habla a partir de una carencia que le es esencial.

²⁰ Da versão em espanhol: Del eco fiel nace la pura invención del canto.

A literatura, tal como vista por Foucault na obra de Roussel, é caracterizada como “murmúrio”²¹, uma expressão que será frequente em seus próximos textos:

Em *La Vue* e nos textos afins, as coisas são as que se abrem pelo meio e que fazem nascer de sua plenitude, como uma superabundância de vida, toda uma proliferação de linguagem; e as palavras, de uma ribeira a outra de coisas (das mesmas coisas), fazem aparecer um mundo cotidiano, frequentemente infantil, de pensamentos, de sentimentos, de murmúrios bem conhecidos, do mesmo modo que, no vazio que separa uma palavra de si mesma quando a repete, o procedimento lançava a massa de suas maquinarias nunca vistas, mas oferecidas sem mistério ao olhar (FOUCAULT, 1976, p. 133, tradução nossa²²).

O “murmúrio”, para a compreensão da literatura, é retomado em 1964 em uma conferência dada por Foucault na “*Facultés Universitaires Saint-Louis*”, em Bruxelas, intitulada “*Linguagem e literatura*”²³. Nesse texto o filósofo conceitua inicialmente a literatura e a obra:

Como vocês sabem, a literatura é o murmúrio de tudo o que é pronunciado e, ao mesmo tempo, o sistema transparente que faz com que, quando falamos, sejamos compreendidos [...], a obra [...] [é] a configuração da linguagem que se detém em si própria, se imobiliza e constrói um espaço que lhe é próprio, retendo nesse mesmo espaço o fluxo do murmúrio que lhe dá espessura à transparência dos signos e das palavras [...], a literatura, que não é exatamente nem obra, nem linguagem [...] é de certo modo um terceiro termo, o vértice de um triângulo por onde passa a relação da linguagem com a obra e da obra com a linguagem (FOUCAULT, 2012, p. 140).

Para Foucault (2012, p. 142) a palavra mobilizada, dispendida, escrita para a produção literária, não tem por essência a literatura ou o direito natural à literatura, de tal modo que, a obra só é literatura no exato momento de seu começo, quando a página ainda está em branco, pura da escrita em sua superfície, depois disso ela se torna uma obra que manifesta uma linguagem. Sobre isso o filósofo indicá-nos:

²¹ Entendemos o “murmúrio”, como um discurso que pronunciado por um sujeito em forma de linguagem, o faz não com o mesma intensidade sonora dos demais discursos. A literatura enquanto murmúrio não é nem silêncio ou fala plena.

²² Da versão em espanhol:

En *La Vue* y los textos emparentados, las cosas son las que se abren por el medio y que hacen nacer de su plenitud, como una superabundancia de vida, toda una proliferación del lenguaje; y las palabras, de una ribera a la otra de las cosas (de las mismas cosas), hacen aparecer un mundo cotidiano, a menudo infantil, de pensamientos, de sentimientos, de murmullos bien conocidos, del mismo modo que, en el vacío que separa una palabra de sí misma cuando se la repite, el procedimiento lanzaba la masa de sus maquinarias nunca vistas, pero ofrecidas sin misterio a la mirada.

²³ Esse texto pode ser encontrado em:

FOUCAULT, M. **Linguagem e Literatura**. In: MACHADO, R. Foucault, a filosofia e a literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

O que faz com que a literatura seja literatura, que a linguagem escrita em um livro seja literatura, é uma espécie de ritual prévio que traça o espanto da consagração das palavras.

Por conseguinte, quando a página em branco começa a ser preenchida, quando se começa a transcrever palavras nessa superfície ainda virgem, cada palavra se torna de certo modo absolutamente decepcionante com relação à literatura, pois não há nenhuma palavra que pertença por essência, por direito de natureza, à literatura. Quer dizer que cada palavra real é de certo modo uma transgressão da essência pura, branca, vazia, sagrada da literatura que faz de toda obra não a realização da literatura, mas sua ruptura, sua queda, seu arrombamento (FOUCAULT, 2012, p. 142).

Ainda na direção do entendimento sobre a palavra na obra e a obra de linguagem Foucault diz:

Pois, para dizer a verdade, nada em uma obra de linguagem é semelhante àquilo que se diz cotidianamente. [...] O papel colado no quadro cubista não está aí para produzir um efeito de veracidade, mas, ao contrário, para, de certo modo, romper o espaço do quadro. Do mesmo modo, a linguagem verdadeira, está aí para romper o espaço da linguagem, para lhe dar como que uma dimensão sagital que não lhe pertence naturalmente (FOUCAULT, 2012, p. 144).

Em “Linguagem e Literatura” Foucault aborda, ainda, sobre o nascimento da Literatura, questionando a relação linguagem e literatura:

Não é tão evidente que Dante, Cervantes ou Eurípedes sejam literatura. Cervantes, hoje fazem parte da literatura, pertencem a ela, mas graças a uma relação que só a nós diz respeito: fazem parte de nossa literatura, não da deles, pela excelente razão que a literatura grega ou latina não existem. Em outras palavras, se a razão da obra de Eurípedes com a nossa linguagem é efetivamente literatura, sua relação com a linguagem grega certamente não o era (FOUCAULT, 2012, p. 139).

Foucault revela outra maneira de situar o limiar de existência da literatura, datando-a especificamente para o fim do século XVIII início do XIX. Isto é, a literatura emerge “quando aparece uma linguagem que retoma e consome em sua fulguração outra linguagem diferente, fazendo nascer uma figura obscura mas dominante na qual atuam a morte, o espelho, e o duplo, o ondeado ao infinito das palavras” (FOUCAULT, 2006, p. 57); quando “a linguagem renuncia à sua tarefa milenar — a de recolher o que não se deve esquecer — no momento em que a linguagem descobre que está ligada pela transgressão e pela morte ao fragmento de espaço tão fácil de manipular, mas tão árduo de pensar, que é o livro” (FOUCAULT, 2012, p. 173); “quando a palavra de Deus e a retórica se cala no mundo Oriental, ou em parte dele, e é substituído pelo “infinito do

murmúrio”, pela repetição, pelo volume do livro e da Biblioteca” (FOUCAULT, 2012, p. 153).

A literatura, nesses termos, é definida então como:

A literatura – que não deve ser o próprio ser compreendida nem como a linguagem do homem nem como a palavra de Deus, nem como a linguagem da natureza, nem como a linguagem do coração ou do silêncio – é uma linguagem transgressiva, mortal, repetitiva, reduplicada: a linguagem própria do livro (FOUCAULT, 2012, p. 154).

A “transgressão” é também um conceito trabalhado por Foucault, quando redige, em 1963, um ensaio intitulado "Prefácio à transgressão"²⁴ para a revista “Critique”, dedicado ao escritor literato francês Georges Bataille, que cunha o conceito. Segundo o filósofo francês:

A transgressão é um gesto relativo ao limite; é aí, na tênue espessura da linha, que se manifesta o fulgor de sua passagem, mas talvez também sua trajetória na totalidade, sua própria origem. A linha que ela cruza poderia também ser todo o seu espaço. O jogo dos limites e da transgressão parece ser regido por uma obstinação simples: a transgressão transpõe e não cessa de recomençar a transpor uma linha que, atrás dela, imediatamente se fecha de novo em um movimento de tênue memória, recuando então novamente para o horizonte do intransponível. Mas esse jogo vai além de colocar em ação tais elementos; ele os situa em uma incerteza, em certezas logo invertidas nas quais o pensamento rapidamente se embarça por querer apreendê-las. O limite e a transgressão devem um ao outro a densidade de seu ser: inexistência de um limite que não poderia absolutamente ser transposto; vaidade em troca de uma transgressão que só transporia um limite de ilusão ou de sombra (FOUCAULT, 2006, p. 32).

Sobre “transgressão”, Foucault diz, ainda nesse ensaio, que ela não se encontra no limite, tal como, por exemplo, do exterior para o interior, do proibido para o permitido, mas ligado a esse, relacionado a esse, de tal modo que uma simples infração não o extingue. A “transgressão” não pretende opor nada a nada ou abalar um fundamento, não é violência, não é negativo, mas antes procura afirmar o limite, uma divisão, a diferença.

A “transgressão”, para o filósofo, é comparada ao

[...] relâmpago na noite que, desde tempos imemoriais, oferece um ser denso e negro ao que ela nega, o ilumina por dentro e de alto a baixo, deve-lhe

²⁴ Esse texto pode ser encontrado em:

FOUCAULT, M. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2 edição. Organização de Manoel Barros da Motta, tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos, III).

entretanto sua viva claridade, sua singularidade dilacerante e ereta, perde-se no espaço que ela assinala com sua soberania e por fim se cala, tendo dado um nome ao obscuro (FOUCAULT, 2006, p. 33).

Na conferência “Linguagem e Literatura”, Foucault (2012, p. 145) retoma a noção de “transgressão” ao comentar sobre a obra do Marques de Sade, quando diz: “Sade foi o primeiro a articular, no final do século XVIII, a palavra de transgressão. [...] A obra de Sade é sem dúvida, o limiar histórico da literatura”. Com isso ele alerta que, de certo modo, toda a obra de Sade não passa de uma reprodução das obras filosóficas e literárias do século XVIII a qual procura apagar.

Em 1964 Foucault também publica para a revista “La Nouvelle Revue française” o artigo “A prosa de Actão”²⁵, dedicado ao escritor Pierre Klossowski e sua obra literária “Le Baphomet”. Neste artigo, o filósofo francês aborda a problemática do “simulacro”, que é explorada por Klossowski ao posicionar-se contra o antagonismo ou ainda dualismo próprio da tradição judaico-cristã, os quais distinguem, por exemplo: Deus e Satanás, o bem e o mal, corpo e alma, luz e sombra etc., insistindo na experiência da eterna insinuação do mesmo.

Na obra de Klossowski há o jogo das experiências alternantes movendo-se sob a forma de simulacros, os bons tornam-se maus, os rivais revelam-se cúmplices, os carrascos salvadores, os mortos vivos. E mais, “[...] o sujeito falante se dispersa em vozes que se sopram, se sugerem, se apagam, se substituem umas às outras – dispersando o ato de escrever e o escritor na distância do simulacro em que ele se perde, respira e vive” (FOUCAULT, 2006, p. 122). O espaço do simulacro é para Foucault (2006, p. 123): “o lugar contemporâneo, mas ainda escondido da literatura”.

Nesses termos, o simulacro é entendido por Foucault como:

[...] vã imagem (em oposição à realidade); representação de alguma coisa (em que essa coisa se delega, se manifesta, mas se retira e em um certo sentido se esconde); mentira que faz tomar um signo por um outro: signo da presença de uma divindade (e possibilidade recíproca de tomar este signo pelo seu contrário); vinda simultânea do Mesmo e do Outro (simular é, originariamente, vir junto) (FOUCAULT, 2006, p. 114).

Assim o filósofo concebe que o narrador, aquele que fala, é um simulador de si, reiterando os conceitos de espaço e do duplo quando diz, sobre a obra de Klossowski,

²⁵ Esse texto pode ser encontrado em:

FOUCAULT, M. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2 edição. Organização de Manoel Barros da Motta, tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos, III).

mas que, como visto: “[...] o ser da literatura não concerne nem aos homens nem aos signos, mas ao espaço do duplo, ao vazio do simulacro [...]” (FOUCAULT, 2006, p. 123). A literatura, assim, nasce da simulação daquele que fala, do apagamento do eu para fazer aparecer a simulação de si, da distância da linguagem literária em relação ao mundo.

Em 1966, Foucault publicará o artigo “Por trás da fábula”²⁶, texto esse dedicado ao autor de “Viagem ao centro da terra” e “Vinte mil léguas submarinas”, Júlio Verne. Nesse trabalho, Foucault circunda a literatura distinguindo, agora, “fábula” e “ficção”, ponderando que a primeira diz respeito ao que é contado – episódios, personagens, funções desses personagens e acontecimentos – e, a segunda, é o regime da narrativa – postura do narrador em relação aquilo que narra em seu olhar sobre as coisas, personagens, acontecimentos etc. Ele expõe ainda que

a fábula é feita de elementos colocados em uma certa ordem. A ficção é a trama das relações estabelecidas, através do próprio discurso, entre aquele que fala e aquele do qual ele fala. Ficção, "aspecto" da fábula (FOUCAULT, 2006, p. 210).

Foucault (2006, p. 210-211) afirma, ainda, que “a obra se define menos pelos elementos da fábula do que pelo da ficção”. A fábula de uma narrativa está para as “possibilidades míticas da cultura”, sua escrita para as “possibilidades da língua”, já sua ficção para as possibilidades do “ato da palavra”.

Nesse contexto, o teórico toca o legado literário de Verne, descrevendo as discontinuidades no modo de ficção do literato e a relação que incessantemente se desfaz e se reconstitui em suas narrativas pela ação do narrador, do discurso e da fábula. Além disso, Foucault expõe como Verne trabalha os “romances científicos”, o discurso da ciência e a posição do cientista, expondo que os romances do autor são a “neguentropia”, isto é, a entropia negativa, do saber, recriando a ciência a partir do discurso uniforme da ciência, aproximando-se, pela temática e fábula, dos romances de “iniciação” ou ainda de “formação”.

Como expomos anteriormente, Foucault abordou a relação “Linguagem e Literatura” por meio de vários conceitos, por exemplo, “obra”, “transgressão”,

²⁶ Esse texto pode ser encontrado em:

FOUCAULT, M. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2 edição. Organização de Manoel Barros da Motta, tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos, III).

“simulacro” e abordaremos agora o de “espaço”, o qual é de grande importância para abordar a relação do filósofo com a Literatura.

O entendimento sobre o “espaço”, até onde compreendemos, foi exposto por Foucault entre os anos de 1963 e 1964, quando ele publica “A linguagem ao infinito”, “Distância, aspecto e origem” e “A linguagem do espaço”, retomando o conceito, com maior precisão em “Outros espaços”, texto esse que nos fixaremos.

No texto “Outros espaços”²⁷, apresentado por Foucault na conferência do Círculo de Estudos Arquitetônicos de 1967, na Tunísia e publicado apenas em 1984, o filósofo inicia sua exposição pontuando que, se por um lado a obsessão do século XIX foi a história, o século XX é a “época do espaço”, do simultâneo, da justaposição, do próximo e do distante, do lado a lado e do disperso. Assim, o filósofo delimita, de início, três tipos de espaços, sendo que cada qual é característico de uma época, a saber: o “espaço de localização”, próprio da Idade Medieval; o “espaço da extensão”, iniciado no século XVII; e o “espaço do posicionamento”, dos tempos atuais.

Nesse sentido, Foucault (2006, p. 416) concorda com Gaston Bachelard e os fenomenólogos que, não vivemos hoje em um “espaço homogêneo e vazio”, mas ao contrário, estamos em um “espaço sobrecarregado”, “povoado de fantasmas”, “percepções primeiras”, “devaneios”, “paixões”, “corrente”, “fixo”. O filósofo distingue que esse é o “espaço de dentro” e que haveria um outro, o “espaço de fora”, heterogêneo, permeado por diferentes posicionamentos, que nos atrai para fora de nós mesmo, mas que também nos constitui.

Não vivemos no interior de um vazio que se encheria de cores com diferentes reflexos, vivemos no interior de um conjunto de relações que definem posicionamentos irredutíveis uns aos outros e absolutamente impossíveis de ser sobrepostos (FOUCAULT, 2006, p. 414).

Sobre esses “espaços de fora”, ou ainda, “outros”, o filósofo os descreve como aqueles que perpassam diferentes espaços, por exemplo, os trens que funcionam como parada provisória, os cafés e cinemas, ou ainda os espaços de passagem fechados ou parcialmente fechados como o quarto, a casa, etc., contudo, ele prefere ater-se a dois grandes grupos para os caracterizar: os espaços das utopias e os das heterotopias.

²⁷ Esse texto pode ser encontrado em:

FOUCAULT, M. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2 edição. Organização de Manoel Barros da Motta, tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos, III).

Segundo Foucault (2006, p. 414-415): “as utopias são os posicionamentos sem lugar real [...] são espaços que fundamentalmente são essencialmente irreais”, já “as heterotopias são [...] lugares que são delineados na própria instituição da sociedade, e que são espécies de contraposicionamentos, espécies de utopias efetivamente realizadas nas quais os posicionamentos reais [...] estão ao mesmo tempo representados, contestados e invertidos”. Nos entremeios entre a utopia e a heterotopia, Foucault observa o espelho:

O espelho, afinal é uma utopia, pois é um lugar sem lugar [...] espécie de sombra que dá a mim mesmo minha própria visibilidade, que me permite me olhar lá onde estou ausente: utopia do espelho. Mas é igualmente uma heterotopia, na medida em que o espelho existe realmente, e que tem, no lugar que ocupo, uma espécie de efeito retroativo; é a partir do espelho que me descubro ausente no lugar em que estou porque eu me vejo lá longe. A partir desse olhar que de qualquer forma se dirige para mim, do fundo desse espaço virtual que está do outro lado do espelho, eu retorno a mim e começo a dirigir meus olhos para mim mesmo e a me constituir ali onde estou; o espelho funciona como uma heterotopia no sentido em que ele torna esse lugar que ocupo, no momento em que me olho no espelho, ao mesmo tempo absolutamente irreal, já que ela é obrigada, para ser percebida, a passar por aquele ponto virtual que está lá longe (FOUCAULT, 2006, p. 415).

Da mesma maneira que o espelho se põe no meio entre as utopias e heterotopias do ser, podemos igualmente compreender o “espaço” da literatura. Nesse sentido, o filósofo foucaultiano Caio Souto, expõe:

Entre as utopias e as heterotopias, a literatura esculpe o seu espaço, cavando um vão infinitamente aberto que se desloca para escapar às modificações atualizadoras que a ordem intrínseca ao saber necessita operar para conter a integralidade dos discursos produzidos. Obstinação em situar-se nos limites dessa ordem e a sublevá-la, a literatura se encontra, no entanto, exatamente nela inserida, de onde buscará a todo custo extrair forças para manter-se portadora de uma potência subversiva que, paradoxalmente, só pode guardar em sua inerte espacialidade linguística depositada sobre a brancura inócua de uma folha de papel: um espaço privilegiado precisamente por estar fora de todos os lugares, embora seja perfeitamente localizável nos textos e livros em que se acumula (SOUTO, 2012, p. 90).

Isso é, a literatura, enquanto espaço, marca uma distância originária e intransponível, tal como a imagem refletida no espelho, que torce o espaço da realidade e cria um outro, irreal, mas mantém com o primeiro relações de multiplicidade, imbricações e violência. A literatura para Foucault funda um espaço heterogêneo à medida que simula e confronta com os diferentes posicionamentos da sociedade, por meio da linguagem.

Contemporâneo a exposição “Outros espaços”, ainda em 1966, temos a publicação da obra “As Palavras e as Coisas”. Sobre essa obra convém destacar que, nenhum dos seus capítulos é dedicado a literatura, contudo a temática permeia a obra e além disso, é enunciado, logo no início do prefácio que o livro surgiu a partir da leitura de um texto do escritor literato argentino Jorge Luis Borges. A parte disso, e principalmente, convém destacar que no prefácio há a evocação dos conceitos de espaços, sobre as utopias e heterotopias, justificando, com eles, a emergência dos discursos e da Literatura:

As utopias consolam: é que, se elas não tem lugar real, desabrocham, contudo, num espaço maravilhoso e liso; abrem cidades com vastas avenidas, jardins bem plantados, regiões fáceis, ainda que o acesso a elas seja quimérico. As heterotopias inquietam, sem dúvida porque solapam secretamente a linguagem, porque impedem de nomear isto e aquilo, porque fracionam os nomes comuns ou os emaranham, porque arruinam de antemão a “sintaxe”, e não somente aquela que constrói as frases – aquela, menos manifesta, que autoriza “manter juntos” (ao lado e em frente umas das outras) as palavras e as coisas. Eis por que as utopias permitem as fábulas e os discursos: situam-se na linha reta da linguagem, na dimensão fundamental da fábula: as heterotopias (encontradas tão frequentemente em Borges) dessecam o propósito, estancam as palavras nelas próprias, contestam, desde a raiz, toda possibilidade de gramática; desfazem os mitos e imprimem esterilidade ao lirismo das frases (FOUCAULT, 2002, p. XIII).

Em entrevista que ficará conhecida como “L’homme est-il mort?”^{28,29} concedida por Foucault, em 1966, ao crítico literário francês Claude Bonnefoy para a revista “Arts et Loisirs”, Foucault, assume a perspectiva exposta em “As Palavras e as Coisas” e declara o imbricamento da literatura com todas as manifestações sociais, culturais, filosóficas etc., de uma dada época, a epistémê.

A literatura pertence à mesma trama que todas as outras formas culturais, que todas as outras manifestações do pensamento de uma época. Isso nós o sabemos, mas o traduzimos ordinariamente em termos de influências, de mentalidade coletiva, etc. Ora, creio que a maneira mesma de utilizar a linguagem numa cultura dada em um momento dado está ligada intimamente a todas as outras formas de pensamento. Pode-se perfeitamente compreender de uma só pegada a literatura clássica e a filosofia de Leibniz, a história natural de Lineu, a gramática de Port- Royal (FOUCAULT, 2001, p. 543, tradução nossa³⁰).

²⁸ Em português “O homem está morto?”.

²⁹ Esse texto pode ser encontrado em:

FOUCAULT, M. **Dits et écrits**: I. 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001a.

³⁰ Da versão em francês:

São datadas, também, de 1966, as publicações: “O pensamento exterior” e “Um nadador entre Duas Palavras”, nas quais Foucault também aborda sobre a temática da literatura, sedimentando as proposições que fora articulando no decorrer dos anos anteriores, a saber, da relação do discurso da Literatura com o Homem e a problemática do Sonho. Tomemos inicialmente o primeiro texto, dedicado ao escritor e teórico da literatura Maurice Blanchot o qual desenvolve o conceito de “fora” na Literatura.

Em “O pensamento exterior”³¹, Foucault inicia sua exposição a partir da problematização do falare do narrar, tomando para tanto a análise de duas proposições “eu falo” e “eu minto”, considerando que a primeira, por não trazer uma sub-afirmação que a nega, mas antes, por conter duas afirmações “eu falo” e “eu digo que falo”, possibilitaria a “ficção”. Isto é, como vimos anteriormente, há toda uma relação entre aquele que fala com o que é falado. Por outro lado, a proposição “eu falo”, para o filósofo, não sustenta um discurso primeiro que oferece suporte a fala ao enunciado “eu falo”. A linguagem assim, dissolvendo o sujeito, se esgota em si e abre uma fissura que se estenderia ao infinito pois não seria possível delimitar a quem se dirige, nem se diz a verdade, nem os sistemas representativos que se utiliza. Nas palavras do autor, ao dizer “eu falo”,

em suma, não é mais discurso e comunicação de um sentido, mas exposição da linguagem em seu ser bruto, pura exterioridade manifesta; e o sujeito que fala não é mais a tal ponto o responsável pelo discurso (aquele que o mantém, que através dele afirma e julga, nele se representa às vezes sob uma forma gramatical preparada para esse efeito), quanto à inexistência, em cujo vazio prossegue sem trégua a expansão infinita da linguagem (FOUCAULT, 2006, p. 220).

Diante disso, o filósofo diz que a literatura moderna, que por muito tempo caracterizou-se como uma metalinguagem, “um redobramento que lhe permitiria designar-se a si mesma”, interiorizando-se ao extremo, funcionando apenas como seu próprio enunciado, alertando que é essa, na realidade, muito mais uma passagem para o fora. Nesse sentido, o autor se manifesta:

La littérature appartient à la même trame que toutes les autres formes culturelles, toutes les autres manifestations de la pensée d'une époque. Cela, on le sait, mais on le traduit d'ordinaire en termes d'influences, de mentalité collective, etc. Or je crois que la manière même d'utiliser le langage dans une culture donnée à un moment donné est liée intimement à toutes les autres formes de pensée. On peut parfaitement comprendre d'un seul tenant la littérature classique et la philosophie de Leibniz, l'histoire naturelle de Linné, la grammaire de Port-Royal.

³¹ Esse texto pode ser encontrado em:

FOUCAULT, M. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2 edição. Organização de Manoel Barros da Motta, tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos, III).

A literatura não é a linguagem se aproximando de si até o ponto de sua ardente manifestação, é a linguagem se colocando o mais longe possível dela mesma; e se, nessa colocação “fora de si”, ela desvela seu ser próprio, essa súbita clareza revela mais um afastamento do que uma retração, mais uma dispersão do que um retorno dos signos sobre eles mesmos. O “sujeito” da literatura (o que fala nela e aquele sobre o qual ela fala) não seria tanto a linguagem em sua positividade quanto o vazio em que ela encontra seu espaço quando se enuncia na nudez do “eu falo”.(FOUCAULT, 2006, p. 221).

A ficção, assim, não está nas coisas nem nos homens, mas na relação entre eles, nos seus encontros, proximidades e dissimulação. Nesse contexto, Foucault (2006, p. 225) pondera “a ficção consiste, portanto, não em mostrar o invisível, mas em mostrar o quanto é invisível a invisibilidade do visível”.

Em “Um nadador entre Duas Palavras”³² Foucault dedica sua escrita à memória do escritor surrealista francês André Breton que, segundo a visão do filósofo, deixou uma importante contribuição para o pensamento francês contemporâneo à medida que uniu duas figuras que não conversavam na literatura francesa: a escrita e o saber. Se por muitos Breton era considerado o poeta da loucura, para o filósofo francês, esse deveria ser reconhecido como o escritor do saber. Isso porque à medida que diferentemente dos escritores alemães³³, Breton o fazia de maneira distinta: operacionalizando a escrita para torná-la saber, impelindo o homem em direção ao seu limite, ao intransponível, aproximando daquilo que estaria mais distante, como o inconsciente, a loucura e o sonho.

Nesse contexto, Foucault (2006, p. 244) concebe uma ruptura sobre o sonho na obra de Breton em relação a tradição alemã, na qual, como vimos, o filósofo francês se constituiu, quando diz: “o sonho dos românticos alemães é a noite iluminada pela luz da vigília, enquanto o sonho, para Breton, é o indestrutível núcleo da noite colocado no coração do dia”. Com Breton, e seu esforço de trazer ao homem o saber limite do inconsciente, do sonho, da loucura, Foucault, conforme nos parece, reafirma seu afastamento em relação ao limite do Sonho, tal como apresentara na “Introdução a Binswanger”.

Conforme Roberto Machado (2012) entre os anos que seguem a publicação de “As Palavras e as Coisas”, em 1966, até “A Arqueologia do Saber”, em 1969, Foucault,

³² Esse texto pode ser encontrado em:

FOUCAULT, M. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2 edição. Organização de Manoel Barros da Motta, tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos, III).

³³ A exemplo de Goethe, Thomas Mann e Hermann Broch, que utilizavam a literatura como saber fazendo um trabalho de interiorização da memória.

não escreve particularmente sobre literatura, passando sobre ela em sua conferência “O que é um autor?”, no prefácio para a obra “A vida dos homens infâmes”, na apresentação da obra “A gramática lógica” de Jean-Pierre Brisset e das obras completas de Bataille e algumas poucas páginas dedicadas aos literatos Eugène Sue e Charles Baudelaire.

A entrada na dimensão genealógica, bem como seu interesse pela política e os movimentos que impactam em toda a Europa no final dos anos de 1960, distanciam o Foucault da temática literária. Tanto que na entrevista “Eu capto o intolerável”³⁴, publicada no Journal de Genève em 1971, o filósofo recusa-se a responder qualquer pergunta que tratasse sobre Literatura, Linguística ou Semiologia, dizendo:

Em razão de circunstâncias e de acontecimentos particulares, meu interesse deslocou-se para o problema das prisões, e essa nova preocupação ofereceu-se a mim como uma verdadeira saída, à vista da lassitude³⁵ que experimentava em face da coisa literária (FOUCAULT, 2010a, p. 31).

Apesar disso, Foucault continuou a trazer algumas remissões literárias em “Vigiar e Punir” (1975) e “Vontade de Saber” (1976). Nesse tempo, ainda, o filósofo foi questionado por duas vezes, sobre a relação dos textos literários em suas pesquisas; isso pode ser averiguado em “Loucura, Literatura e Sociedade” como em “Além das fronteiras da filosofia”, mas declarou nessas falas que seus interesses, agora, seriam outros, diferentes daqueles abordados nos anos anteriores.

Em 1970 Foucault volta a comentar sobre a Literatura em uma entrevista a T. Shímizu e M. Watanabe para a revista nipônica “Bungai”, que ficou conhecida como “Loucura, Literatura e Sociedade”³⁶. Nesse texto, o autor aborda suas publicações passadas, cujas traduções chegavam ao japonês, e trata, entre outros temas, sobre a organização de seu pensamento arqueológico e a literatura pontuando o porquê preferiu tomar esse domínio e não outro, como por exemplo, a filosofia, em seus estudos históricos do século XIX e XX.

³⁴ Esse texto pode ser encontrado em:

FOUCAULT, M. **Repensar a Política**. Organização de Manoel Barros da Motta, tradução Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a. (Ditos e Escritos VI).

³⁵ Lassitude tem sentido tanto de cansaço como de tédio.

³⁶ Esse texto pode ser encontrado em:

FOUCAULT, M. **Problematização do Sujeito**: psicologia, psiquiatria, psicanálise. 3. edição. Organização de Manoel Barros da Motta; tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2010. (Ditos e Escritos I).

Sobre a organização do pensamento arqueológico e sua relação com a Literatura, Foucault delimita três eixos: primeiramente em torno da loucura com o poeta alemão Johann Christian Friedrich Hölderlin, do qual tem uma vasta obra sobre a Grécia Antiga e o poeta francês surrealista Antoine Marie Joseph Artaud. Seguidamente, em torno do problema da sexualidade, na qual há destaque para o Marques de Sade, conhecido por suas práticas e relatos “sadistas”, e o poeta francês Georges Bataille. Por fim em torno da linguagem onde encontramos a presença do poeta e crítico francês Stéphane Mallarmé, precursor do movimento parnasianismo na literatura e Maurice Blanchot. Diante disso, o filósofo justifica sua preferência em trabalhar com o literário em lugar da filosofia, dizendo que, nos últimos 150 anos, época essa a qual compreende suas pesquisas e análises, esse domínio teria desaparecido enquanto atividade autônoma:

Tenho a impressão de que, no mundo ocidental, a partir do século XIX, ou talvez do século XVIII, a escolha verdadeiramente filosófica, em outros termos, a **escolha original**, fez-se tendo como pontos de partida os domínios que não mais decorrem da filosofia (FOUCAULT, 2010, p. 234, grifo nosso).

Vale destacar que a “escolha original” é compreendida por Foucault, tal como vimos acima, como uma escolha capaz de influenciar “um conjunto constituído pelo saber humano, as atividades humanas, a percepção e a sensibilidade”. De tal modo que, se na Grécia Antiga a cultura foi influenciada pela escolha original de filósofos como de Parmênides, Platão e Aristóteles, na Idade Média pelo retorno aos filósofos gregos, e no início da Idade Moderna pela posição de filósofos como Descartes, Leibniz, Kant e Hegel, o mesmo não aconteceu nos períodos seguintes, quando Marx e Freud passam a afetar mais o pensamento moderno que seus contemporâneos filósofos como Bergson ou Husserl, ou ainda até mesmo o linguista Saussure que passa a alcançar maior notoriedade que os filósofos neokantianos.

Contudo, o filósofo não nega que domínios como a ciência e a política tenham também, a partir do século XIX operado “escolhas originais”, mas pondera,

se eu tomei o exemplo da literatura, é porque era a forma de escrita, até os dias de hoje, que foi menos recuperada pela ordem estabelecida e que permanece a mais subversiva. Mas, se essa mesma literatura perdeu hoje sua força destruidora, é inteiramente normal que as outras formas de escrita a tenham perdido há muito tempo (FOUCAULT, 2010, p. 256).

Nesse sentido, o filósofo dá dois exemplos para indicar a mudança de postura na recepção literária na França entre os séculos XIX e XX. De um lado, em 1857 vê-se a

censura do romance “Madame Bovary” e o julgamento de seu autor, Gustave Flaubert, por retratar, nessa obra, o adultério e o suicídio no século XIX. E, de outro, nos tempos atuais, em 1971, a aceitação e sucesso de vendas, da obra “Eden, Éden, Éden” de Pierre Goyotat, apesar de ser um texto transgressivo, no qual aparecem atrocidades e obscenidades, numa época em que as práticas homossexuais eram “infalivelmente punidas”.

Para Foucault, deste modo, a temática sobre a literatura “perdeu” sua força transgressiva ao ser assimilada e dominada pela burguesia. A ponto de não mais causar escândalo, e isso é afirmado, em 1978, na entrevista concedida a revista italiana *Playmen*³⁷, em que diz que o conjunto da literatura de massa de sua época é “deploravelmente pobre”.

Já em 1975, integrado a fase “genealógica”, com a escrita de “O Poder Psiquiátrico”, “Os Anormais”, “Vigiar e Punir”, “Em Defesa da Sociedade” entre outros, Foucault concebe uma entrevista ao então jovem filósofo Roger-Pol Droit que virá a ser publicada apenas em 1986 no jornal francês “Le Monde” com o título “Foucault passe-frontières de la philosophie”³⁸.

Na tradução dessa entrevista, Foucault é interrogado sobre sua posição em relação aos textos literários e sobre esses em suas investigações. Ou seja, ao ser perguntado sobre o lugar que os textos literários tinham em suas pesquisas, Foucault ([200-?], p. 1) situa duas obras “História da Loucura” e “As Palavras e as Coisas”, dizendo que a literatura nelas aparece de “passagem”, pois foi algo a ser observado, mas não analisado, segundo suas estruturas literárias internas ou integrado a análise, mas “era um descanso, um pensamento a caminho, uma marca, uma bandeira”. Ainda nesse contexto, o autor comenta sua busca no discurso literário de uma representação dos tantos outros discursos que não teriam como ser formulados, expressos, em um nível mais cotidiano, contudo, declara que passou a preferir, em suas últimas pesquisas³⁹, a “má literatura” em lugar da literatura de vanguarda, lida pelos professores universitários e seus alunos.

³⁷ Esse texto pode ser encontrado em:

FOUCAULT, M. **Estratégia Poder Saber**. 2. edição. Organização de Manoel Barros da Motta, tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a. (Ditos e Escritos IV).

³⁸ Essa entrevista (FOUCAULT, [200-?]) foi parcialmente traduzida com o título “Além das fronteiras da filosofia”, pelo Prof. Wanderson Flor do Nascimento, do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília.

³⁹ A exemplo de “Vigiar e Punir”.

Nesse sentido, Foucault reconhece o princípio da “intransitividade da literatura” e procura se libertar da ideia de que o texto literário seja um receptor ou um meio de tráfico para a expressão absoluta das totalidades dizendo:

Não se deve pretender que a literatura tome as decisões de uma cultura, mas, pelo contrário, se deve analisar por que uma cultura decidiu dar-lhe esta posição tão especial e paradoxal (FOUCAULT, [200-?], p. 3).

Por fim, em 1977, na penúltima edição da revista francesa de literatura e crítica “Les cahiers du chemin”, Foucault expõe o que se tornará o prefácio do primeiro livro da coleção “La vie des hommes infâmes”^{40, 41}. Coleção essa na qual pretende abordar a vida de homens sem reputação, dos homens comuns, das ruas, que chegam por um breve instante a serem retirados da obscuridade por um feixe de poder, e nessa luta contra aqueles que os oprimem.

Nesse prefácio Foucault deixa claro, desde o início, que seu livro não tratará de história, mas sim, de uma “antologia da existência”, composta por memoriais, manuscritos, cartas régias, ordens de prisão e notícias, ou como o filósofo prefere dizer, de “existências-relâmpagos” e “poemas-vidas”, datados, particularmente, dos séculos XVII e XVIII, encontrados a partir da exumação de arquivos do internamento do Hospital Geral, Bastilha e da Biblioteca Nacional da França, desde suas pesquisas para a “História da Loucura”.

O critério do filósofo para a seleção da antologia é assim descrita:

A escolha que nele se encontrará não seguiu outra regra mais importante do que meu gosto, meu prazer, uma emoção, o riso, a surpresa, um certo assombro ou qualquer outro sentimento, do qual teria dificuldades, talvez, em justificar a intensidade, agora que o primeiro momento da descoberta passou (FOUCAULT, 2006, p. 202).

Para além desses critérios, Foucault detalha sua persistência na seleção de textos primeiros que guardassem, ou ainda, mantivessem o maior número de relações possíveis com a realidade, não só a referindo como também a operando, como um instrumento de vingança, de desespero, de súplica, ordem etc. Fragmentos, ou mais, enunciados, que compuseram um discurso que atravessaram vidas e sobre os quais existências foram

⁴⁰ Em português: “A vida dos homens infames”.

⁴¹ Esse texto pode ser encontrado em:

FOUCAULT, M. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2 edição. Organização de Manoel Barros da Motta, tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos, III).

riscadas e perdidas. Existências, aliás, particularmente obscuras, e que estiveram destinadas a não deixar rastros se não fosse animada pela violência, vilania, baixeza, mediocridade, e tão mais por seu encontro com a luz do poder que ao tocá-las só deixaram as palavras, que nenhuma literatura, nessa época, poderia acolher.

Surgia, parece-nos, nesses documentos aos olhos de Foucault um entrelaçamento das relações do discurso, do poder, da vida cotidiana, da verdade, criando uma “fábula” da vida obscura, uma arte de linguagem que deveria dar luz ao que não se podia ou deveria aparecer, ao mostrar o que havia de mais proibido e escandaloso, o “infimo” sobre o “infame”. Constituindo assim, a partir do século XVII, o que se poderia chamar de uma nova ética própria do discurso literário do Ocidente, que é dizer o mais comum dos segredos; marcando uma nova tendência na literatura. Concluindo:

A literatura, portanto, faz parte desse grande sistema de coação através do qual o Ocidente obrigou o cotidiano a se pôr em discurso; mas ela ocupa um lugar particular: obstinada em procurar o cotidiano por baixo dele mesmo, em ultrapassar os limites, em levantar brutal ou insidiosamente os segredos, em deslocar as regras e os códigos, em fazer dizer o inconfessável, ela tenderá, então, a se pôr fora da lei ou, ao menos, a ocupar-se do escândalo, da transgressão ou da revolta (FOUCAULT, 2006, p. 221).

O filósofo concederá já ao fim da vida, em 1984, uma entrevista ao escritor e crítico de literatura Charles Ruas, intitulada “Arqueologia de uma Paixão”⁴², na qual comenta sobre Raymond Roussel e seu projeto artístico, afirmando, ao olhar retrospectivamente e fiel a sua postura de recusar qualquer rótulo: “não sou de forma alguma um crítico literário, não sou um historiador da literatura” (FOUCAULT, 2006, p. 409).

Conforme visto, ainda que de maneira bastante resumida e entrecortada, apesar de Foucault não se posicionar como um crítico, um historiador da literatura, compreendemos que ele esteve, por muitas vezes, dedicando seu pensamento a Literatura e recorrendo a ela para suas pesquisas. Assim, ele ora emprega os textos literários como o eixo norteador de seus estudos, tal como foi em “História da Loucura”, ora busca na Literatura um descanso e prazer como em “Raymond Roussel”, ora de passagem como em “As Palavras e as Coisas”, ora inclusive, como uma marca nas demais obras que se seguiram.

⁴² FOUCAULT, M. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2 edição. Organização de Manoel Barros da Motta, tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos, III).

Fato inquestionável, entretanto, é que Michel Foucault foi um profundo conhecedor dos principais articuladores teóricos da literatura, bem como de muitas das obras literárias mundiais como as francesas, sendo frequentemente convidado a falar e a expor-se criticamente sobre Literatura.

Como vimos acima, portanto, destacamos neste capítulo, ainda que sucintamente, o posicionamento de Foucault sobre a Literatura em cinco momentos distintos:

- a) quando escreve sobre a abordagem terapêutica de Binswanger (1954), tematizando o sonho e tocando com isso a relação da imagem com a imaginação, buscando situar entre elas, a posição da expressão poética;
- b) quando recorre aos textos literários em sua tese de doutorado (1961), para compreender as mudanças de posições dos discursos e das práticas dos loucos e da loucura, e quando reflete a enigmática obra de Rousseau (1962), debruçando-se nela sobre a relação do sonho, do delírio e da loucura.
- c) ao lado de representantes da literatura e dos estudos literários de sua época (início da década de 1960), como Soller, Bataille, Roussel, Klossowski e Verner, refletindo conceitos como “ficção”, “transgressão”, “murmúrio”, “simulacro” e “fábula”, bem como sobre a própria posição da Literatura nos estudos da linguagem.
- d) assumindo e trabalhando o conceito de “espaço” (final da década de 1960), de Bachelard, propondo a “utopia” e “heterotopia”, posicionando o texto literário dentro do que podemos compreender como seu conceito de “epistémê”.
- e) quando já estava inserido nos estudos do poder (década de 1970).

Foucault, portanto, tangenciou e inovou, com intensidade de conhecimento sobre o assunto e maestria sobre a temática da Literatura, como visto.

No próximo capítulo continuaremos a expor aspectos sobre o pensamento foucaultiano, canalizando a atenção, porém, para a obra “A Arqueologia do Saber” (2008), uma vez que é nela que é exposto o método arqueológico por ele concebido. Isso se faz necessário tendo em vista que alguns dos conceitos desenvolvidos por Foucault nesta obra é que serão mobilizados na análise dos textos machadianos.

2. ARQUEOLOGIA E DISCURSO: UMA COMPREENSÃO

A temática sobre Literatura parece-nos, pelos estudos que realizamos até então, surgir com grande frequência nos textos de Foucault no início dos anos 1960 até a publicação de “As palavras e as Coisas”. Depois o filósofo deslocou seu projeto de estudo voltando-se às questões do poder e, ao fim da vida, sobre ética e cuidados de si, como foi explanado no capítulo anterior.

Neste capítulo exploraremos alguns conceitos da arqueologia foucaultiana, tendo em vista que os mesmos serão aplicados na análise discursiva das obras de Machado de Assis, essenciais para o elaboração e compreensão dos resultados analíticos presentes no próximo capítulo. Antes disso, porém, abordaremos o que é e qual o objetivo da análise arqueológica, comentando sumariamente a obra “A Arqueologia do Saber”, de Michel Foucault (2008).

Recorreremos neste capítulo principalmente as obras “As Palavras e as Coisas” e “A Arqueologia do Saber”, além das entrevistas e comentários sobre essas obras reunidas nos “Ditos e Escritos”.

2.1 A Perspectiva Arqueológica de Michel Foucault

Roberto Machado (2007, 2012) explica que a obra “A Arqueologia do Saber” de Michel Foucault distingue-se de todos os demais livros que o filósofo escreveu. Isso porque nele não temos uma pesquisa histórica, mas antes a exposição de uma teoria e de uma postura metodológica: a abordagem arqueológica, explicitada, inaugurada e materializada nesse livro, por Michel Foucault. “A Arqueologia do Saber”, assim, é o livro em que o filósofo apresenta o método arqueológico, para se analisar os saberes do homem, via discursos. Também um dos objetivos da obra é refletir e responder aos questionamentos sobre os procedimentos analíticos de seus trabalhos anteriores, e principalmente sobre “As Palavras e as Coisas”.

A “A Arqueologia do Saber” insere-se, conforme Machado (2012), na trajetória dos trabalhos desenvolvidos por Foucault em sua dimensão arqueológica inovando o conceito de “enunciado” e retrabalhando o conceito de “discurso” procurando marcar o afastamento do filósofo da problemática dos estudos da Linguagem⁴³ do modo como essa era estudada na época, ou seja, a relação da linguagem com o estruturalismo⁴⁴. Relação essa a qual o filósofo constantemente nega em suas conferências, a exemplo de “Linguística e Ciências Sociais” (1968) e “A Loucura e a Sociedade” (1970) e em entrevistas como “O Grande Internamento” (1972) e “Poder e Saber” (1977).

Desse esforço de Foucault em situar-se fora do estruturalismo, temos também a entrevista publicada revista “Magazine littéraire” em 1969, intitulada “Foucault explica seu último livro”⁴⁵, no qual comenta, especificamente, sua obra: “A Arqueologia do Saber”, para o jornalista e romancista francês Jean-Jacques Brochier, que o questiona:

⁴³ Como abordamos no capítulo anterior, Foucault ampara-se, em grande medida, aos estudos da Linguagem para abordar os conceitos da Literatura.

⁴⁴ Sobre o entendimento de Estruturalismo apoiamos-nos em François Dosse (DOSSE, 2007, p. 12) que diz: “O estruturalismo é [...] um movimento de pensamento, uma nova forma de relação com o mundo, muito mais amplo do que um simples método específico para um determinado campo de pesquisa. Esse posicionamento, no entanto, surtirá resultados diferentes conforme os campos de aplicação: linguística, antropologia, sociologia, filosofia, história geral, história da arte, psicanálise, crítica literária, etc. Essa grade de leitura, que se pretende unitária, privilegia o signo à custa do sentido, o espaço à do tempo, o objeto à do sujeito, a relação à do conteúdo, a cultura à custa da natureza. (...) o estruturalismo nutre a ambição de constituir um único e vasto programa de análise, podendo ser aplicado a todos os campos do saber”.

⁴⁵ Esse texto pode ser encontrado em:

FOUCAULT, M. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. 2. edição. Organização de Manoel Barros da Motta, tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a. (Ditos e Escritos II).

- Você não aceita ser estruturalista, mesmo se, de acordo com a opinião comum, você esteja incluído entre os estruturalistas. Mas seu método tem, com relação ao método estrutural, dois pontos comuns: a recusa do discurso antropológico e a ausência do sujeito falante. Na medida em que o que está em questão é o lugar o estatuto do homem, ou seja, do sujeito, será que você não pendeu automaticamente para o lado do estruturalismo?

- **Penso que atualmente o estruturalismo se inscreve no interior de uma grande transformação do saber das ciências humanas**, que essa transformação tem por ápice menos a análise das estruturas do que o questionamento do estatuto antropológico, do estatuto do sujeito, do privilégio do homem. **E meu método se inscreve no quadro dessa transformação da mesma forma que o estruturalismo - ao lado dele, não nele** (FOUCAULT, 2008a, p. 152, grifo nosso).

Esse posicionamento de Foucault situa a “A Arqueologia do Saber” fora do estruturalismo, e também seus escritos que tangenciaram a Literatura, na qual a expressão “estrutura” é bastante comum, e em especial o Prefácio da “História da Loucura”, que como comentamos anteriormente, foi reescrito em 1972.

Contudo, se a postura do filósofo, como dissemos, é nova, Machado (2012) sinaliza que desde 1967 Foucault já declarava que seu projeto arqueológico não se fixava na língua, mas no arquivo discursivo. Desse modo temos a entrevista publicada na revista “Les lettres” intitulada “Sobre as maneiras de escrever a História”⁴⁶, na qual Foucault ao ser interpelado sobre seu empreendimento arqueológico pelo escritor e pesquisador francês Raymond Bellour, afirma:

A arqueologia, tal como eu a entendo, não é parte nem da geologia (como análise dos solos), nem da genealogia (como descrição dos começos e das sucessões); ela é a análise do discurso em sua modalidade de arquivo (FOUCAULT, 2008a, p. 72).

Nesses termos, convém resgatar a entrevista a Brochier, Foucault (2008a, p. 145) em que expõe que o emprego no título da palavra “arqueologia” foi escolhido de “maneira um pouco cega”, para diferenciar a forma de sua análise que não segue os modelos historiográficos vigentes (como a história das invenções ou das ideias), tão pouco o que seria uma epistemologia, ou ainda uma filosofia sobre a estrutura, ou ainda a composição de uma ciência, mas sim a “descrição do arquivo”. Entretanto, como também exposto na entrevista, a ideia de “arqueologia” embaraça um pouco o filósofo, à medida que ela sugere dois temas que não são exatamente seus: primeiro, o da relação

⁴⁶ Esse texto pode ser encontrado em:

FOUCAULT, M. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de Pensamento**. 2. edição. Organização de Manoel Barros da Motta, tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a. (Ditos e Escritos II).

com o tema da origem⁴⁷, da busca da “origem primeira” de determinados saberes, quando na realidade o teórico procura os “começos relativos”, as instaurações e transformações; e em seguida, da imagem de escavações, à medida que o teórico (2008b, p. 146) não procura relações “secretas”, “escondidas”, mas sim “relações que estão na própria superfície dos discursos”, ou ainda, como ele mesmo diz “tento tornar visível o que só é invisível por estar muito na superfície das coisas”.

A escolha pela “descrição do arquivo” por Foucault pretende assim, tal como entendemos, distanciar a sua análise em relação à “interpretação”, ou no limite, uma proposta de análise psicológica, à medida que ele não busca pelo discurso do que os homens pensaram, mas sim em tomar o discurso enquanto existência material, como uma prática sujeita a regras de formação, de coexistência, de funcionamento e de existência. Nesse contexto, o filósofo pontua:

A descrição arqueológica é precisamente abandono da história das ideias, recusa sistemática de seus postulados e de seus procedimentos, tentativa de fazer uma história inteiramente diferente daquilo que os homens disseram (FOUCAULT, 2008, p. 156).

Entendemos pelo diálogo de Foucault e Brochier (2008a), que na “Arqueologia do Saber” o filósofo francês desenvolveu uma “maquinaria teórica” a partir de suas instigações empíricas operadas ao abordar a loucura, as doenças mentais, a medicina nos séculos XVIII e XIX, observando isso por meio da história natural, da gramática e da economia. Temas de estudo esses, negligenciados por historiadores e epistemólogos de seu tempo que preferiam as ciências teóricas ou formais, a exemplo da física e matemática, historicizando-as por meio de inventário das descobertas, pensamentos de pessoas, preconceitos, postulados, influencias, erros e verdades etc. Ou seja, por meio de conceitos operacionais objetivos, oriundos do estruturalismo.

A tradição dos historiadores pela escolha da história das ciências formais em lugar das empíricas se justificaria, segundo Foucault pelo maior grau de cientificidade dessas, contudo o filósofo francês guardara seu interesse pelos temas mais negligenciados em razão de sua maior ligação com as práticas sociais dos excluídos. A “Arqueologia”, assim, segundo Foucault (2008a) se presta a uma “teoria para uma história do saber empírico”, que como visto, pode funcionar nos dois eixos: tanto,

⁴⁷ Recordando aqui que a expressão “arkè” (ἀρχή) em grego significa princípio, começo.

diacronicamente como em “História da Loucura” quanto sincronicamente como em “As palavras e as Coisas”.

Sobre isso, Machado (2007) indica-nos que apesar de “A Arqueologia do Saber” estar intrinsecamente relacionada às pesquisas históricas operadas anteriormente por Foucault, este é uma obra de revisão – do ponto de vista não dos resultados, mas da efetuação da análise. Tão logo, não existe nessa obra uma síntese da análise proposta em “História da Loucura”, “Nascimento da Clínica”, “As palavras e as Coisas”, e muito menos dos trabalhos desenvolvidos pelo filósofo no domínio da Literatura. O que se observa nessa obra, “A Arqueologia do Saber”, são preceitos, princípios e conceitos, mesmo para se analisar discursos, arqueologicamente falando. Ou seja, é o método arqueológico que se encontra aí apresentado e estabelecido.

Sobre arqueologia da literatura Machado diz:

Como Foucault jamais realizou propriamente uma arqueologia da literatura, suas referências a ela, diferentemente do que acontece com os saberes que foram objeto de suas pesquisas anteriores, são mínimas nesse livro e, quando ocorrem, servem apenas para ilustrar os problemas gerais que dizem respeito à legitimação da arqueologia como análise do discurso e do enunciado (MACHADO, 2012, p. 121).

Analisar arqueologicamente os textos literários, portanto, ou seja, aplicar conceitos foucaultianos da Arqueologia em textos literários são trabalhos recentes, tais como o nosso. Sobre isso Foucault comenta:

Os territórios arqueológicos podem atravessar textos "literários" ou "filosóficos", bem como textos científicos. O saber não está contido somente em demonstrações; pode estar também em ficções, reflexões, narrativas, regulamentos institucionais, decisões políticas (FOUCAULT, 2008, p. 205).

Feita essa breve apresentação sobre “A Arqueologia do Saber” sigamos agora para o entendimento sobre o funcionamento da análise arqueológica e a compressão articulada dos conceitos de “discurso”, “enunciado” e “arquivo discursivo”.

2.2 Princípios Arqueológicos para a Análise dos Saberes

Na proposta de Análise Discurso de Foucault (2008, p.132-133) é determinado que:

Chamaremos de discurso um conjunto de enunciados, na medida em que se apoiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados para os quais podemos definir um conjunto de existências.

Por conseguinte, a teoria do discurso de Foucault não toma o lugar, ou melhor, não se assenta em teorias advindas das análises das proposições, da gramática, de uma análise de cunho propriamente psicológica ou histórica, ela se atém, segundo ele

[...] na maior parte do tempo, sob o duplo signo da totalidade e da plethora. Mostra como os diferentes textos de que tratamos remetem uns aos outros, se organizam em uma figura única, entram em convergência com instituições e práticas, e carregam significações que podem ser comuns a toda uma época (FOUCAULT, 2008, p.134).

Se a teoria do discurso de Foucault, chamada por ele de “arqueologia do saber” e descrita no livro “A Arqueologia do Saber”, detém-se em relacionar textos distintos, em uma nova configuração, em “uma figura única”, isso pode ser visto, segundo ele mesmo diz, por meio de modos de formações de discurso, ou de “formações discursivas”.

Desse modo, a arqueologia procura reconhecer as regularidades nos enunciados, presentes em determinadas formações discursivas e verificar, por meio das análises textuais, como elas oferecem sentidos. Assim, é preciso, nas palavras de Foucault (2008, p. 55):

[...] não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam, [e compreender que] os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas [sendo] esse “mais” que os torna irredutíveis à língua e ao ato de fala.

Os discursos são agrupados por meio de formações discursivas que, podem ser vistos por meio de “blocos”, vamos dizer assim, nos textos de cunho: científicos,

religiosos, publicitários, midiáticos, literários, etc., e eles se agrupam por meio de um “[...] conjunto de enunciados que se apoia em um mesmo sistema de formação [discursiva]” (FOUCAULT, 2008, p. 124). No entanto, isso não significa que eles seriam agrupados por: suportes iguais, códigos de linguagens (imagéticos ou escritos) semelhantes, gêneros absolutamente iguais, mas, o que os asseguraria estarem em um mesmo “bloco” seria, inicialmente, a relação existente entre os enunciados. Sobre isso, Foucault (2008, p.132) diz:

[...] a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidade, mas uma lei de coexistência, e já que os enunciados, em troca, não são elementos intercambiáveis, mas conjuntos caracterizados por sua modalidade de existência.

Nesses termos é possível perceber, via essa teoria, que os enunciados precisam estar agrupados em torno de uma formação discursiva, e só podem ser percebidos quando entram em “jogo” dentro de uma mesma formação. Deste modo, uma formação discursiva pode ampliar seus limites com o tempo, no entanto, não se pode saber sua origem e nem seu fim.

Percebe-se, mesmo que somente com o que fora sinalizado acima, aspectos da teoria foucaultiana sobre o discurso, que estão dispersos nos textos, cabendo ao analista agrupá-los e descrevê-los, percebendo-os, inicialmente, como dispersão. Porém, ela pode ser apreendida por meio do reconhecimento das regras de formação dos discursos, como as entendeu Foucault.

Uma das regras de formação dos discursos advindas de Foucault é o enunciado.

1. Enunciado

Segundo Foucault (2008, p. 98),

o enunciado [...] é uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, e a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles “fazem sentido” ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado por sua formulação (oral ou escrita).

Desse modo, o teórico considera o enunciado como a menor parte que se pode identificar em um discurso, podendo ele não só ser isolado, como também relacionar-se com outros elementos semelhantes a ele. Para um melhor entendimento do tema, vamos ilustrar uma destas comparações, a primeira “[...] como ponto em uma superfície, mas que pode ser demarcado em planos de repartição e em formas de agrupamento” (FOUCAULT, 2008, p. 90). No caso, pode-se notar que um enunciado está aberto à formação de incontáveis discursos que podem se relacionar entre si, tal como um ponto em uma intersecção de retas; ou um “átomo” que pode gerar diferentes compostos à medida que se associa com outros e determinados elementos.

Seguindo a perspectiva de Foucault (2008, p. 95): “o limiar do enunciado seria o limiar da existência de signos,” de maneira que ele não deve ser confundido com uma proposição, frase ou ainda um *speech act*. Neste sentido, o autor justifica que as proposições ainda que detenham enunciados em si, não possuem a característica de serem intercambiáveis: duas proposições, ainda que sejam indiscerníveis do ponto de vista lógico e gramatical, podem expressar enunciados diferentes à medida que sua construção não carrega a mesma relação com os objetos ou situação a que se referem.

As frases podem formar enunciados, mas elas por si, nesta teoria, não são condição de existência. Um enunciado pode ser formado por uma palavra qualquer, ou ainda, estar contido sem ser expresso por palavras, como em um quadro, uma expressão matemática, um gráfico.

O *speech act* são formulações ilocutórias que se constroem para determinados fins como, por exemplo, uma promessa, uma ordem, um decreto, um contrato, uma prece, um compromisso, uma constatação etc., sendo constituídas por séries ou somas de frases em justaposição.

Para que haja enunciado, portanto, tal como esse autor o vê, é necessário que o analista observe, inicialmente, quatro princípios fundamentais que caracterizam e constituem o enunciado: a relação entre a “série”, o “sujeito”, o “campo associado” e a “materialidade”. Vamos a eles.

1.1 Série

Foucault esclarece esse princípio:

Qualquer enunciado se encontra assim especificado: [...] não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo. (FOUCAULT, 2008, p.113-114).

Foucault percebe a evidência da série enunciativa não somente pela via das palavras, sintagmas, proposições, códigos, termos ou atos de fala, embora seja também aí que eles se evidenciam.

O teórico também elucidada:

Não há enunciado que não suponha outros; não há nenhum que não tenha, em torno de si, um campo de coexistências, efeitos de série e de sucessão, uma distribuição de funções e de papéis. Se se pode falar de um enunciado, é na medida em que uma frase (uma proposição) figura em um ponto definitivo, com uma posição determinada, em um jogo enunciativo que a extrapola (FOUCAULT, 2008, p.112)

Foucault (2008, p.103) indica que é preciso perceber que, a série se insere a um referencial,

o referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado.

Ao observar os textos, então, o analista necessita atentar inicialmente, à repetição enunciativa, por exemplo, quantas vezes surgem e se reiteram determinadas palavras, frases; certos parágrafos ou, às vezes, capítulos escritos em livros; qual a relação desses elementos enunciativos com a capa do livro; cenas e sequências em filmes; fotos, ilustrações, quadros; pronunciamentos orais (palestras, entrevistas, oralidade advindas das mídias, etc.). Nessa primeira “seleção” dos enunciados, seguindo a proposta do “referencial”, o analista precisa observar atentamente:

a) quais os lugares em que os enunciados são pronunciados (instituições a que estão vinculados);

b) em quais condições o enunciado se apresenta, e, nesse ponto, sugere-se que se atente a uma ordem cronológica histórica, pois isso auxilia tanto a encontrar enunciados anteriores e posteriores que se assemelham ao escolhido inicialmente, quanto assegura destacar o enunciado que será eleito;

c) qual a relação estabelecida entre o enunciado eleito com os objetos que aparecem em torno dele;

d) qual a relação que se poderia estabelecer entre os sujeitos que interagem em torno do enunciado escolhido; qual a relação com a forma material (oral, escrita, visual e/ou audiovisual) na qual o enunciado se apresenta.

Assim, o que Foucault sugere é a atenção do analista aos “estados das coisas” que efetivamente se apresentam numa série e podem vir a ser consideradas como enunciado.

O segundo princípio para se encontrar o enunciado, diz respeito ao sujeito.

1.2 Sujeito

Para que um signo ou conjunto de signos exista é necessário que alguém o produza. O autor é aquele que cria e agrupa dizeres, mas não necessariamente o sujeito do enunciado, mas “não é preciso, [...], conceber o sujeito do enunciado como idêntico ao autor da formulação, nem substancialmente, nem funcionalmente.” (FOUCAULT, 2008, p. 107). Dois enunciados podem ser reconhecidos como semelhantes à medida que, o que se diz, revele “conteúdos” que se assemelham, e isso não precisa ser compartilhado nem pelo mesmo autor tampouco pelo mesmo sujeito.

Para o teórico, portanto, o sujeito do enunciado não é idêntico ao autor. Esse último, segundo Foucault (2008, p.26), “[...] é o princípio de agrupamento do discurso, unidade e origem de suas significações, foco de sua coerência”. Já o sujeito do enunciado é concebido por ele como “um lugar determinado e vazio, que pode ser efetivamente ocupado por indivíduos diferentes [...] descrever uma formulação enquanto enunciado [consiste] em determinar qual é a posição que pode e deve ocupar todo indivíduo para ser sujeito” (FOUCAULT, 2008, p.109). A função sujeito e a função autor são correlatos, sendo essa uma metonímia daquela, uma vez que se trata de uma função também vazia que é ocupada tendo em vista aspectos institucionais que a autorizam.

Percebe-se, assim, que o sujeito enunciator se caracteriza pelo *lugar* e *posição* que ocupa no funcionamento discursivo. Um *lugar*, pois seu pronunciamento advém de diversas práticas estabelecidas institucionalmente; uma *posição*, uma vez que seu saber é oriundo de um domínio próprio do sujeito que enuncia. Considerando-se, por exemplo, romances, capas e textos científicos, será possível observar que há vários

possíveis sujeitos enunciadoreis, tais como: personagens literários, editores que fizeram as capas, pesquisadores, tradutores, etc. Essa regra enunciativa indica também, que se os sujeitos assumem posições diferenciadas no funcionamento discursivo, o autor adota a posição daquele que *agrupa os discursos*, pronunciados pelos vários sujeitos enunciadoreis, que se encontram nos textos a serem analisados.

A noção de sujeito diz respeito à posição que ele ocupa dentro de um enunciado, e essa posição é passível de deslocamentos quando se trata de vários sujeitos dentro de um grupo de enunciados.

Um terceiro princípio para que se possa encontrar o enunciado é o campo associado.

1.3 Campo Associado

É necessário, ainda, que para um enunciado ser considerado como tal, este possua um domínio, uma relação com um campo adjacente, ou ainda, um espaço colateral, ou seja, uma relação com outros enunciados. Para que isso ocorra deve-se associar o elemento enunciativo central com outros que se mostram, sob a forma de réplica, conversação, sequência, atualização. Sobre isso, Foucault adverte:

Um enunciado pertence a uma formação discursiva, como uma frase pertence a um texto, e uma proposição a um conjunto dedutivo. Mas enquanto a regularidade de uma frase é definida pelas leis de uma língua, e a de uma proposição pelas leis de uma lógica, a regularidade dos enunciados é definida pela própria formação discursiva. A lei dos enunciados e o fato de pertencerem à formação discursiva constituem uma única e mesma coisa; o que não é paradoxal, já que a formação discursiva se caracteriza não por princípios de construção, mas por uma dispersão de fato, já que ela é para os enunciados não uma condição de possibilidade, mas uma lei de coexistência, e já que os enunciados, em troca, não são elementos intercambiáveis, mas conjuntos caracterizados por sua modalidade de existência (FOUCAULT, 2008, p. 132).

Devido a isso é que, os sentidos que são produzidos pelos enunciados não estão por trás deles, mas sim em sua própria superfície, não havendo, assim, uma separação entre o que foi dito e o que se quer dizer nas “superfícies enunciativas” (FOUCAULT, 1997, p. 130).

Os limites do enunciado estão traçados no ato de sua formulação, já que cada formulação de uma ideia toma corpo em um enunciado. Assim, os enunciados podem estar contidos nas imagens, frases, parágrafos, etc. Mesmo sendo possível isolá-los em

si mesmos, eles não têm uma estrutura finita, pois eles não têm sua existência completa apenas em si mesmo, isto é, não são independentes. O enunciado se relaciona com outros enunciados que se repetem, explicam-se, excluem-se, etc., dentro de um campo que rege seus aparecimentos e que é regido por regras específicas.

A análise objetiva não apenas verifica se há relação de sentido nas frases ou valores de verdade nas proposições. Ela considera que:

O enunciado “está antes ligado a um “referencial” que não é constituído de “coisas”, de “fatos”, de “realidades”, ou de “seres”, mas de leis de possibilidade, de regras de existência para os objetos que aí se encontram nomeados, designados ou descritos, para as relações que aí se encontram afirmadas ou negadas. O referencial do enunciado forma o lugar, a condição, o campo de emergência, a instância de diferenciação dos indivíduos ou dos objetos, dos estados de coisas e das relações que são postas em jogo pelo próprio enunciado; define as possibilidades de aparecimento e de delimitação do que dá à frase seu sentido, à proposição seu valor de verdade (FOUCAULT, 2008, p.103).

Se retirarmos uma frase ou proposição do contexto que a esclarece, ainda assim conseguiremos reconhecê-la como tal. Já não podemos retirar o enunciado do domínio associado a que pertence. Isto porque, o enunciado está sempre relacionado a outros enunciados em um campo associado. É “o campo associado que faz de uma frase ou de uma série de signos um enunciado e que lhes permite ter um contexto determinado, um conteúdo representativo específico, e forma uma trama complexa” (FOUCAULT, 2008, p.111).

A questão do enunciado que se repete ao longo dos tempos deve ser vista não no sentido de uma busca por sua origem de repetição, mas sim nas relações existentes entre suas formas idênticas ou quase idênticas que se repetem. Ou seja, via a quarta regra que rege o encontro com o enunciado: a materialidade.

1.4 Materialidade

Outra formulação de Foucault para que se encontre o enunciado é o de materialidade, já que o enunciado, para que seja percebido, precisa ter algum tipo de existência material.

Poderíamos falar de enunciado se uma voz não o tivesse enunciado, se uma superfície não registrasse seus signos, se ele não tivesse tomado corpo em um elemento sensível e se não tivesse deixado marca – apenas alguns

instantes – em uma memória ou em um espaço? (FOUCAULT, 2008, p. 113).

A materialidade faz parte da constituição do enunciado, portanto, “ela é constitutiva do próprio enunciado: o enunciado precisa ter uma substância, um suporte, um lugar e uma data. Quando esses requisitos se modificam, ele próprio muda de identidade” (FOUCAULT, 2008, p. 114). O enunciado tem uma materialidade que pode se repetir em outras substâncias, espaços e datas, ou seja, o enunciado, através de sua materialidade repetível, manifesta-se em várias materialidades.

O autor esclarece que, independentemente de coordenadas espaços temporais, o enunciado é uma forma repetível. Pequenas mudanças em sua materialidade perceptível não são suficientes para que ele perca sua identidade, visto que ele obedece a um regime de materialidade repetível que lhe é intrínseca. O enunciado depende mais da ordem de instituições materiais que possibilitam essa repetição do que coordenadas do espaço perceptível. Foucault (2008, p. 116, grifo do autor) esclarece:

O regime de materialidade a que obedecem necessariamente os enunciados é, pois, mais da ordem da instituição do que da localização espaço-temporal; define antes **possibilidades de reinscrição e de transcrição** (mas também limiares e limites) do que individualidades limitadas e percíveis.

Uma sequência de elementos linguísticos ou qualquer conjunto de signos são considerados como enunciado, se estiverem dentro de um campo enunciativo, relacionando-se com outras sequências de elementos linguísticos do mesmo campo, portanto:

A identidade de um enunciado está submetida a um segundo conjunto de condições e de limites: os que lhe são impostos pelo conjunto dos outros enunciados no meio dos quais figura; pelo domínio no qual podemos utilizá-lo ou aplicá-lo; pelo papel ou função que deve desempenhar (FOUCAULT, 2008, p.116).

O enunciado, portanto, através de uma materialidade repetível, se manifesta em vários suportes, gêneros, instâncias e substâncias que o sustentam e o tornam presentes, também, em uma memória.

[...] ao mesmo tempo em que surge em sua materialidade, [o enunciado] aparece com um *status*, entra em redes, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis, se integra a operações

e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga (FOUCAULT, 2008, p.118-119).

Através dessa repetição na relação que mantém com outros enunciados do mesmo campo de utilização, o enunciado pode ou não perder sua identidade. Deste modo, podemos observar um único enunciado e sua multiplicidade de materialidades, quando vemos um texto e suas diversas traduções, ou ainda uma informação e as suas diversas formas de transmissão, desde que essas novas formas conservem seu conteúdo enunciativo e suas possibilidades de uso, trata-se do mesmo enunciado.

Os enunciados, portanto, detêm uma natureza histórica que se revela devido às condições de produções e também uma materialidade que é a forma como este enunciado está apresentado, ou ainda, se mostra aos analistas como substância analisável.

A relação entre a série, o sujeito, o campo associado e a materialidade, deste modo, são princípios advindos de Foucault que regem a identificação do analista com o enunciado.

Derivado desses enunciados resultará em agrupá-los em “blocos” ou formações discursivas, como descrito anteriormente, e essas formações é que originarão o arquivo discursivo. Busquemos compreender agora, embora muito brevemente, sobre o arquivo discursivo.

2. Arquivo Discursivo

Foucault (2008, p.148) distingue a sua compreensão sobre o “arquivo” de algumas práticas que também o descreveram:

Não entendo por esse termo [arquivo] a soma de todos os textos que uma cultura guardou em seu poder, como documentos de seu próprio passado, ou como testemunho de sua identidade mantida; não entendo, tampouco, as instituições que, em determinada sociedade, permitem registrar e conservar os discursos de que se quer ter lembrança e manter a livre disposição.

Foucault (2008, p.147-148, grifo do autor) compreende o “arquivo discursivo” como:

O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o

arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem rupturas e não desapareçam, ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se contenham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas [...]. *É o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados.*

Arquivo, portanto, “é o sistema geral que rege a formação e a transformação dos enunciados” discursivos pronunciados nas “práticas históricas”, uma vez que o autor concebe o discurso como “práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2008, p.56).

De modo que, se se toma os enunciados como acontecimentos regulares, pode-se torná-los passíveis de tratamento e de manipulação. Devido à impossibilidade de determinar o término de uma formação discursiva, “o arquivo não é descritível em sua totalidade; e é incontornável em sua atualidade” (FOUCAULT, 2008, p. 148).

Os conceitos: “enunciado”, “série”, “sujeito”, “materialidade”, “campo associado”, “discurso” e “arquivo” serão mobilizado na análise que realizaremos a seguir nas obras: “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881), “Quincas Borba” (1891) e “Dom Casmurro” (1899) de Machado de Assis, procurando identificar como o autor enunciou algumas práticas de leitura no Brasil no final do século XIX.

3. A LEITURA ENUNCIADA DISCURSIVAMENTE NA OBRA DE MACHADO DE ASSIS

Nos capítulos anteriores foi exposto, ainda que sucintamente, o entendimento de Michel Foucault sobre Literatura e a proposta arqueológica da Análise do Discurso, cobrindo seu alcance, principais conceitos e aplicações. Nesse percurso, o leitor pode notar que as duas maiores obras de Michel Foucault (2000, 2008) as quais nos detemos para explicar o projeto arqueológico, respectivamente, foram: “As Palavras e as Coisas” e “A Arqueologia do Saber”. Nelas, Foucault não propõe uma abordagem específica para a análise da Literatura, mas um empreendimento para analisar os discursos do homem, ou melhor, o que os homens disseram em seus discursos. Mobilizamos alguns dos conceitos do autor, direcionando-os para o discurso literário.

Desse modo, neste capítulo, vamos trabalhar alguns dos conceitos arqueológicos, propostos por Michel Foucault e pontuados mais abaixo, para uma análise do discurso literário, tomando para tanto algumas obras do escritor brasileiro Machado de Assis, procurando identificar nelas como foi enunciado em seu legado os sujeitos leitores e as práticas de leitura. Esses enunciados, selecionados, reunidos e descritos ofereceram um panorama, vamos dizer assim, do que Machado via ou acreditava que fosse a realidade de seu público, bem como indicaram uma possibilidade de entendimento sobre o que era concebível dizer sobre a leitura e os leitores no final do século XIX, nas obras literárias. Nesse sentido, sobre a relação do autor com sua obra, Foucault pontua que, quando a lemos, não a tomamos por si só, mas também aquele que escreve, seu escritor, o sujeito, e, por conseguinte, todas as suas relações com o que viveu e leu:

Acredito que é preferível tentar conceber que, no fundo, alguém que é escritor não faz simplesmente sua obra em seus livros, no que ele publica, e que sua obra principal é, finalmente, ele próprio escrevendo seus livros. E é essa relação dele próprio com, seus livros, de sua vida com seus livros, que é o ponto central, o foco de sua atividade e de sua obra. [...] A obra é mais do que a obra: o sujeito que escreve faz parte da obra (FOUCAULT, 2006, p. 408-9).

Nesses termos, na impossibilidade de empreender uma análise por todo o extenso legado machadiano, escolhemos como recorte a análise de três romances, a saber: “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881), “Quincas Borba” (1891) e “Dom

Casmurro” (1899), que, para além de nosso gosto e prazer pessoal, frequentaram nossos estudos anteriores ao tratar como os leitores leem e comentam as obras machadianas na atualidade.

3.1 Algumas Considerações Iniciais

Diante dos diferentes conceitos desenvolvidos por Foucault, tanto em relação à literatura quanto a sua proposta arqueológica para a análise do enunciado e discurso, elegemos, para nossas análises, o trabalho com os conceitos foucaultianos de “simulacro”, “transgressão”, “arquivo discursivo”, “formação discursiva” e “enunciado”. Nesse sentido, importa-nos, em nossa análise, compreender em que medida Machado de Assis transgrediu e simulou os leitores e práticas de leitura de sua época, particularmente nas obras “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, “Dom Casmurro” e “Quincas Borba”.

Isso posto, a vida e a obra de Machado de Assis, não serão abordados em detalhes nesta pesquisa, à medida que esse não é nosso objeto de estudo, porém, algumas palavras precisam ser ditas acerca disso.

Embora o autor carioca tenha alcançado a consagração em vida, ainda mais depois da publicação de “Quincas Borba” (1891) que foi lançado nos primeiros anos da República, conforme explicita Zilberman (2012), a entrada de Machado de Assis para a História da Literatura Brasileira foi discreta.

O pesquisador de literatura Jean-Michel Massa (1930) sugere que as primeiras biografias do autor são imprecisas e não deixam muito claro aspectos particulares de sua vida e trajetória pessoal, intelectual e artística. Isso porque parte do legado de Machado de Assis, alocado em sua biblioteca pessoal, foi perdido (MASSA, 1961; JOBIM, 2001). Assim, o que se conhece sobre o autor, em termos de fontes primárias, está disperso em suas publicações feitas em jornais (que começaram cedo, quando tinha ainda 15 anos), em peças de teatro (redigidas para o “Conservatório de Teatro” nos anos 60), e em seus romances, poemas, crônicas, comédias, traduções e pareceres (que constituem seu legado literário e que foi, em alguma medida, lançado em livros).

Não desconhecamos que autores consagrados que estudaram Machado de Assis no campo literário o observaram de modos distintos. Como exemplo disto, apreendemos em Astrojildo Pereira (1991), a ênfase na inserção de Machado e de sua obra na vida social brasileira. Já Lúcia Miguel-Pereira (1936), identificou temas comuns nas obras machadianas relacionando-as a ascensão social do homem “Joaquim Maria Machado de Assis”. Augusto Meyer (1956) observou a radicalidade e profundidade do projeto

machadiano a partir de comparações com Pirandello e Dostoiévski. Por outro lado Helen Caldwell (2002) se debruçou na problemática sobre a traição e ciúmes na obra “Dom Casmurro”. Jean-Michel Massa (1971), por sua vez, dedicou-se a biografia do escritor. Abel Barros Baptista (2003) enfatizou os aspectos nacionais na obra machadiana. Antônio Candido (1970), John Gledson (2006), Roberto Schwarz (1990) e Alfredo Bosi (1999), reinterpretaram as narrativas e os narradores das obras machadianas.

Como se observa acima são grandes estudiosos que reafirmaram, cada um a seu modo, o ser humano, o escritor, a vida e a obra, enfim, Machado de Assis e seu legado. Alguns pesquisadores contemporâneos, do mesmo modo, dedicaram-se a observar nas obras de Machado de Assis a temática sobre a leitura e os leitores, do mesmo modo que aqui também está sendo proposto. É o caso de Hélio de Seixas Guimarães (2001), que abordou o romance machadiano e seu público no século XIX; Marisa Lajolo e Regina Zilberman (2009), que por vezes retomam a obra machadiana para refletir sobre a leitura.

Se o objeto – leitura – e a temática – obras machadianas –, por vezes se aproximam, nossas análises se distanciaram pela teoria mobilizada, no nosso caso, Michel Foucault. Nosso olhar nesta pesquisa, portanto, se direcionará para os estudos foucaultianos atrelados ao campo discursivo. Dito isso, concentraremos nossas análises particularmente em três frentes, que Foucault (2008) denominou de formações discursivas (FD).

Identificamos, na análise dos três romances machadianos que analisamos, três grandes formações discursivas, a saber:

- a) Os sujeitos leitores do final do XIX segundo Machado de Assis;
- b) As características dos sujeitos leitores do final do século XIX segundo Machado de Assis;
- c) Os modos de ler do final do século XIX segundo Machado de Assis.

Em nosso movimento de análise discursiva buscaremos, na superfície enunciativa das diferentes obras machadianas, averiguar como Machado transgride e simula, nos romances analisados, as práticas de leitura e escrita da época bem como a de seus leitores. Desse modo, vimos no primeiro capítulo desta dissertação, a “transgressão” e o “simulacro” são conceitos trabalhados por Foucault, que oferecerão sustentação a nossa argumentação analítica. Sendo que o primeiro conceito, o de

“transgressão”, apoia-se na afirmação da diferença e não para a infração ou violência. Já o segundo, o de “simulacro”, é a simulação, a representação.

Sobre isso, entendemos que podemos ver os dois conceitos em operação – “transgressão” como afirmação e “simulacro” como simulação – em Machado, por exemplo, na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881). Nessa obra a “ficção”, isso é, a forma de se narrar a história, a “fábula”, firma-se na “transgressão”, tanto para a concepção religiosa da qual comungava seu leitorado⁴⁸ como também para a própria literatura de seu tempo.

A ideia do artista como homem morto que fala à posteridade, tão em voga a partir do romantismo, é tomada ao pé da letra por Machado de Assis, que sugere por meio de *Brás Cubas*, e de maneira radical, o caráter precário e improvável da comunicação literária ao narrar, já de saída, o “óbito do autor”, título do primeiro capítulo do romance. (GUIMARÃES, 2001, p. 143).

Se os românticos oitocentistas, portanto, escreviam para serem compreendidos na posteridade, Machado de Assis, em “*Brás Cubas*”, opta pelo “narrador em póstero⁴⁹”, que escreve para um público de um tempo diferente do seu, dado que já está morto.

Desse modo, o público leitor imaginado que “*Brás Cubas*” pretende alcançar é ilimitado e sempre anacrônico. Contudo, pela concepção da Análise do Discurso, tal como entendemos, o sujeito que escreve, ainda que escreva para inumeráveis gerações, escreve preso a concepção de sua época, dentro de sua epistémê, e do seu regime de práticas e saberes do seu tempo, que oferecem inumeráveis possibilidades de fala, mas também o restringe, limita, o sujeito que fala. Isso é, ainda que o autor Machado de Assis, na voz e simulação do “defunto-autor” *Brás Cubas*, procurasse escrever e antecipar-se a reações dos leitores, tal como constantemente o faz, seu público de referência não é outro senão aquele de seu tempo e espaço, o Rio de Janeiro oitocentista.

A “transgressão” machadiana, não é nem violência ou infração junto à prática da literatura, é antes uma opção permitida, tanto que assim como Machado de Assis, outros escritores que publicavam em folhetins usavam e abusavam do diálogo com o leitor. Ademais, como dito no capítulo 1, se Sade é apontado por Foucault (2012, p. 145) como

⁴⁸ Sobre isso ressaltamos que a “Constituição Brasileira de 1824”, no 5º artigo, diz que a Religião Católica Apostólica Romana era a religião oficial Império. Nesse credo, a rigor, os mortos não escrevem e tão pouco se comunicam com os vivos.

⁴⁹ Pósteros tem sentido de “que virá ou ocorrerá no futuro”. Para compreender mais a designação “narrador em pósteros” recomendamos a leitura de Guimarães (2001, p.142-7).

o primeiro autor a articular a palavra da “transgressão”, ao reproduzir em suas obras a filosofia e a literatura do passado tentando ao mesmo tempo apagar essa relação, Machado também o é no contexto brasileiro, quando assimila uma prática de escrita de um tempo anterior ao seu e a emprega como um traço distintivo de seu estilo, tal como é o caso do estreito diálogo, cujo autor/narrador frequentemente trava com o leitor. Sobre isso, encontramos o seguinte comentário no texto “Por trás da Fábula” de Foucault,

o discurso do autor, interrompendo sua narrativa e levantando os olhos de seu texto para recorrer ao leitor, convocá-lo como juiz ou testemunha do que se passa, era frequente no século XVIII; quase desapareceu no curso do último século (FOUCAULT, 2006, p. 211).⁵⁰

A “transgressão” pode ser percebida ainda no fragmento abaixo quando Machado de Assis, na voz do narrador, evoca o leitor que lê, e que está acostumado a um tipo de leitura, apagando de seu texto a imagem de um Brasil que carecia de leitores. Carência essa a qual o autor já tinha conhecimento, quando em uma crônica datada de 15 de Agosto de 1876 para o Jornal a “Ilustração Brasileira”, assim descrevia:

E por falar neste animal [o burro], publicou-se há dias o recenseamento do Império, do qual se colige que 70% da nossa população não sabe ler. Gosto dos algarismos, porque não são de meias medidas nem de metáforas. Eles dizem as coisas pelo seu nome, às vezes um nome feio, mas não havendo outro, não o escolhem. São sinceros, francos, ingênuos. As letras fizeram-se para frases; o algarismo não tem frases, nem retórica. (MACHADO, 2008, p. web).

O “simulacro”, além da “transgressão”, também está presente em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”. Sobre isso, a exemplo, podemos identificá-lo, no seguinte excerto:

Começo a arrepender-me deste livro. Não que ele me canse; eu não tenho o que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que me distrai um pouco da eternidade. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás infimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham,

⁵⁰ Esse texto pode ser encontrado em:

FOUCAULT, M. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2 edição. Organização de Manoel Barros da Motta, tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos, III).

ameaçam o céu, escorregam e caem... (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Capítulo LXXI / O senão do livro).

Nesse fragmento podemos notar o empenho na criação do “simulacro” quando o autor apaga-se para dar voz ao narrador-personagem; quando este comenta sobre sua obra e sobre o leitor que o lê. Isso porque temos a simulação de um vivo, do autor, “Machado de Assis”, fazendo-se narrador “Brás Cubas”, “defunto-autor”, desse modo, autor procura representar, mimetizar, o que seria um livro escrito por um defunto, trazendo que a obra “cheira sepulcro”, “traz certa contração cadavérica”, ainda que sua fala seja viva, fluente, contrariando, inclusive, sua própria recusa do que o livro é, e por isso de acordo com o costume do leitor da época “tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente”. Neste último enunciado, temos a construção simulada da imagem do leitor e seu gosto de leitura, apelando para uma conduta narrativa frequente na época,

[...] [uma] conduta narrativa bastante frequente, nessa primeira hora de formação do leitorado brasileiro, é simular reações do leitor e legitimá-las, dando-lhe razão, sugerindo indiretamente sua competência e às vezes, até mesmo sua superioridade. (LAJOLO; ZILBERMAN, 2009, p. 19).

Vemos assim que os conceitos de “transgressão” e “simulacro” não se opõem e se excluem, mas, em Foucault (2006), eles aparecem como categorias independentes para a análise do texto literário, podendo aparecer, tal como apresentamos, juntas e/ou relacionadas. O gesto transgressor de Machado de Assis na composição narrativa não o exime do esforço da simulação, necessária para cativar o leitor junto ao espaço literário.

Feita essas primeiras considerações, sigamos para nossas análises desses discursos machadianos procurando compreender quem eram os sujeitos leitores para os quais Machado de Assis escrevia, e como as suas práticas eram simuladas e transgredidas pelo olhar do autor.

3.2 Os sujeitos leitores do final do século XIX segundo Machado de Assis

Apreendemos da leitura dos romances machadianos que selecionamos para nossa análise que, frequentemente o autor, na voz do narrador, indicia algumas práticas de seu tempo, particularmente do espaço do Rio de Janeiro, descrevendo os costumes daqueles que detinham posições sociais de prestígio, ou ao menos privilegiadas. Nesses termos, nosso foco nesta seção será descrever, por meio dos enunciados textuais relacionados as características dos personagens, a constituição de uma primeira **formação discursiva: “Os sujeitos leitores do final século XIX segundo Machado de Assis”**.

Desse modo, de início⁵¹, podemos verificar logo no começo do romance “Dom Casmurro” quando o narrador, filho de um deputado, advogado, situa-se no momento que inicia a escrita de suas memórias:

Vivo só, com um criado. **A casa em que moro é própria**; fi-la construir de propósito, levado de um desejo tão particular que me vexa imprimi-lo, mas vá lá. [...] Entretanto, vida diferente não quer dizer vida pior; é outra coisa. [...]. **O mais do tempo é gasto em hortar, jardinar e ler; como bem e não durmo mal** (Dom Casmurro, Capítulo II - Do Livro.).

No fragmento acima podemos ver marcas da época e a posição social que simulam o modo de viver do sujeito narrador. Ou seja, o sujeito é aparentemente rico, pois possui “casa própria”; gasta seu tempo “em hortar, jardinar e ler”, come e não dorme mal. Nesse processo de seleção do narrador em identificar algumas práticas cotidianas, outras práticas são deixadas de lado, que por certo, mostram-se como menos relevantes para sua apresentação para o leitor, o qual quer convencer a respeito de sua moral e discernimento. Temos assim, nesse enunciado textual, a preocupação do narrador em se colocar como leitor, ou ainda indicar que a leitura faz parte de seu cotidiano, tal como hortar, jardinar, comer e dormir.

Podemos observar ainda que ao parear as atividades de hortar, jardinar e ler, o narrador, tal como entendemos, indica que seu hábito de leitura está mais para o lazer, prazer, fruição, que para uma atividade profissional, uma exigência, uma obrigação. Por

⁵¹ Doravante destacaremos com negritos o enunciado textual que queremos chamar atenção dentro dos excertos selecionados para a composição da análise.

outro lado, podemos verificar que o esforço da leitura, do estudo, ligado a prática do trabalho do advogado também tem ou teve espaço no seu cotidiano, tal como verificamos em:

Na manhã seguinte acordei [...], tomei café, **percorri os jornais e fui estudar uns autos** (Dom Casmurro, Capítulo CXX – Os autos).

A identificação do narrador, como personagem, também é recorrente em outras obras machadianas, como por exemplo, em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, quando o narrador comenta seus dias após o falecimento de sua mãe, que no capítulo XXV- “Na tijuca”, pontua que esteve “isolado em uma velha casa”,

no sétimo dia, acabada a missa fúnebre, travei de uma espingarda, alguns **livros**, roupa, charutos, um moleque, — o Prudêncio do capítulo XI, — e fui meter-me numa velha casa de nossa propriedade.[...]

Às vezes, caçava, outras dormia, outras lia, — **lia muito**, — outras enfim não fazia nada; deixava-me atoar de ideia em ideia, de imaginação em imaginação, como uma borboleta vadia ou faminta (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Capítulo XXV - Na Tijuca).

O ato da leitura aqui é reforçado, “lia muito”, dando a impressão que a atividade mais recorrente, nesse momento de restabelecimento, era ler e ler, e particularmente, livros e não revistas ou folhetins.

Ainda nessa mesma obra, no capítulo anterior, o narrador comenta sobre onde aprendera a ler, afirmando que tomou esse aprendizado na escola, como vemos:

Unamos agora os pés e demos um salto por cima da escola, a enfadonha escola, onde aprendi a **ler, escrever**, contar, dar cacholetas, apanhá-las, e ir fazer diabruras, ora nos morros, ora nas praias, onde quer que fosse propício a ociosos (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Capítulo XIII – Um salto).

É importante ter em mente que, “Brás Cubas”, tal como descrito, é também um fidalgo e procura a todo tempo entreter, chamar a atenção do leitor, trazendo para seu texto sinalizações em que demonstra a leitura de Stendhal, Molière e Shakespeare, para citar apenas alguns.

Outro caso bastante particular de “simulação” do leitor é a de um bibliômano, assim descrito em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”:

Olhai: **daqui a setenta anos**, um **sujeito** magro, amarelo, grisalho, que **não ama nenhuma outra coisa além dos livros**, inclina-se sobre a página

anterior, a ver se lhe descobre o despropósito; lê, relê, treslê, desengonça as palavras, saca uma sílaba, depois outra, mais outra e as restantes, examina-as por dentro e por fora, por todos os lados, contra a luz, espaneja-as, esfrega-as no joelho, lava-as, e nada; não acha o despropósito. É um bibliômano. Não conhece o autor; este nome de Brás Cubas não vem nos seus **dicionários biográficos**. Achou o volume, por acaso, no **pardieiro de um alfarrabista**. Comprou-o por **duzentos réis**. Indagou, pesquisou, esgaravatou, e veio a descobrir que era um exemplar único... Único! **Vós**, que não só **amais os livros**, senão que padeceis a mania deles, vós sabeis muito bem o valor desta palavra, e adivinhais, portanto, as delícias de meu bibliômano. Ele rejeitaria a coroa das Índias, o papado, todos os museus da Itália e da Holanda, se os houvesse de trocar por esse único exemplar; e não porque seja o das minhas Memórias; faria a mesma coisa com o Almanaque de Laemmert, uma vez que fosse único (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Capítulo LXXII / O Bibliômano).

Nessa caracterização do bibliômano salta aos olhos diversos modos de comportamentos que concernem tanto a leitura como as manias do bibliófilo. Destacamos dessas, ponderar sobre o local, práticas de acesso e custos dos livros, tal como imaginados por Machado de Assis para seu público leitor.

Sobre isso, podemos constatar que os livros eram encontrados pelos leitores não só em bibliotecas ou livrarias, mas também “no(s) pardieiro(s) do(s) alfarrabista(s)”, que lembra-nos a imagem do que concebemos hoje como “sebos”. A caracterização desse espaço de acesso aos livros bem como a datação “daqui a setenta anos” indica que esses espaços já eram presentes quando o narrador estava vivo, dado que o romance, como já mencionamos anteriormente, é narrado por um defunto-autor, e que, como se verifica na escrita, acredita que esse tipo de comércio não deixaria de existir por pelo menos setenta anos. Ainda sobre as práticas de acesso aos livros pelos sujeitos leitores o enunciado textual ainda indicia o costume dos leitores no uso dos “dicionários biográficos”, e com isso, o cuidado e atenção dos leitores em buscar obras de pessoas relevantes, conhecidas. Além de que, a descrição preço de um livro na mão dos alfarrabistas, “duzentos réis”, é o valor aproximado de objetos de pequeno valor na época, acessível, por isso, a pequena parcela da população⁵².

Podemos notar, pela descrição na série discursiva esboçada acima, que há um esforço do autor, por meio do narrador, de enunciar que os homens cariocas do século XIX, particularmente aqueles que possuíam uma melhor condição social, que aprendiam a ler na escola formal, e os que gostavam de livros liam.

⁵² Considere a exemplo que um número avulso do Jornal “Gazetinha” e “Gazeta de Notícias” que circulavam e eram referências no Rio de Janeiro, custavam nessa época, respectivamente 20 e 40 réis. Fonte: < <http://hemerotecadigital.bn.br> >.

Esse **primeiro enunciado discursivo** que compõe essa formação discursiva, sobre “**os sujeitos leitores do final do século XIX segundo Machado de Assis**” é: “**os homens brasileiros do final do século XIX, ricos, escolarizados e amantes dos livros, liam**”.

Por outro lado, se Machado de Assis simula as práticas dos homens ricos e letrados de seu tempo, afirmando que esses liam, que o faziam com frequência, temos por outro lado, em “Quincas Borba”, um perfil de leitor bastante singular: o político.

Para falar da leitura dos políticos, o autor recorre ao personagem Dr. Camacho, ou ainda, João de Souza Camacho, amigo de Rubião. De toda descrição do político apresentada no Capítulo XLII de “Quincas Borba”, o seguinte excerto apresenta uma crítica aos seus hábitos de leitura:

[...] trazia a política no sangue; **não lia**, não cuidava em outra coisa. De literatura, ciências naturais, história, filosofia, artes, não se preocupava absolutamente nada. Também **não conhecia** grandes coisas de direito; guardava algum do que lhe dera a academia, mais a legislação posterior e práticas forenses (Quincas Borba, Capítulo XLII).

Menos importante que a crítica em si aos hábitos de leitura de um personagem específico, como esse em questão, é perceber os atributos que Machado de Assis, na voz do narrador, vê como exemplares para homem, ou ainda mais, para o político de seu tempo. O homem, ou o ainda, o político do século XIX, tal como enunciado textualmente, deveria ser não apenas um “conhecedor”, mas, sobretudo um “leitor”, especialmente da literatura, das ciências naturais, história, filosofia, artes e direito. Se marcarmos a expressão “conhecedor” e “leitor” é porque temos, segundo a descrição, que Dr. Camacho, apesar de advogar, parece não se prestar tanto ao estudo, a leitura das práticas jurídicas, advogando com o que recordava dos tempos de formação além da legislação e práticas modernas, e com isso argumentava perante o juiz, ganhando causas.

Temos assim outro **enunciado discursivo** que compõe a formação discursiva, sobre os sujeitos leitores: “**os homens políticos brasileiros do final do século XIX, ricos e escolarizados do final século XIX, não liam**”.

Se até aqui observamos o cuidado de Machado em identificar os gestos de leitura de seus narradores, nos casos abordados até então todos do gênero masculino, ricos e letrados, verificamos, por outro lado, a preocupação com os sujeitos leitores do

gênero feminino. Público esse consumidor dos folhetins nos quais o autor publicou muitos de seus romances antes de chegarem ao formato livro.

Consensualmente sobre o público leitor feminino no século XIX, Rafael diz:

Muitas mulheres sabiam ler, mas não eram capazes de assinar o seu próprio nome. A educação das meninas estava atrasada em relação a dos meninos, a quem era estimulada a prática da escrita e algumas mulheres mais instruídas perceberam que a imprensa seria um meio para poder divulgar as suas ideias sociais e políticas, pois defendiam que as mulheres deviam aprender a ler e a escrever para poderem participar na vida social, política e religiosa do país. O ativo envolvimento dos intelectuais na sociedade oitocentista conduziu a uma maior reflexão sobre o estado do país e a uma tomada de consciência sobre as alterações a fazer, nomeadamente sobre o analfabetismo do povo ou das classes populares, de ambos os sexos, e não já apenas dos homens e assim surgiram transformações relativamente ao problema da instrução feminina, à mudança de mentalidade relacionada com a mulher, à maior liberdade de imprensa e conseqüente desenvolvimento do jornalismo. Contudo, só uma parte limitada da população feminina estava em condições de reunir as capacidades literárias, os meios financeiros e disponibilidade de tempo para apreciar as revistas, jornais ou romances, uma vez que a imprensa era um fenómeno marcadamente urbano, cujo público não era muito flexível e teria gostos mais profanos. O nível educacional e a formação do público leitor feminino a partir do séc. XIX, é escasso (RAFAEL, 2012, p. 35-36).

Em meio a isso, temos nas obras que nos propusemos a analisar, a presença do sujeito “mulher leitora” em algumas personagens, como a de Capitu, em “Dom Casmurro”, tal como enunciado textualmente:

As curiosidades de Capitu dão para um capítulo, eram de várias espécies, explicáveis e inexplicáveis, assim úteis como inúteis, umas graves, outras frívolas; gostava de saber tudo. No colégio, onde, desde os sete anos, aprendera a ler, escrever e contar, francês, doutrina e obras de agulha, não aprendeu, por exemplo, a fazer renda; por isso mesmo, quis que prima Justina lho ensinasse (Dom Casmurro, Capítulo XXXI - Curiosidades de Capitu).

Machado de Assis, assim, acena para uma simulação da educação feminina de sua época. Apesar de Capitu pertencer a uma família de posição social e economicamente inferior a do sujeito Bentinho, essa frequentara o colégio, onde aprendeu a ler e a escrever. Dentre as alunas, algumas eram filhas de médicos e comerciantes que trabalhavam com importação de produtos americanos, por exemplo, tal como vemos no capítulo XLII - Capitu refletindo.

Pela associação “ler e escrever” tal como descrito, podemos aventar que não se trata mais “ler” em um sentido amplo, mas sim da leitura da palavra.

Marcia Abreu (2001), tomando como referência analítica as pessoas que estavam nos “meios urbanos e os operários” argumenta ser prática bastante comum nos séculos XVIII e início do XIX, a da leitura como sendo “a da fala e audição”, como segue:

No século XVIII e início do XIX, o conceito de leitura parece confundir-se com a fala e a audição, podendo prescindir da habilidade de decifração dos sinais gráficos de que se compõe a escrita. Se entre intelectuais o processo de ouvir ler fazia parte das formas de sociabilidade, parecendo coisa comum, qual não seria o poder de divulgação dos escritos entre os não letrados? Por meio da leitura oral, iletrados também poderiam entrar em contato com conteúdos registrados por escrito (...) durante a primeira metade do século XIX a leitura oral era uma das formas de mobilização cultural e política dos meios urbanos e dos operários (ABREU, 2001, p. web).

A manifestação de leitura do sujeito Capitu não era essa. Era mesmo como sendo uma leitura da palavra e não “do ouvido” ou das práticas orais, como pode ser visto abaixo:

Estava abatida, trazia um lenço atado na cabeça; a mãe contou-me que fora **excesso de leitura** na véspera, antes e depois do chá, na sala e na cama, até muito depois da meia-noite, e com lamparina...
– Se eu acendesse vela, mamãe zangava-se. Já estou boa (Dom Casmuro, Capítulo XLII - Capitu Refletindo).

Assim, a leitura de sujeitos mulheres, como a de Capitu, era a leitura das palavras. Uma leitura feita de modo solitário, mas que era frequente, tanto que poderia servir como uma provável desculpa para abatimentos.

Em “Quincas Borba”, Machado de Assis oferece-nos mais algumas práticas relacionadas à leitura da mulher, a exemplo da leitura da bela Sofia, filha de um funcionário público e esposa de Cristiano de Almeida e Palha, um homem de negócios. A leitura, particularmente a de romances, mostra-se como uma prática solitária, capaz de deixar a leitora absorta, a imaginar a cena narrada.

"Ele merece ser amado", leu Sofia na página aberta do romance, quando ia continuar a leitura; fechou o livro, fechou os olhos, e perdeu-se em si mesma. A escrava que entrou daí a pouco, trazendo-lhe um caldo, supôs que a senhora dormia e retirou-se pé ante pé (Quincas Borba, Capítulo CXXV).

Ainda em “Quincas Borba” o autor dá a entender que as mulheres ricas, ou que ansiavam por serem vistas em posições sociais elevadas, também liam ou procuravam ter um conhecimento mínimo em línguas estrangeiras, como o francês, ainda que nem

sempre compreendessem seu significado, que se restringia as coisas de seu cotidiano, como segue:

Então Sofia inventava passeios, à toa, para fazê-la descansar. Ora um bairro, ora outro. Em certas ruas, Maria Benedita não perdia tempo: **lia as tabuletas francesas**, e perguntava pelos substantivos novos, que a prima, algumas vezes, não sabia dizer o que eram, tão estritamente adequado era o seu vocabulário às coisas do vestido, da sala e do galanteio (Quincas Borba, Capítulo LXVIII).

Em contrapartida, o sujeito Sofia em conversa com o amante Rubião, mostra-se como uma leitora bastante atenta as notícias, rompendo com a imagem de uma mulher ingênua, que fazia da leitura apenas um passatempo, fruição.

— Sabe que estou formando uma comissão de senhoras? perguntou ela.
— Não sabia; para quê?
— **Não leu a notícia** daquela epidemia numa cidade das Alagoas? (Quincas Borba, Capítulo XCII).

Apesar disso, a prática leitora, tal como é esboçada na personagem Sofia é, segundo nos parece, uma posição de *status*. Para se inserir na sociedade não bastava a mulher saber ler, mas principalmente ler o que as pessoas mais abastadas liam e se apresentasse aos outros como uma leitora de tal ou tal matéria, tal como é enunciado no excerto abaixo.

Um dia, no melhor dos trabalhos da comissão das Alagoas, perguntara-lhe uma das elegantes do tempo, casada com um senador.
— **Está lendo o romance de Feuillet**, na Revista dos Dois Mundos?
— Estou, acudiu Sofia; é muito interessante.
Não estava lendo, nem conhecia a Revista; mas, no dia seguinte, pediu ao marido que a assinasse; leu o romance, leu os que saíram depois, e falava de todos os que lera ou ia lendo(Quincas Borba, Capítulo CLXI).

A posição social avantajada do sujeito leitor do século XIX confirma o que Marcia Abreu (2001, p. web) argumenta, quando diz que “esta associação entre leitura e enobrecimento do sujeito foi construída historicamente, tendo recebido forte impulso com a ascensão da burguesia”. Acrescentamos que sob esta perspectiva não bastaria aos homens e mulheres possuir boas casas, vestidos e livros, era preciso ir além, isto é, que se exibisse isso. Não bastaria ter livros ou revistas em casa, para exteriorizar o sucesso social, era preciso comentar sobre esses, para passar a imagem de bom leitor, conhecedor.

Identificamos, assim, um **terceiro enunciado discursivo** que compõe a formação discursiva sobre “**os sujeitos leitores do final do XIX segundo Machado de Assis**”, qual seja, “**as mulheres brasileiras do final do século XIX, escolarizadas, ricas ou não, liam**”.

Até este momento, recorremos a enunciados textuais originários de três livros de Machado de Assis, a saber, “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881), “Quincas Borba” (1891) e “Dom Casmurro” (1899), e neles pontuamos quais seriam alguns dos sujeitos leitores visionados, simulados, pelo autor. Nesses enunciados textuais aplicamos os conceitos expostos por Foucault (2008) para encontrarmos os enunciados discursivos e identificamos três deles:

- a) Os homens brasileiros do final do século XIX, ricos, escolarizados e amantes dos livros, liam.
- b) Os homens políticos brasileiros do final do século XIX, ricos e escolarizados do final século XIX, não liam.
- c) As mulheres brasileiras do final do século XIX, escolarizadas, ricas ou não, liam.

Esses enunciados compõe a primeira formação discursiva, qual seja: “**Os sujeitos leitores do século XIX segundo Machado de Assis**”.

Vejamos outra formação discursiva a seguir.

3.3 As características dos sujeitos leitores do final do século XIX segundo Machado de Assis

Vimos até aqui que Machado de Assis enuncia, nas obras analisadas, que tanto as mulheres como homens, ocupavam a posição de leitores no Rio de Janeiro do século XIX. Nesta seção levantaremos algumas considerações sobre a caracterização desse sujeito leitor machadiano, construindo a argumentação em torno de uma segunda **formação discursiva, qual seja: “As características dos sujeitos leitores do final do século XIX segundo Machado de Assis”**. Leitores esses, que foram interpelados e descritos por Machado de Assis, e que se demonstraram diferentes em suas características pessoais: curioso, impaciente, amiga, amada, atenciosa, devota, casta, pálida, pacato, incrédulo, tal como veremos.

A enunciação “leitor curioso” ou ainda “curioso leitor” é empregada pelo autor, na fala dos narradores em várias circunstâncias, que nos dão a entender que o escritor sabe que seu público é curioso e, tão mais, que sua narrativa é capaz de despertar a curiosidade deles, ou ainda, o contrário, trabalhando a expectativa dos novos leitores que dia o leriam, transgredindo assim, o leitor de seu tempo. Exemplo disso temos no excerto que segue:

Voltemos à casinha [da Gamboa]. Não serias capaz de lá entrar hoje, **curioso leitor**; envelheceu, enegreceu, apodreceu, e o proprietário deitou-a abaixo para substituí-la por outra, três vezes maior, mas juro-te que muito menor que a primeira (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Capítulo LXX - D. Plácida).

Deste modo, verificamos que o narrador simula a **curiosidade** do leitor, que de tão entretido com a trama e a narrativa, desejaria conhecer a casinha da Gamboa, onde ele, Brás Cubas, encontrava-se escondido com Virgília, esposa de Lobo Neves.

Em outro enunciado textual, no “Capítulo LII – O embrulho misterioso”, o narrador prevê a **curiosidade** do seu público com o embrulho, encontrado por Brás Cubas quando esse ia a Botafogo, no qual, depois alguma de hesitação e muita curiosidade abre e encontra cinco contos de réis.

Era tarde; a **curiosidade** estava aguçada, como deve estar a do leitor (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Capítulo LII -O embrulho misterioso).

A **impaciência**, tal como a **curiosidade**, também constitui uma das características do leitor imaginado, simulado e por vezes transgredido, por Machado de Assis, tanto que os narradores ao interpelarem o “leitor curioso”, subitamente já atendem a reivindicação do público, sanando prontamente a curiosidade.

Em “Quincas Borba” quando são apresentados os dois convidados para o almoço na casa de Rubião, é assim exposto:

Queres o avesso disso, **leitor curioso**? Vê este outro convidado para o almoço, Carlos Maria (Quincas Borba, Capítulo XXXI).

Em outro exemplo, ainda na mesma obra, identificamos a **impaciência** da leitora, pressentida pelo escritor:

E Sofia? Interroga **impaciente a leitora**, tal qual Orgon: Et Tartufe ? Ai, amiga minha, a resposta é naturalmente a mesma, — também ela comia bem, dormia largo e fofo, — coisas que, aliás, não impedem que uma pessoa ame, quando quer amar (Quincas Borba, CXXXVIII).

A **leitora amiga**, querida e amada bem como o leitor amigo é constantemente evocado nas obras analisadas, tal como podemos verificar na série de duas obras machadianas:

A leitora, que é minha amiga e abriu este livro com o fim de descansar a cavatina de ontem para a valsa de hoje, quer fechá-lo às pressas, ao ver que beiramos um abismo. Não faça isso, querida; eu mudo de rumo (Dom Casmurro, Capítulo CXIX - Não Faça Isso, Querida!).

[...] Mas, **leitora amada**, talvez a senhora nunca visse cair um carteiro (Quincas Borba, LI).

E isto é muito, **leitor meu amigo**; o coração, quando examina a possibilidade do que há de vir, as proporções dos acontecimentos e a cópia deles, fica robusto e disposto, e o mal é menor mal (Dom Casmurro, Capítulo LVII - De Preparação).

Esse estilo de escrita de Machado, evocando o leitor para perto do texto, além de gerar cumplicidade entre o narrador e o leitor, tal como descreve Lajolo e Zilberman (2009), gesta e gera, segundo vemos, um comportamento intimista de ser sujeito leitor/leitora.

Essa leitora, no caso como representados nesses excertos, é a leitora que lê ou assiste peças teatrais, a exemplo de Tartufo de Molière, ouve árias, frequenta valsas e recebe cartas. A cumplicidade entre o narrador e a leitora pode ser percebido ainda no diálogo de “Dom Casmurro”, como segue:

– A leitora, que ainda se lembrará das palavras, dado que me tenha **lido com atenção**, ficará espantada de tamanho esquecimento, tanto mais que lhe lembrarão ainda as vozes da sua infância e adolescência; haverá olvidado algumas, mas nem tudo fica na cabeça (Dom Casmurro, Capítulo CX - Rasgos Da Infância).

Temos assim uma representação da leitora, no caso, como **atenciosa**, que guarda as palavras lidas e sente em si os mesmos espantos do narrador.

Para além dessas representações, ou ainda, simulações, Machado de Assis caracteriza suas leitoras, enquanto sujeitos, como devota:

Não me tenhas por sacrílego, **leitora minha devota**; a limpeza da intenção lava o que puder haver menos curial no estilo (Dom Casmurro, Capítulo XIV - Inscrição).

Como se lê, o enunciado textual “**leitora devota**” se constrói pela escolha lexical do narrador, que utiliza uma terminologia própria do repertório, particularmente, cristão-católico, tal como: “sacrílego”, “devota” e “curial”. Recordando que, como mencionamos anteriormente, o Catolicismo, era, segundo a Constituição do Império, a religião oficial do Brasil.

Por outra frente, a leitora de Machado de Assis, tal como nos parece, não é uma leitora que gosta de sustos, surpresas e violência, e desse modo, os narradores se fazem de modo cauteloso ao apresentar a trama. Assim é quando Dom Casmurro recorda seu tempo de seminário e de suas “visões feminis”, com senhoras de saias caindo e o rodeando com seus tique-tiques afrancesados, ou ainda quando Brás Cubas confessa a sua leitora que desejou estrangular Lobo Neves enquanto esteve com Virgília, mas ao vê-lo , fez gesto de amigo e acompanhou com uma palavra graciosa, como segue.

Sim, **leitora castíssima**, como diria o meu finado José Dias, podeis ler o capítulo até ao fim, sem susto nem vexame (Dom Casmurro, Capítulo LVII - De Preparação).

Não tremas assim, **leitora pálida**; descansa, que não hei de rubricar esta lauda com um pingo de sangue (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Capítulo LXIII / Fugamos!).

Vemos assim, enunciado textualmente, que o autor escreve para um público **pacato**, tal como em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”:

Estou com vontade de suprimir este capítulo. O declive é perigoso. Mas enfim eu escrevo as minhas memórias e não as tuas, **leitor pacato** (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Capítulo XCVIII / Suprimido).

A característica aparentemente paradoxal do leitor que é **impaciente** e ao mesmo tempo **pacato** pode ser analisada também em termos do leitor romântico da época. Isto é, aquele que gosta que o narrador explique e conte tudo de modo fácil, já que sua leitura está atrelada ao entretenimento. Esse perfil de leitor, segundo vemos, trata-se justamente daqueles a quem o autor critica, mas que representavam os leitores de seu tempo, e que possivelmente não eram, exatamente, o seu público leitor.

O sujeito público leitor, apesar de imaginado por Machado de Assis como **pacato**, não dado a sustos e surpresas, é também caracterizado como um leitor **incrédulo**, capaz até mesmo de se entediar com a prosa do narrador, quando esse parece irreal. Como nota-se no diálogo entre Dom Casmurro e Capitu, que ao pedi-la para que fosse ele o padre de seu casamento, essa recusa, afirmando que demoraria tempo para que ele se tornasse padre, mas promete que ele batizaria seu primeiro filho.

Abane a cabeça, **leitor**; faça todos os gestos de **incredulidade**. Chegue a deitar fora este livro, se o tédio já o não obrigou a isso antes; tudo é possível. Mas, se o não fez antes e só agora, fio que torne a pegar do livro e que o abra na mesma página, sem crer por isso na veracidade do autor. Todavia, não há nada mais exato. Foi assim mesmo que Capitu falou, com tais palavras e maneiras. Falou do primeiro filho, como se fosse a primeira boneca (Dom Casmurro, Capítulo XLV - Abane a Cabeça, Leitor).

Dessas considerações e enunciados textuais identificados e selecionados das obras machadianas em questão, materializam de um enunciado discursivo, qual seja: “**os leitores e leitoras brasileiros do final século XIX, se caracterizam como: curiosos, impacientes, amigos, amados, atenciosos, beatos, pacatos e incrédulos**”. Enunciado discursivo esse, que compõe uma segunda formação discursiva, a saber: “**as características dos sujeitos leitores do final do século XIX segundo Machado de Assis**”.

Apreendemos até aqui que os leitores como descritos por Machado de Assis, são homens e mulheres que frequentaram a escola, detinham ou não uma posição social privilegiada e que realizavam leitura para o lazer e o trabalho, lendo literatura, história,

filosofia, artes, e estavam atentos a leitura dos autores mais proeminentes. Em outra frente, vimos ainda que esses mesmos leitores, para o qual Machado, frequentemente se dirige na simulação da figura do narrador, são enunciados segundo diferentes características por vezes, aparentemente incompatíveis, tal como curiosos e incrédulos ou ainda impaciente e pacato.

Uma vez que identificamos a segunda “formação”, na qual o autor indicia algumas características desse público, vamos agora procurar nas práticas de leitura e escrita concebidas e encarnadas pelos personagens criados pelo literato carioca, o que era lido, quando e como.

3.4 Os modos de ler do final do século XIX segundo Machado de Assis

Uma vez que abordamos anteriormente os sujeitos leitores e suas características conforme figuram nos romances machadianos “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, “Dom Casmurro” e “Quincas Borba”, vamos agora, explorar uma terceira **formação discursiva, que denominaremos: “Os modos de leitura do final do século XIX segundo Machado de Assis.**

Nesses termos, podemos dizer que o autor enuncia, tal como veremos, que o espaço onde vivia e, por conseguinte, seu público leitor, era constituído por pessoas que não só **liam**, mas também **escreviam**, tal como é evidenciado nos enunciados textuais que mostraremos a seguir.

Assim, iniciamos por “Memórias Póstumas de Brás Cubas”:

Vaguei pelas ruas e recolhi-me às nove horas. Não podendo dormir, atirei-me **a ler e escrever** (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Capítulo LXIV - A transação).

Nesse fragmento textual, como dissemos anteriormente, Brás Cubas veio de uma família com posses, e nessa situação o narrador-personagem encontra-se em casa, depois de ter passado a noite a vagar pela rua após o jantar na casa de Lobo Neves e Virgília. A leitura e a escrita aparecem aqui como um passatempo, não adiantando vagar pela rua e incerto se deveria ir ou não ao teatro, encontrar-se com Virgília e Lobo Neves; neste sentido, a melhor escolha, ou o mais refinado a dizer para seu interlocutor, foi dizer que se manteve em casa lendo ou escrevendo, e não escutando rádio ou vitrola, jogando cartas ou qualquer outra coisa.

Ainda nessa mesma obra, Brás Cubas revela o que escrevia quando jovem, quando tinha em torno de seus dezesseis anos, enquanto seu pai falava sobre política e noivas, em ocasião do falecimento de mãe:

Eu deixava-me estar ao canto da mesa, a **escrever** desvairadamente num pedaço de papel, com uma ponta de lápis; traçava uma palavra, uma frase, um verso, um nariz, um triângulo, e repetia-os muitas vezes, sem ordem, ao acaso, assim...

arma virumque cano

A
 Arma virumque cano
 arma virumque cano
 arma virumque
 arma virumque cano
 virumque

Maquinalmente tudo isto; e, não obstante, havia certa lógica, certa dedução; por exemplo, foi o virumque que me fez chegar ao nome do próprio poeta, por causa da primeira sílaba; ia a escrever virumque — e sai-me Virgílio, então continuei:

Vir Virgílio
 Virgílio Virgílio
 Virgílio
 Virgílio

(Memórias Póstumas de Brás Cubas, Capítulo XXVI - O autor hesita).

Esse excerto demonstra, no limite, a utilização da escrita como um passatempo, como uma prática que nem sempre exigia atenção, posto que podia ser feita “maquinalmente”, descomprometidamente. Mas a escrita “maquinal”, “descomprometida”, não é outra se não reflexo das leituras pelas quais o sujeito passou. Sujeito esse, aqui, simulado por Machado de Assis, como um leitor, ou no mínimo, um pouco conhecedor do latim, posto que “Arma virumque cano”, constitui o primeiro verso do poema “Aeneid”⁵³, de Virgílio, escrito no século I. Ademais, no capítulo XXIV, Brás Cubas confessa ao leitor, de maneira franca, que do latim embolsara três versos de Virgílio, dois de Horácio, além de locuções morais e políticas.

Para além da escrita “descomprometida” podemos ainda identificar uma série de passagens, nas obras selecionadas, que enunciam o modo de leitura e escrita de livros e manuscritos. Exemplo disso, vimos anteriormente em “Dom Casmurro” no “Capítulo XLV – Abane a Cabeça, Leitor”, quando tratamos do leitor incrédulo, capaz de entediar-se com o livro quando esse toma traços muito irrealis, impossíveis.

Outros exemplos que atestam que Machado de Assis escrevia para um público que lia pode ser percebido em enunciados textuais que retratam a prática da **releitura**. A releitura é textualmente enunciada em “Dom Casmurro” em duas situações: quando o narrador confessa ao leitor que relê os capítulos do manuscrito que escreve, tal como vemos:

⁵³ Essa obra é conhecida em português como “Eneida”.

Relendo o capítulo passado, acode-me uma ideia e um escrúpulo. O escrúpulo é justamente de escrever a ideia, não a havendo mais banal na terra, posto que daquela banalidade do sol e da lua, que o céu nos dá todos os dias e todos os meses. Deixei o manuscrito, e olhei para as paredes (Dom Casmurro, Capítulo LXIV - Uma Ideia e um Escrúpulo).

E também quando solicita ao leitor que **releia** determinada obra de José de Alencar e Álvares de Azevedo:

Relê Alencar: “Porque um estudante (dizia um dos seus personagens de teatro de 1858) não pode estar sem estas duas coisas, um cavalo e uma namorada.” **Relê** Álvares de Azevedo. Uma das suas poesias é destinada a contar (1851) que residia em Catumbi, e, para ver a namorada no Catete, alugara um cavalo por três mil-réis... Três mil-réis! tudo se perde na noite dos tempos! (Dom Casmurro, Capítulo LXXIII - O Contra-Regra).

Nesse movimento do narrador em solicitar ao leitor que retome a leitura de uma peça de **teatro** ou de uma **poesia**, fica evidente que ele escreve para um “leitor amigo”, o qual pode sugerir e recomendar leituras, mas também, com quem compartilha leituras em comum, e circundam o mesmo espaço literário.

Em outra frente, em “Quincas Borba” temos o indício de outra prática de releitura, desta vez referente aos **almanaques**, e particularmente do “Almanaque de Laemmert”, cujo texto, como vimos anteriormente é mencionado em “Memórias Póstumas de Brás Cubas” no Capítulo LXXII - O Bibliômano.

Eis aqui a explicação: poucas semanas antes, Rubião apanhou um **almanaque de Laemmert**, e, entrando a folheá-lo, deu com o capítulo dos titulares. Se ele sabia de alguns, estava longe de os conhecer a todos. Comprou um almanaque, e **lia-o muitas vezes**, deixando escorregar os olhos por ali abaixo, desde os marqueses até os barões, voltava atrás, repetia os nomes bonitos, trazia a muitos de cor. Às vezes, pegava da pena e de uma folha de papel, escolhia um título moderno ou antigo, e escrevia-o repetidamente, como se fosse o próprio dono e assinasse alguma coisa (Quincas Borba, Capítulo LXXXII).

Seguindo ainda com as **releituras**, podemos verificar que essa prática não se resumia as obras literárias, a prosa e poesia, e aos conteúdos informativos, tal como os almanaques, mas também a **bilhetes e cartas**, tal como podemos verificar em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”,

Trazia a carta consigo, já bastante amarrotada, talvez por havê-la lido a muitas outras pessoas. Creio haver dito que era de um dos Regentes. Leu-ma duas vezes (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Capítulo XXVI / O autor hesita).

Nessa mesma obra, inclusive, o narrador revela também um prazer peculiar com relação à leitura das cartas, a saber: a releitura de cartas antigas, convidando o leitor, presumivelmente jovem, a fazer o mesmo.

Outras vezes agitava-me. Ia às gavetas, entornava as cartas antigas, dos amigos, dos parentes, das namoradas, (até as de Marcela), e abria-as todas, lia-as uma a uma, e recompunha o pretérito... [...] Guarda as tuas cartas da juventude! (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Capítulo CXVI / Filosofia das folhas velhas).

Além disso, ainda em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, o narrador oferece-nos mais um indício sobre a prática de escrita da época: a **carta anônima**.

O marido mostrou-lhe a carta, logo que ela se restabeleceu. Era anônima e denunciava-nos [...]. Virgília leu a carta e disse com indignação que era uma calúnia infame (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Capítulo XCVI / A carta anônima).

Da série de excertos analisados acima, podemos empreender a constituição do **primeiro enunciado discursivo** que compõe a formação discursiva sobre “**os modos de ler do final do século XIX segundo Machado de Assis**”, qual seja: “**os homens e mulheres brasileiros do final século XIX, de diferentes posições sociais, escreviam, liam e também reliam diferentes textos, que poderiam ser anônimos**”.

Sobre modos de ler, o que era lido, relido e escrito nos textos, frequentemente descritos nos romances analisados, podemos notar que a **poesia** parece ter um lugar privilegiado. Isso porque observam-se diferentes personagens eventualmente tomando a palavra e colocando-se a ler e recitar versos, a exemplo do desconhecido que cunhou a Bento o apelido “Dom Casmurro”, como se vê em:

Uma noite destas, vindo da cidade para o Engenho Novo, encontrei no trem da Central um rapaz aqui do bairro, que eu conheço de vista e de chapéu. Cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da Lua e dos ministros, e acabou **recitando-me versos** (Dom Casmurro, Capítulo I – Do título).

Ainda em “Dom Casmurro”, podemos ver o desejo de saber escrever um soneto, isto é, uma forma bastante particular de poesia,

Dita a palavra, apertou-me as mãos com as forças todas de um vasto agradecimento, despediu-se e saiu. Fiquei só com o Panegírico, e o que as folhas dele me lembraram foi tal que merece um capítulo ou mais. Antes,

porém, e porque também eu tive o meu Panegírico, **contarei a história de um soneto que nunca fiz** (Dom Casmurro, Capítulo LV - Um Soneto).

Ademais, vemos por vezes em “Memórias Póstumas de Brás Cubas” a imagem do poeta romântico em tom de ironia, à medida que, como já comentamos anteriormente, Machado de Assis, nessa obra, transgride o modelo do Romantismo, criticando-o, bem como o sentimentalismo que dominava na época. Essa crítica pode ser verificada no excerto abaixo:

O estilo desmentia da pessoa, assaz rude e aparentemente alheia a locuções rebuscadas. Fitei-o; ele pareceu saborear o meu espanto. No fim de alguns segundos, pegou-me na mão e apontou para a lua, perguntando-me por que não fazia uma ode à noite; respondi-lhe que não era poeta. O capitão rosnou alguma coisa, deu dois passos, meteu a mão no bolso, sacou um pedaço de papel, muito amarrotado; depois, à luz de uma lanterna, **leu** uma ode horaciana sobre a liberdade da vida marítima. **Eram versos dele.** (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Capítulo XIX - A BORDO).

O Capitão, ou ainda “poeta marujo”, como vemos na descrição, que permeia todo o capítulo XIX das memórias de Brás Cubas, fora educado para tornar-se padre, mas que por motivos graves não chegou a ser. Essa informação, em alguma medida, reafirma que o acesso à educação era restrito, e coloca a Igreja como uma instituição educadora, de formação de leitores.

Além da poesia, podemos notar, via personagens, que outros tipos de textos eram lidos, escritos e recorrentemente relidos, tal como os **artigos de jornais**. Sobre a leitura de jornais, podemos ainda aventar que essa prática ocorria, em especial pelo período da **manhã**, antes do café e a espera do almoço, como podemos notar, abaixo,

Na manhã seguinte acordei livre das abominações da véspera; chamei-lhes alucinações, tomei café, **percorri os jornais** e fui estudar uns autos (Dom Casmurro, Capítulo CXX - Os Autos).

Banhado, barbeado, meio vestido, **Palha lia os jornais, à espera do almoço**, quando viu entrar a mulher no gabinete, um tanto pálida (Quincas Borba, Capítulo LI).

Para além dessas sinalizações, podemos ver ainda em “Quincas Borbas”, e particularmente no Capítulo LXVII, uma descrição detalhada dos gestos de leitura, que ressaltam o local e como as pessoas liam, tal como reproduzimos parcialmente abaixo.

De manhã, na cama, teve um sobressalto. O primeiro jornal que abriu foi a Atalaia. Leu o artigo editorial, uma correspondência, e algumas notícias. De repente, deu com o seu nome.

— Que é isto?

Era o seu próprio nome impresso, rutilante, multiplicado, nada menos que uma notícia do caso da Rua da Ajuda. Depois do sobressalto, aborrecimento. Que diacho de ideia aquela de imprimir um fato particular, contado em confiança? Não quis ler nada; desde que percebeu o que era, deitou a folha ao chão, e pegou em outra. Infelizmente, perdera a serenidade, **lia por alto, pulava algumas linhas, não entendia outras, ou dava por si no fim de uma coluna sem saber como viera escorregando até ali.**

Ao levantar-se, sentou-se na poltrona, ao pé da cama, e pegou da Atalaia. Lançou os olhos pela notícia: era mais de uma coluna. Coluna e tanto para coisa tão diminuta! pensou consigo. E a fim de ver como é que Camacho encheu o papel, **leu tudo, um pouco às pressas, vexado dos adjetivos e da descrição dramática do caso.** [...]

Passou ao banho, vestiu-se, penteou-se, sem esquecer a bisbilhotice da folha, acanhado com a publicação de um negócio, que ele reputava mínimo, e ainda mais pelo encarecimento que lhe dera o escritor, como se tratasse de dizer bem ou mal em política. Ao café, pegou novamente na folha, **para ler outras coisas**, nomeações do governo, um assassinato em Garanhuns, meteorologia, até que a vista desastrada foi cair na notícia, e leu-a então com pausa. Aqui confessou Rubião que bem podia crer na sinceridade do escritor. [...] (Quincas Borba, Capítulo LXVII).

Notamos no excerto acima, que Rubião tinha acesso a vários jornais em sua casa, conforme podemos deduzir do trecho “o primeiro jornal que abriu foi a Atalaia”, bem como percurso de leitura, o editorial, as notícias, nomeações do governo, os assassinatos, a meteorologia. Importante também destacar desse excerto, é o movimento de tentativa de leitura empregado por Rubião quando, no limite, incomodado ao ver seu nome impresso no jornal, pelo seu feito heroico de salvar uma criança de um carro de cavalos que estava por atropelá-la, tal como relatado no Capítulo LX. Rubião, na tentativa de ler o jornal, e se esquivar da coluna como seu nome, mudava de folha, lia “por alto”, pulava linhas, chegava ao fim de uma coluna sem notar como, e quando resolveu ler o que estava escrito sobre ele, lia as pressas, mas com atenção aos adjetivos e a descrição, que como podemos observar, o deixou vexado, envergonhado.

Ainda no fragmento, vemos que Rubião ficou acanhado pelo fato de Camacho ter descrito seu feito com o “encarecimento [...] como se tratasse de dizer bem ou mal em política”. Disso, podemos assinalar que as pessoas liam e escreviam sobre política para os jornais. Afirmação essa que pode ser confirmada em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, como vemos,

Na outra sala estava Lobo Neves, que me fez muitos cumprimentos, acerca dos meus escritos políticos, acrescentando que nada dizia dos literários por não entender deles; mas os políticos eram excelentes, bem

pensados e bem escritos (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Capítulo L - Virgília casada).

Podemos pontuar, pelo fragmento, que as pessoas escreviam para os jornais não apenas sobre política, mas também sobre o falar e o fazer literatura. Fato esse que se evidencia, claro, pelas próprias obras de Machado de Assis, que circularam aos capítulos nos jornais, folhetins e revistas do Rio de Janeiro. Exemplo disso é a própria obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, que primeiro circulou na “Revista Brasileira”. Somamos assim, mais um suporte de leitura que Machado de Assis, aborda em suas obras: a leitura de revistas. Nesse contexto, vale destacar, segundo notamos, que os leitores da época não apenas **liam revistas brasileiras, mas também estrangeiras**, e especificamente revistas inglesas, tal como faz Carlos Maia na obra “Quincas Borba”, “Ele, sentado, lia uma **revista inglesa**; pegou-lhe na mão, pendente sobre o peito, e acabou a página.” (Quincas Borba, Capítulo CLXX).

A leitura dos livros é também enunciada textualmente em “Quincas Borba”,

Quincas Borba leu-me daí a dias a sua grande obra. Eram quatro volumes manuscritos, de cem páginas cada um, com letra miúda e citações latinas. O último volume compunha-se de um tratado político, fundado no Humanitismo; era talvez a parte mais enfadonha do sistema, posto que concebida com um formidável rigor de lógica (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Capítulo CXVII / O Humanitismo).

Ou ainda, na mesma obra,

Um só incidente afligiu Sofia naquele dia puro e brilhante, — foi um encontro com Rubião. Tinha entrado em uma livraria da Rua do Ouvidor para **comprar um romance**; enquanto esperava o troco, viu entrar o amigo. Rapidamente voltou o rosto e percorreu com os olhos os **livros da prateleira, — uns livros de anatomia e de estatística**; — recebeu o dinheiro, guardou-o, e, de cabeça baixa, rápida como uma flecha, saiu à rua, e enfiou para cima. O sangue só lhe sossegou, quando a Rua dos Ourives ficou para trás (Quincas Borba, Capítulo CLXIV).

Temos acima, que circulavam no Rio de Janeiro do século XIX, não só **livros de literatura, mas também técnico-científicos**, tais como os de anatomia e estatística. Parece-nos, conforme o destaque da narrativa sobre a reação de Sofia que “percorreu com os olhos os livros da prateleira, — uns livros de anatomia e de estatística”, que esses livros não eram habituais, comuns, ou ainda do universo da mulher leitora brasileira da época, que lia, sobretudo, romances e folhetins. Podemos supor que os

livros de anatomia estariam, no limite, ligados ao pudor, por retratarem o corpo humano, ainda que de modo científico; e os livros de estatística vinculados à ciência e a tecnologia, temas ainda distantes de sua realidade.

Em outra passagem, também com Sofia, podemos notar que a leitura de livros, e especificamente, os de literatura, serviam como presentes,

adoeceu; e, para não desmentir do pretexto, deixou-se estar no quarto. Pegou de um romance recente; fora-lhe dado pelo Rubião (Quincas Borba, Capítulo CXXV).

Por outro lado, é curioso destacar que se vemos práticas efetivas da leitura de livros, de romances, de teatro, por vezes, segundo pudemos averiguar nas obras analisadas, Machado de Assis também descreve algumas práticas que poderíamos chamar por hora, de “**não leitura**”: o **fingir ler**, o **conhecer sem ler**. Práticas essas que podem ser notadas em “Dom Casmurro” e “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, tal como elencamos abaixo:

Jantei fora. De noite fui ao teatro. Representava-se justamente **Otelo, que eu não vira nem lera nunca; sabia apenas o assunto, e estimei a coincidência.** (Dom Casmurro, Capítulo CXXXV – Otelo).

Virgília, ao pé da mesa, fingia ler um livro, mas por cima da página olhava-me de quando em quando, interrogativa e ansiosa. (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Capítulo LXXX / De Secretário).

Analisando as possibilidades de textos que eram produzidos, circulavam e eram lidos, pelos diferentes personagens das obras machadianas temos ainda os bilhetes, enunciado textualmente, a exemplo, em “Quincas Borba” e as **dedicatórias em fotografias**, em “Dom Casmurro”.

Rubião sentou-se na cama estremunhado, não reparou na letra do sobrescrito; abriu o bilhete, e leu: “Ficamos ontem muito inquietos, depois que o senhor saiu. Cristiano não vai lá agora, porque acordou tarde, e tem de ir ao inspetor da alfândega. Mande-nos dizer se passou melhor. Lembranças de Maria Benedita e da Sua amiga e obrigada SOFIA” (Quincas Borba, Capítulo XCII).

Uma só vez olhei para o **retrato** de Escobar. [...] A moldura que lhe mandei pôr não encobria a **dedicatória**, escrita embaixo, não nas costas do cartão: “Ao meu querido Bentinho o seu querido Escobar 20- 4-70”. [...] **Naquele tempo a minha vista era boa; eu podia lê-las do lugar em que estava** (Dom Casmurro, Capítulo CXX – Os Autos).

Esboçamos assim, a partir dos enunciados textuais, um **segundo enunciado discursivo** que constitui a formação discursiva sobre “**os modos de ler do final do século XIX segundo Machado de Assis**” qual seja: “**Os leitores brasileiros do final do século XIX, escreviam, liam e reliam poesias, artigos para jornais, livros, almanaques, revistas, cartas, bilhetes e dedicatórias em fotografias**”.

À medida que fomos explanando sobre os tipos de textos escritos, lidos e relidos, identificamos nas obras analisadas sinalizações referentes à **leitura feita em voz alta**. Assim, passaremos a exposição uma série de enunciados textuais, encontrados nas três obras que nos detemos, que indicam o costume, no final do século XIX de ler para o outro, sejam de versos, textos filosóficos, contos, sentenças e romances, como se vê,

cumprimentou-me, sentou-se ao pé de mim, falou da lua e dos ministros, e acabou recitando-me versos (Dom Casmurro, Capítulo I – Do título).

Quincas Borba leu-me daí a dias a sua grande obra (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Capítulo CXVII - O Humanitismo).

Mandou buscar um maço de papéis à escrivania; não tendo forças para tirar a fita de borracha que prendia os papéis, pediu-me que os deslaçasse: fi-lo. Eram as contas das despesas com a construção da casa: contas de pedreiro, de carpinteiro, de pintor; contas do papel da sala de visitas, da sala de jantar, das alcovas, dos gabinetes; contas das ferragens; custo do terreno. Ele abria-as, uma por uma, com a mão trêmula, e pedia-me que as lesse, e eu lia-as (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Capítulo LXXXIX / In Extremis).

Na esquina da Rua dos Ourives deteve-o um ajuntamento de pessoas, e um préstito singular. **Um homem, judicialmente trajado, lia em voz alta um papel, a sentença** (Quincas Borba, Capítulo XLVI).

Foi no corredor, quando íamos para o chá; **José Dias vinha andando cheio da leitura de Walter Scott que fizera a minha mãe e a prima Justina. Lia cantado e compassado. Os castelos e os parques saíam maiores da boca dele, os lagos tinham mais água e a “abóbada celeste” contava alguns milhares mais de estrelas centelhantes. Nos diálogos, alternava o som das vozes, que eram levemente grossas ou finas, conforme o sexo dos interlocutores, e reproduziam com moderação a ternura e a cólera** (Dom Casmurro, Capítulo XXIII - Prazo Dado).

Sem nos alongarmos na descrição da leitura feita em voz alta da poesia, já abordada em mais detalhes no segundo enunciado desta formação discursiva, e tão pouco da leitura de textos filosóficos, contos e sentenças que, conforme averiguamos não oferecem detalhes para descrição, fixaremos-nos, no último, qual seja, a leitura em voz alta de romances.

No último fragmento textual acima, vemos que José Dias, o agregado, não só lia publicamente as obras literárias como também as interpretava, “lia cantando e

compassando”, “nos diálogos alternava o som das vozes” variando a voz conforme o sexo dos personagens e a moderação, ternura ou cólera conforme a situação. A leitura de romances realizada em voz alta é assim uma leitura dramática, que segundo nos parece, pelo perfil descrito da mãe de Bento e sua prima Justina, não era realizada por que essas não disponham do instrumental intelectual para a leitura, mas sim por que sentiam prazer em ouvi-lo ler. Prazer esse inclusive que parece ser compartilhado pelo narrador quando diz: “Os castelos e os parques saíam maiores da boca dele, os lagos tinham mais água e a “abóbada celeste” contava alguns milhares mais de estrelas centelhantes”.

Isso posto, a partir da série levantada, podemos visualizar um **terceiro enunciado discursivo** que compõe a formação discursiva sobre “**Os modos de ler do final do século XIX segundo Machado de Assis**”, a saber: “**os leitores brasileiros do final do século XIX, costumavam ler, uns para os outros, diferentes textos como poesias, romances, textos filosóficos, contos e sentenças**”.

Observamos também, particularmente em “Dom Casmurro”, gestos de leitura bastante peculiares, a saber: a leitura das expressões do rosto, dos gestos, do olhar. A sumarização dessas práticas parece-nos interessante, pois convergem para um entendimento da leitura bastante contemporâneo, da leitura não ligada as palavras e as imagens, mas a das expressões corporais.

Nesses termos, temos a **leitura do rosto**, apresentada por Machado de Assis:

Enfim, peguei dois livros e corri à lição. Não corri precisamente; a meio caminho parei, advertindo que devia ser muito tarde, e **podiam ler-me no semblante alguma coisa** (Dom Casmurro, Capítulo XXXV - Protonotário Apostólico).

Na passagem, o narrador recorda de sua infância, e mais precisamente, no capítulo anterior, seu primeiro beijo em Capitu e o receio que D. Fortunata, mãe de Capitu, desconfiasse que houvesse algo além do penteado, e também que tivessem ouvido as palavras que pronunciou sozinho, sem querer e com orgulho, em seu quarto, onde fora pegar os livros para a aula de latim. No semblante, no rosto, se marcaria, segundo Machado de Assis os sentimentos humanos, tanto do medo como do orgulho, mas não só isso, tal como vemos, quando José Dias vai buscar Bentinho no seminário a pedido de D. Gloria, que estava gripada e com medo de morrer.

Na rua, íamos calados, ele não alterando o passo do costume, – a premissa antes da consequência, a consequência antes da conclusão, – mas cabisbaixo e suspirando, **eu temendo ler no rosto dele alguma notícia dura e definitiva** (Dom Casmurro, Capítulo LXVII - Um Pecado).

É pelo rosto de José Dias, que Bentinho procurava identificar o que ocorria com sua mãe. A leitura do rosto poderia expressar todo o tipo de notícia, mas pesava nesse momento uma “notícia dura e definitiva”.

A **leitura dos gestos**, em “Dom Casmurro” pode ser verificada em:

Ao mesmo tempo tomei-me de receio de que alguém nos pudesse ouvir ou ler. Quem, se éramos sós? (Dom Casmurro, Capítulo XLIV - O Primeiro Filho).

Nesse capítulo, Dom Casmurro narra seu diálogo com Capitu quando criança, em que ela o questiona sobre quem escolheria, ela ou a mãe dele. Apesar de ele afirmar que escolheria a ela, essa escreve com uma taquara no chão: mentiroso. Reação que deixa o garoto sem compreender tanto a razão da fala como do escrito. A leitura do gesto estaria, segundo acreditamos, a situação desconfortável em que estavam, duas crianças sozinhas no quintal, discutindo o futuro de um romance secreto.

Além dessas leituras já tratadas, resta ainda **leitura dos olhos**, que segue,

já entre nós só faltava dizer a palavra última; nós a líamos, porém, nos olhos um do outro, vibrante e decisiva, e sempre que Ezequiel vinha para nós não fazia mais que separar-nos (Dom Casmurro, Capítulo CXXXII - O Debuxo e o Colorido).

Aqui, Dom Casmurro, expõe suas reações a notar que Ezequiel, seu filho, se assemelhava cada vez mais ao finado Escobar, seu amigo. A leitura dos olhos de Capitu, “vibrante e decisiva”, confirmava que seu filho era, na verdade, de seu amigo.

Uma vez percorrido, ainda que minimamente sobre enunciados textuais que convergem para uma leitura do rosto, dos gestos, dos olhos, acreditamos que seja possível apreender um **quarto enunciado discursivo** que se soma a formação discursiva sobre as “**os modos de ler do final do século XIX segundo Machado de Assis**”, a saber: “**os homens e mulheres brasileiros no final do século XIX, são capazes de ler expressões corporais**”.

Em outra frente, para finalizar, em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, tendo em vista o leitor simulado e trazido ao diálogo pelo narrador, vemos enunciados textuais

que indiciam modos de ler tão curiosos quanto à maneira como Rubião lia o jornal, aventada anteriormente nesse capítulo. Sobre essas práticas temos, por exemplo, o costume do leitor de **pular capítulos**:

Podendo acontecer que algum dos meus leitores tenha pulado o capítulo anterior, observo que é preciso lê-lo para entender o que eu disse comigo, logo depois que D. Plácida saiu da sala (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Capítulo LXXV / Comigo).

Vemos no excerto acima que, Machado de Assis, na voz de Brás Cubas, conhece a prática dos leitores de seu tempo de pular capítulos e se antecipa, alertando seu leitor que o capítulo em questão é importante, dizendo “observo que é preciso lê-lo para entender o que eu disse comigo”. Diferentemente da sinalização do Capítulo VII, quando autoriza “pode saltar o capítulo”, tal como vemos:

Que me conste, ainda ninguém relatou o seu próprio delírio; faço-o eu, e a ciência mo agradecerá. **Se o leitor não é dado à contemplação destes fenômenos mentais, pode saltar o capítulo; vá direito à narração.** Mas, por menos curioso que seja, sempre lhe digo que é interessante saber o que se passou na minha cabeça durante uns vinte a trinta minutos (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Capítulo VII / O delírio).

Outra prática enunciada textualmente é a **leitura pausada** e o hábito de **esquecer o que foi lido**, destacados respectivamente abaixo:

Viram? Nenhuma juntura aparente, **nada que divirta a atenção pausada do leitor: nada** (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Capítulo IX - Transição).

Se o leitor ainda se lembra do capítulo XXIII, [...] (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Capítulo LXXXVII - Geologia).

Sobre esse último excerto é preciso recordar que, apesar da obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas” possuir hoje o formato de livro, sua primeira circulação se deu em uma revista, o que podia contribuir para que o leitor esquecesse ou pouco de detalhes da narrativa. No exemplo, Brás Cubas retoma no capítulo 87 um acontecimento do capítulo 23.

A concluir esses breves comentários sobre o perfil do público leitor, esboçado por Brás Cubas temos ainda a **preferência do leitor por capítulos curtos**:

Vim... Mas não; não alonguemos este capítulo. Às vezes, esqueço-me a escrever, e a pena vai comendo papel, com grave prejuízo meu, que sou

autor. **Capítulos compridos quadram melhor a leitores pesadões; e nós não somos um público in-folio, mas in-12, pouco texto, larga margem, tipo elegante, corte dourado e vinhetas... Não, não alonguemos o capítulo.** (Memórias Póstumas de Brás Cubas, Capítulo XXII - Volta ao rio).

Na caracterização, Brás Cubas, não acredita que tenha “leitores pesadões” que suportassem capítulos compridos e livros grandes, “in-fólio”, mas antes um público de livros menores “in-12”, afeito a “pouco texto” e “larga margem”, interessados, em alguma medida, pelo valor estético do livro, não necessariamente pelo valor estético da obra, preferindo o “tipo elegante”, “corte dourado”, “vinhetas”. Essa caracterização, parece-nos, é uma crítica ao leitor de sua época, e por isso uma simulação, mas também uma transgressão, uma vez que o personagem Brás Cubas, escreve para as gerações que estão por vir.

Disso podemos empreender um **quinto enunciado discursivo**, junto à formação discursiva **“Os modos de ler do final do século XIX segundo Machado de Assis”** que é: **“os leitores brasileiros de Machado de Assis do final do século XIX, lia devagar, pulava e esquecia capítulos, preferindo que esses fossem curtos”**.

A concluir até aqui, a partir dos enunciados textuais presentes nas três obras machadianas que elencamos para nossas análises, “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881), “Quincas Borba” (1891) e “Dom Casmurro” (1899), procuramos identificar e compreender alguns modos de escrita das pessoas com as quais Machado de Assis convivia e esperava como leitor.

Por meio dos enunciados textuais, bem como a aplicações dos conceitos para a análise arqueológica proposta por Michel Foucault (2008) pudemos identificar os seguintes enunciados discursivos:

- a) Os homens e mulheres brasileiros do final século XIX, de diferentes posições sociais, escreviam, liam e também reliam diferentes textos, que poderiam ser anônimos;
- b) Os leitores brasileiros do final do século XIX, escreviam, liam e reliam poesias, artigos para jornais, livros, almanaques, revistas, cartas, bilhetes e dedicatórias em fotografias;
- c) Os leitores brasileiros do final do século XIX, costumavam ler, uns para os outros diferentes textos como poesias, romances, textos filosóficos, contas e sentenças;
- d) Os homens e mulheres brasileiros no final do século XIX, são capazes de ler expressões corporais;

- e) Os leitores brasileiros de Machado de Assis do final do século XIX, lia devagar, pulava e esquecia capítulos, preferindo que esses fossem curtos.

Esses enunciados compõe a terceira formação discursiva, qual seja: “Os modos de ler do final do século XIX segundo Machado de Assis”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa tivemos como objetivo identificar e compreender o que e como o escritor brasileiro Machado de Assis enunciou sobre os sujeitos leitores no final do século XIX, no Brasil. Observamos isso, conforme inscrito e materializado, em suas obras literárias: “Memórias Póstumas de Brás Cubas” (1881), “Quincas Borba” (1891) e “Dom Casmurro” (1899), lançando olhares analíticos sobre quem eram, na época, esses sujeitos, suas características e seus modos de leitura e escrita. Para tanto, recorremos ao aporte teórico do filósofo francês Michel Foucault em suas noções de “simulacro” e “transgressão” para a compreensão do texto literário; e também aos princípios arqueológicos, para escavar a superfície do discurso literário machadiano e extrair delas conjuntos de “enunciados” e “formações discursivas” que atendessem aos nossos objetivos.

Nesse intento, dividimos o texto dessa dissertação em três capítulos. Desses, os dois primeiros, teóricos, nos quais procuramos, por um lado, apresentar o entendimento de Michel Foucault em relação à Literatura e, por outro, o seu instrumental teórico-analítico para uma análise arqueológica do discurso. Já o último, analítico, no qual aplicamos as noções e conceitos anteriormente abordados junto às obras machadianas, com a finalidade de descrever alguns enunciados e formações discursivas.

Assim visto, no primeiro capítulo, empreendemos uma historicização do interesse de Foucault sobre a temática da Literatura, percorrendo cronologicamente os ensaios e entrevistas presentes, fundamentalmente, na Coleção “Ditos e Escritos”. Nesse movimento, distinguimos cinco posicionamentos do filósofo em relação à Literatura: a) quando Foucault escreve sobre a abordagem terapêutica de Binswanger; b) quando escreve seu doutorado e reflete sobre a obra de Rousseau; c) quando o filósofo se aproxima da revista “Tel Quel” e dos escritores Soller, Bataille, Roussel, Klossowski e Verner; d) quando se aproxima dos conceitos de “espaço” e Bachelard; e) quando Foucault se distancia da literatura, em razão de sua inserção nos estudos sobre o poder.

Já no segundo capítulo, detivemo-nos a estudar o que Michel Foucault concebia em relação à perspectiva arqueológica no âmbito dos estudos do discurso, considerando a obra “A Arqueologia do Saber” (1969). Vimos assim, que a proposta arqueológica toma o discurso em suas práticas de existência, e desse modo, exploramos os conceitos: “enunciado”, “série”, “sujeito”, “materialidade”, “campo associado”, “discurso” e “arquivo”.

Por fim, no terceiro capítulo, trouxemos nossas análises discursivas, apresentadas por meio de três formações discursivas, que circundaram os sujeitos leitores do final do século XIX, as características desses sujeitos leitores e os modos de leitura e escritas desses sujeitos segundo o olhar de Machado de Assis, nos gestos de simulação e transgressão.

Por meio das análises, obtivemos a primeira formação discursiva “Os sujeitos leitores do final do XIX segundo Machado de Assis” e vimos como enunciados discursivos que os homens brasileiros do final do século XIX, ricos, escolarizados e amantes dos livros, liam; por outro lado, outros homens, políticos, brasileiros, ricos e escolarizados do final século XIX, não liam; e por fim que as mulheres brasileiras do final do século XIX, escolarizadas, ricas ou não, liam. Já na segunda formação discursiva “As características dos sujeitos leitores do final do século XIX segundo Machado de Assis”, obtivemos como enunciado os leitores e as leitoras brasileiras do final século XIX se caracterizam, ora pela simulação ora pela transgressão, como: curiosos, impacientes, amigos, amados, atenciosos, beatos, pacatos e incrédulos. E, ao término, na terceira formação discursiva: “Os modos de ler do final do século XIX, segundo Machado de Assis”, observamos como os homens e as mulheres brasileiras do final século XIX, de diferentes posições sociais, escreviam, liam e também reliam diferentes textos, que poderiam ser anônimos; encontramos também que os leitores brasileiros do final do século XIX, escreviam, liam e reliam poesias, artigos para jornais, livros, almanaques, revistas, cartas, bilhetes e dedicatórias em fotografias; que os leitores brasileiros do final do século XIX, costumavam ler uns para os outros, diferentes textos como poesias, romances, textos filosóficos, contos e sentenças; que os homens e mulheres brasileiras, no final do século XIX, foram capazes de ler expressões corporais; e por fim, que os leitores brasileiros de Machado de Assis do final do século XIX, liam devagar, pulavam e/ou esqueciam capítulos, preferindo que estes fossem curtos.

Mediante a essas formações e enunciados discursivos, caracterizamos um arquivo discursivo, qual seja: “As práticas de leitores do final do século XIX, segundo Machado de Assis”.

Concluimos, assim, que Machado de Assis, na condição de autor de literatura, simula a todo tempo a consciência daquele que narra; daquele que viveu aquele momento e conheceu tão profundamente a história sobre os quais fala, ainda que, nas obras machadianas, os sujeitos personagens sejam fictícios. Ao analisarmos esses

sujeitos e suas práticas, vemos enunciados “de verdade”, à medida que aquele que escreve, o autor, não o faz a partir de uma ação inconsciente de seu tempo, mas cindido pela epistémê de sua época, de tal modo que suas palavras, suas escolhas, a “fábula” e a “ficção” que cria, materializa as condições sócio-histórico-culturais do espaço em que viveu.

Nesses termos, aos tocarmos como nosso interesse sobre quem eram os sujeitos leitores, suas características e seus modos de leitura inscritos nas obras de Machado de Assis, vemos que o escritor carioca, para além de um cânone literário, foi também um grande observador de seu tempo, dos seus leitores e suas práticas. Além disso, podemos ver ainda em Machado de Assis um educador, um “formador de leitores”, que procurou formar os leitores do seu tempo, indicando as maneiras de ler, e hoje, nos ensina pelas descrições e interlocuções deixadas em suas obras, quem eram os leitores de seu tempo, e particularmente, como abordamos, os leitores do final do século XIX.

Em suma, acreditamos ter alcançado o objetivo desta dissertação demonstrando os sujeitos, características e os modos leitura e escrita do leitor do final do século XIX segundo o olhar de Machado de Assis. Sobre isso, pareceu-nos que o aporte teórico e metodológico mobilizado foi suficiente e produtivo para nossas análises. Temos a convicção que o nosso esforço analítico não esgotou as possibilidades do *corpus*, tendo em vista nossas futuras análises dos textos literários pela ótica foucaultiana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, M. **Diferentes formas de ler**. 2001. Disponível em: < <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/Marcia/marcia.htm> > . Acesso em: 10 out. 2014. Nota nº 1 do texto: “Originalmente apresentado na Mesa-redonda Práticas de Leituras: história e modalidades, no XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Intercom, Campo Grande, 2001.

ANDRETTA, P. I. S. **O leitor contemporâneo e a obra de Machado de Assis: uma análise discursiva da crítica amadora em blogs**. 2013. — São Carlos: UFSCar, 2013. 139 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2013.

ANDRETTA, P. I. S. O que dizem os novos leitores de Machado de Assis sobre a leitura desse autor em blogs. **Versão Beta**, São Carlos, v. 10, n. 71, p. 71-81. abr.-jun. 2012.

ANDRETTA, P. I. S.; CURCINO, L. Machado de Assis e seus leitores da era da internet: o que se diz sobre os clássicos no Skoob. **Leitura. Teoria & Prática**, Campinas, v. 30, n. especial, p. 205-214, 2012.

ANDRETTA, P. I. S.; GASPAR, N. R. Um olhar discursivo nas capas de livros: diálogos entre as imagens e as palavras em Dom Casmurro. **Informação & Sociedade**, Paraíba, v. 22, n.2, p. 37-49, 2012. Disponível em: < <http://www.ies.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/10419/7756> > . Acesso em 01 out. 2012.

ASSIS, M. **Dom Casmurro**. Santa Catarina: MEC: NUPILL/UFSC: 2008c. (Coleção Digital Machado de Assis). Disponível em: < <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/romance/marm08.pdf> > Acesso em: 15 jun. 2014.

_____. **História de Quinze Dias**: 15 de agosto de 1876. MEC: NUPILL/UFSC: 2008. (Coleção Digital Machado de Assis). Disponível em: < <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/cronica/macr07.pdf> > Acesso em: 15

_____. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Santa Catarina: MEC: NUPILL/UFSC: 2008a. (Coleção Digital Machado de Assis). Disponível em: < <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/romance/marm05.pdf> > Acesso em: 15 jun. 2014.

_____. **Quincas Borba**. Santa Catarina: MEC: NUPILL/UFSC: 2008b. (Coleção Digital Machado de Assis). Disponível em: < <http://machado.mec.gov.br/images/stories/pdf/romance/marm07.pdf> > Acesso em: 15 jun. 2014.

_____. O ideal do crítico. In: _____. **O jornal e o livro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 7-12. (Coleção grandes ideias).

BAPTISTA, A. B. **A formação do nome**: duas interrogações sobre Machado de Assis. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003.

BARTHES, R. **Aula**: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França, pronunciada dia 07 de janeiro de 1977. 14. ed. Tradução e posfácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 2004.

BARZOTTO, V. H. (Org.). **Estado de Leitura**. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 19-30.

BOSI, A. **Machado de Assis**: o enigma do olhar. São Paulo, Ática, 1999.

CALDWELL, H. **O Otelo Brasileiro de Machado de Assis**: um estudo de Dom Casmurro. Tradução de Fábio Fonseca de Melo. Cotia: Ateliê, 2002.

CANDIDO, A. **Vários Escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: LE GOFF, Jacques. NORA, Pierre. **Fazer História**. Lisboa: Bertrand, 1977. p. 17-58.

CHARTIER, R. **A aventura do livro**: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Ed. UNESP; Imprensa Oficial do Estado, 1998.

COITO, R. F. O conceito de Leitura: da polissemia epistêmica. **Linguagem**, São Paulo, n. 10, p. 1-12, 2009.

_____. **Uma leitura inquieta**: o leitor infantil nos mistérios de Clarice Lispector. 2003. 212 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2003.

COITO, R. F.; GARBOSA, M. R. A História e a sua aproximação com a Literatura. **Linguagem**, São Paulo, n. 20, p. 34, 2013.

COITO, R. F.; SOARES, A. S. F. (Org.) . **Análise(s) do Discurso**: gestos de interpretação em superfícies materiais. Cascavel: Edunioeste, 2012.

CRUVINEL, M. F. **A leitura literária na escola**: a palavra como diálogo infinito. Araraquara, 2002. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, 2002.

CURCINO, L. **Práticas de leitura contemporâneas**: representações discursivas do leitor inscritas na revista VEJA. 2006. 337 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2006.

DELEUZE, G. **Foucault**. Tradução de José Carlos Rodrigues. 2ª ed. Lisboa: Vega, 1998.

DOSSE, F. **História do estruturalismo**. Tradução de Álvaro Cabral. Bauru, SP: EDUSC, 2007. v. I (Coleção História).

ECO, U. **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FERNANDES, C. A.; GAMA-KHALIL, M. M.; ALVES JUNIOR, J. A. (Org.) **Análise do discurso na literatura**: rios turvos de margens indefinidas. São Carlos: Claraluz, 2009.

FERNANDES, C. A.; SANTOS, J. B. C. **Análise do discurso: unidade e dispersão**. Uberlândia: **Entremeios**, 2004.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7 ed. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

_____. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

_____. **As palavras e as coisas**. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Além das fronteiras da filosofia.** Tradução de Wanderson Flor do Nascimento. S.L.: Espaço Michel Foucault, [200-?] Disponível em: < <http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/alem.pdf> >. Acesso em 10 de jun. 2014.

_____. **Arqueologia das Ciências e História dos Sistemas de pensamento.** 2. edição. Organização de Manoel Barros da Motta, tradução de Elisa Monteiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008a. (Ditos e Escritos II).

_____. **Dits et écrits: I.** 1954-1975. Paris: Gallimard, 2001a.

_____. **Estética:** literatura e pintura, música e cinema. 2 edição. Organização de Manoel Barros da Motta, tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. (Ditos e escritos, III).

_____. **Estratégia poder saber.** 2. edição. Organização de Manoel Barros da Motta, tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a. (Ditos e Escritos IV).

_____. **Linguagem e literatura.** In: MACHADO, R. Foucault, a filosofia e a literatura. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

_____. **O que é um autor?** 3ª ed. Tradução de Antonio Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. [Lisboa]: Veja: Passagens, 1992.

_____. **Microfísica do poder.** 15. edição. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2000a.

_____. **Problematização do sujeito:** psicologia, psiquiatria, psicanálise. 3. edição. Organização de Manoel Barros da Motta; tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2010. (Ditos e Escritos I).

_____. **Raymond Roussel.** Tradução de Patricio Canto. Buenos Aires, Siglo XXI, 1976.

_____. **Repensar a política.** Organização de Manoel Barros da Motta, tradução Ana Lúcia Paranhos Pessoa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a. (Ditos e Escritos VI).

FREIRE, P.; SILVA, E. T. Da leitura do mundo à leitura da palavra. In: BARZOTTO, V. H. (Org.). **Estado de Leitura**. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 169-178.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se complementam. 51. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GAMA-KHALIL, M. A ordem das interdições e dos diálogos na pena do Bruxo Cosme Velho. GREGOLIN, M. R.; BARONAS, R. (Org.). In: **Análise do Discurso**: as materialidades do sentido. São Carlos, Claraluz, 2001.

GAMA-KHALIL, M. O espaço metamorfose da literatura. In: MILANES, N.; GASPAR, N. R. (Org.). **A (des)ordem do discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

GARCIA, D. C. F. O leitor pensado a partir de sua prática de leitura: as crônicas do Correio Paulistano na década de 1850. **Versão Beta**, São Carlos, v. 71, n. 10, p. 37-48, 2012.

GASPAR, N. R.; ANDRETTA, P. I. S. Olhares enunciativos no discurso literário: uma análise das capas de Dom Casmurro. **Linguagem em (Dis)curso**, Santa Catarina, v. 11, n. 3, 2011. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ld/v11n3/a04v11n3.pdf> >. Acesso em 01 out. 2012.

GASPAR, N. R.; SOUSA, R. J. P. L. Discurso midiático: as identidades do sujeito mulher na imprensa feminina do século XIX. In: COITO, R. F.; SOARES, A. S. F. (Org.). **Análise do Discurso**: gestos de interpretação em superfícies materiais. Cascavel, EdUnioeste, 2012.

GLEDSON, J. **Por um novo Machado de Assis**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GUIMARÃES, Helio de Seixas. **Leitores de Machado de Assis**: o romance machadiano e o público de literatura no século 19. Campinas, 2001. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP.

JAPIASSÚ, H., MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 3.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

JOBIM, José Luís (Org.). **A biblioteca de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Topbooks; Academia Brasileira de Letras.

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias**: O novo ritmo da informação. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo, Atica, 2009.

LOTMAN, Iuri. **Teoria**: a estrutura do texto artístico. Lisboa. Tradução de Maria do Carmo Vieira Raposo e Alberto Raposo. Editorial Estampa, 1976.

MILANES, N.; GASPAR, N. R. (Org). **A (des)ordem do discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

MACHADO, R. **Foucault, a ciência e o saber**. 3. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.

_____. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

MASSA, J-M. **A juventude de Machado de Assis**: 1839-1870. Ensaio de biografia intelectual. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

_____. La Bibliothèque de Machado de Assis. **Revista do Livro**, v. 6, n. 21-22, p. 195-238, mar.-jun, 1961.

MEYER, A. **Preto & Branco**. Rio de Janeiro: MEC / INL, 1956.

MOREIRA, V.; PITA, J. A noção de delírio em Ludwig Binswanger e Arthur Tatossian. In: TATOSSIAN, A.; MOREIRA, V. (Org.), **Clínica do Lebenswelt**: psicoterapia e psicopatologia fenomenológica. São Paulo: Escuta, 2012. p. 263-273.

NUNES, B. Ética e leitura. In: BARZOTTO, V. H. (Org.). **Estado de Leitura**. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 193-206.

PEREIRA, A. **Machado de Assis**: ensaios e apontamentos avulsos. 2.ed. Belo Horizonte: Oficina de livros, 1991.

PEREIRA, L. M. **Machado de Assis**: estudo crítico e biográfico. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1936.

POMBO, O. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO SOBRE EPISTEMOLOGIA E INTERDISCIPLINARIDADE NA PÓS-GRADUAÇÃO. **Conferência ...** Porto Alegre: PUC, jun. 2004.

RAFAEL, Gina Guedes. Jornais, romances-folhetins e a leitura no século XIX: influências transatlânticas. **Iris - Revista de Informação, Memória e Tecnologia**, Recife, v, 1, n. 1, p. 32-42, jul-dez., 2012. Disponível em: < <http://www.repositorios.ufpe.br/revistas/index.php/IRIS/article/view/9/7> >. Acesso em: 07 out. 2014.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SCHWARZ, R. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo, Duas Cidades, 1990.

SOLLERS, P. Logique de la fiction. In: SOLLERS, P. **Logiques**. Paris: Seuil, 1968.

SOUTO, C. A. T. **O conceito de literatura em Foucault**. 2013. — São Carlos: UFSCar, 2012. 153 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, 2012.

VERSIANI, D.; YUNES, E.; CARVALHO, G. **Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura**. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012.

YUNES, E. Leitura e ética ou A ética da leitura. In: VERSIANI, D.; YUNES, E.; CARVALHO, G. **Manual de reflexões sobre boas práticas de leitura**. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2012.

_____. Leitura como experiência. In: YUNES, E; OSWALD, M. L. **A experiência da leitura**. São Paulo: Loyola, 2003.

ZILBERMAN, R. Sociedade e democratização da leitura. In: BARZOTTO, V. H. (Org.). **Estado de Leitura**. 2. ed. Campinas: Mercado de Letras, 2009. p. 31-46.

_____. **Brás Cubas autor**: Machado de Assis leitor. Ponta Grossa: UEPG, 2012.